



17

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ISSN: 2183-0924

MAI 2023

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

17

MAIO

2023

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Mai de 2023**

Volume: **17**

Capa: Intervenção na “casa” da Senhora da Alegria

(Foto de Miguel Lago)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

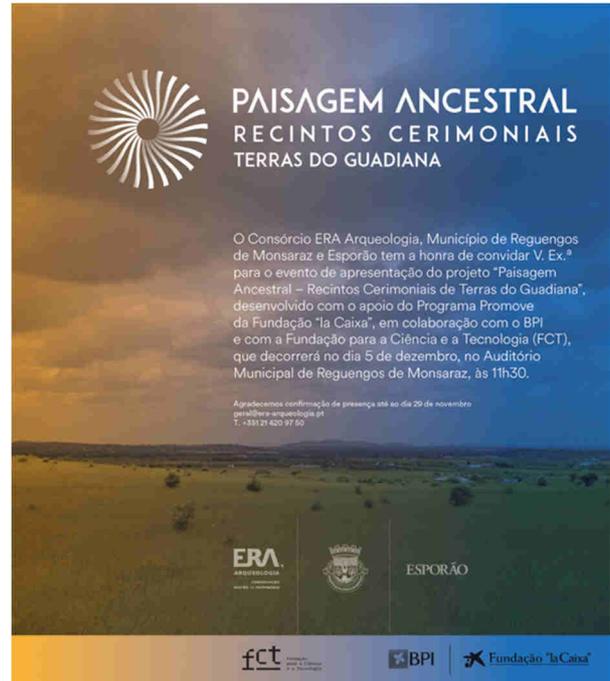
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Anabela Sá, Inês Mendes da Silva EVOLUÇÃO DO EDIFICADO NO PALÁCIO VAZ DE CARVALHO: CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA	37
António Carlos Valera, Rui Ramos, Tiago do Pereira UMA “CASA” SUB-RECTANGULAR EM CONTEXTO DO NEOLÍTICO FINAL NA SENHORA DA ALEGRIA (ALMALAGUÊS, COIMBRA)	09	Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Inês Mendes da Silva O CASO DA RUA DE SÃO TOMÉ, 76. CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO URBANA DE LISBOA (XI – XXI).	49
Ana Rosa RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO ÂMBITO DE UM PROJECTO DE MODIFICAÇÃO DE LINHA AÉREA NA HERDADE DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, ÉVORA)	21	João Miguez, Filipe Santos Oliveira ANTÓNIO DA GAMA PEREIRA - UMA ANOTAÇÃO BIOGRÁFICA	57
Márquez-Romero, J.E.; Caro-Herrero, J.L., Suárez-Padilla, J.; Mata-Vivar, E.; Milesi-García, L.; Jiménez-Jáimez V.; Cuevas- Albadalejo, P.; Costa, C. ARCHAEOLOGICAL ACTIVITIES CARRIED OUT BY THE UNIVERSITY OF MALAGA (2008-2016) AT THE PERDIGÕES ARCHAEOLOGICAL COMPLEX (REGUENGOS DE MONSARAZ. PORTUGAL): FINAL CONSIDERATIONS	27	Pedro Abade, Sofia Nogueira, Lucy S. Evangelista, Camila Lacueva, Diana Dinis UM CEMITÉRIO MODERNO NA TRAVESSA DE SANTA QUITÉRIA, LISBOA	63
		Hugo Bernardo Barreiros O MITO, IMANÊNCIA DAS IMAGENS. (ÍDOLOS, PETRÓGLIFOS E SIMULACROS	75



EDITORIAL

Projecto Recintos Cerimoniais

Património é hoje um agente social, cultural e económico fundamental para um desenvolvimento sustentável. No caso do património arqueológico, a relação com o turismo e indústrias criativas permite aumentar a oferta de programas culturais atractivos e diversificados, podendo ser um estímulo à complementaridade e às parcerias em rede, mediante a combinação de várias ofertas regionais. Uma lógica que é particularmente relevante nos territórios do interior, como alternativa ao modelo de sol e praia.

Mas sendo a cultura um factor competitivo cada vez mais importante, existe um vasto potencial desaproveitado no que respeita ao património arqueológico. No interior alentejano, os recintos de fossos pré-históricos são disso um exemplo gritante. Em grande medida desconhecidos do grande público, e sendo um património ameaçado pelos impactos negativos da crescente agricultura intensiva, constituem um conjunto patrimonial de grande relevância científica e cultural.

A sua activação social em rede com outras valências regionais é o objecto central de um novo projecto da ERA Arqueologia, em consórcio com o Esporão SA. e Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, e financiado pelo programa PROMOVE da Fundação La Caixa. Visa potenciar o significativo trabalho de inventariação e investigação que temos vindo a realizar na região sobre os recintos de fossos pré-históricos, utilizando como âncora regional o recinto dos Perdigões, recentemente classificado como Monumento Nacional.

António Carlos Valera

UMA “CASA” SUB-RECTANGULAR EM CONTEXTO DO NEOLÍTICO FINAL NA SENHORA DA ALEGRIA (ALMALAGUÊS, COIMBRA).

António Carlos Valera¹
Rui Ramos²
Tiago do Pereiro²

Resumo:

Durante a intervenção realizada pela empresa Omniknos no sítio da Senhora da Alegria (freguesia de Almalaguês, concelho de Coimbra), o qual apresenta ocupações do Neolítico Antigo, Médio e Final e dos períodos Tardo Romano e medievo, foi identificada a infraestrutura (buracos de poste) de uma casa de madeira alongada e de planta sub-rectangular. O presente texto descreve a estrutura, discute o seu enquadramento estratigráfico e cronológico na ocupação do Neolítico Final, a qual é brevemente caracterizada, e procura questioná-la no contexto de algumas evidências de arquitecturas ortogonais domésticas da Pré-História Recente peninsular.

Abstract:

A sub-rectangular “house” in a Late Neolithic context at Senhora da Alegria (Almalaguês, Coimbra).

During the intervention carried out by the company Omniknos at the site of Senhora da Alegria (parish of Almalaguês, municipality of Coimbra), which presents occupations from the Early, Middle and Late Neolithic and from the Late Roman period and Middle Age, the infrastructure (post holes) of an elongated wooden house with a sub-rectangular plan was identified. This text describes the structure, discusses its stratigraphic and chronological framework in the Late Neolithic occupation, which is briefly characterized, and seeks to question it in the context of some evidence for orthogonal domestic architectures in Late Prehistory in Iberia.

1. Introdução.

Em 2011 e 2012 a empresa Omniknos, assessorada pela ERA Arqueologia, desenvolveu um extenso trabalho de escavação de minimização de impactos (cerca de 4800m² intervencionados) no âmbito da construção da autoestrada da Concessão do Pinhal Interior no sítio da Senhora da Alegria. Nesta intervenção revelou-se um sítio com uma longa cronologia de ocupações, entre o Neolítico Antigo e a Idade Média, passando por contextos do Neolítico Médio, Neolítico Final, Bronze Final e período Tardo Romano. Até ao momento, apenas foi publicado um texto relativo aos contextos do Neolítico Antigo (Valera *et al.*, 2020) e um outro onde se faz referência a duas datações de radiocarbono obtidas para essa fase inicial do Neolítico e para os contextos atribuíveis ao Neolítico Médio (Valera, 2013). No presente texto é feita uma breve descrição dos contextos atribuíveis ao Neolítico Final no sentido de contextualizar uma casa específica, a qual será o foco desta publicação.

2. Localização: um nó nas ligações inter-regionais, numa área de recursos diversificados

O sítio da Senhora da Alegria localiza-se a sul da igreja do mesmo nome, a Nordeste da povoação Rio de Galinhas, freguesia de Almalaguês, concelho e distrito de Coimbra. As suas coordenadas geográficas genéricas são: 40°07'04.27"N, 8°23'16.42"W, a uma altitude que varia entre 204 e 192m.

Em termos morfoestruturais, a área de implantação do sítio integra-se na Orla Mesocenozóica Ocidental de Portugal Continental, sendo atravessada a Este pela falha Porto-Tomar-Badajoz-Córdoba, que marca, localmente, o limite entre a Orla Ocidental e o Maciço Hespérico.

¹ Era Arqueologia / ICAREHB-U.Algarve (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² Era Arqueologia (ruiramos@era-arqueologia.pt; tiagodopereiro@era-arqueologia.pt)

Distinguem-se assim duas unidades morfo-estruturais: as serras e planaltos calcários e as áreas deprimidas marginais, encerrando uma grande variedade de recursos geológicos, facto que está directamente relacionado com as estruturas resultantes das forças tectónicas que afectaram a região ao longo de milhões de anos até à actualidade.

A localização do sítio numa área de transição confere-lhe características particulares em termos litológicos, estando representadas as formações do soco da bacia nesta região, de idade precâmbrica e paleozóica, além dos primeiros depósitos de enchimento do Fosso Lusitaniano, constituídos por conglomerados, arenitos e argilas do Triásico. Numa área mais circunscrita podemos observar que a nascente encontramos o arenito ou grés, rochas essencialmente detríticas, datáveis do período Triásico e pertencentes ao chamado conjunto do Grés de Silves, que se prolongam através de uma estreita faixa, desde Tomar até Aveiro. Já para poente encontramos os calcários, que com o seu fraco teor argiloso e com a sua forte permeabilidade dão fruto a uma gama variada de formas cársicas, superficiais e de profundidade.

A geomorfologia da paisagem está igualmente fortemente condicionada pelo percurso final do Rio Mondego. Na zona da Portela, com a confluência com o rio Ceira, o rio deixa para trás o planalto beirão, o Maciço antigo e os percursos sinuosos e passa a um rio de planície. É este último troço de cerca de 48km e a sua bacia hidrográfica que definem a região natural do Baixo Mondego. Entre 8000-6000 AC ter-se-á iniciado a formação de uma ria flandriana no Baixo Mondego, a qual terá atingido a sua extensão máxima por volta de 3000 AC (Dias, 1987) e chegado às imediações da actual cidade de Coimbra, a escassos 11 km do sítio da Senhora da Alegria. Localizado numa área relativamente interior, a cerca de 41 km da costa, o local encontrava-se, de facto, mais próximo do litoral, através da penetração deste “braço de mar” que foi a ria flandrina do Mondego (Figura 1).

O sítio da Senhora da Alegria está, assim, localizado num ponto nodal, perto da cabeça da ria flandriana do Mondego, junto às portelas de acesso à bacia interior daquele rio e no extremo norte do vale norte-sul do rio Nabão que estabelece a ligação a sul (e por ele segue, precisamente, a auto-estrada do Pinhal Interior que deu origem à identificação do sítio). Um verdadeiro nó (significativamente foi ali implantado um nó da auto-estrada) nas ligações e relações entre diferentes territórios regionais, concretamente nas ligações entre o estuário do Baixo Mondego, a Beira Alta e o Tejo na zona do Maciço Calcário Estremenho. Esta localização terá sido central na história do sítio e dos papéis que desempenhou ao longo do Neolítico, ainda que com intermitências. Por outro lado, este carácter nodal conjugava-se com uma grande variedade litológica envolvente e com a proximidade à ria, que proporcionavam uma multiplicidade de recursos disponíveis a distâncias relativamente curtas. Em torno, é possível identificar zonas, não muito distantes, com matérias-primas utilizadas durante as fases da sua ocupação na Pré-Histórica Recente. Na Serra da Lousã existem afloramentos de rochas ígneas (granitos) e metamórficas (xistos e grauaques), na Serra de Sicó rochas sedimentares detríticas e químicas

(calcários e sílex), nos terraços do Rio Mondego quartzos e quartzitos.

Em termos mais locais, o sítio está implantado numa plataforma aplanada, mas elevada e inclinada no sentido Norte-Sul. A base estéril de assentamento das ocupações neolíticas é, contudo, variada. A metade Este é constituída pelo substrato arenítico coberto por depósitos areno-argilosos de cor alaranjada, amarelada e avermelhada. Já na parte Oeste verifica-se uma base rochosa constituída por siltitos e argilitos, coberta por sedimentos silto-argilosos de coloração amarelada, acinzentada e bege. Foi ainda detectada a presença de paleocanais, de cronologia indeterminada, e diáclases de orientação N-S e E-O. Estas características do substrato local facilitaram a escavação das estruturas negativas identificadas sobretudo nas fases de ocupação correspondentes ao Neolítico Médio e Final.

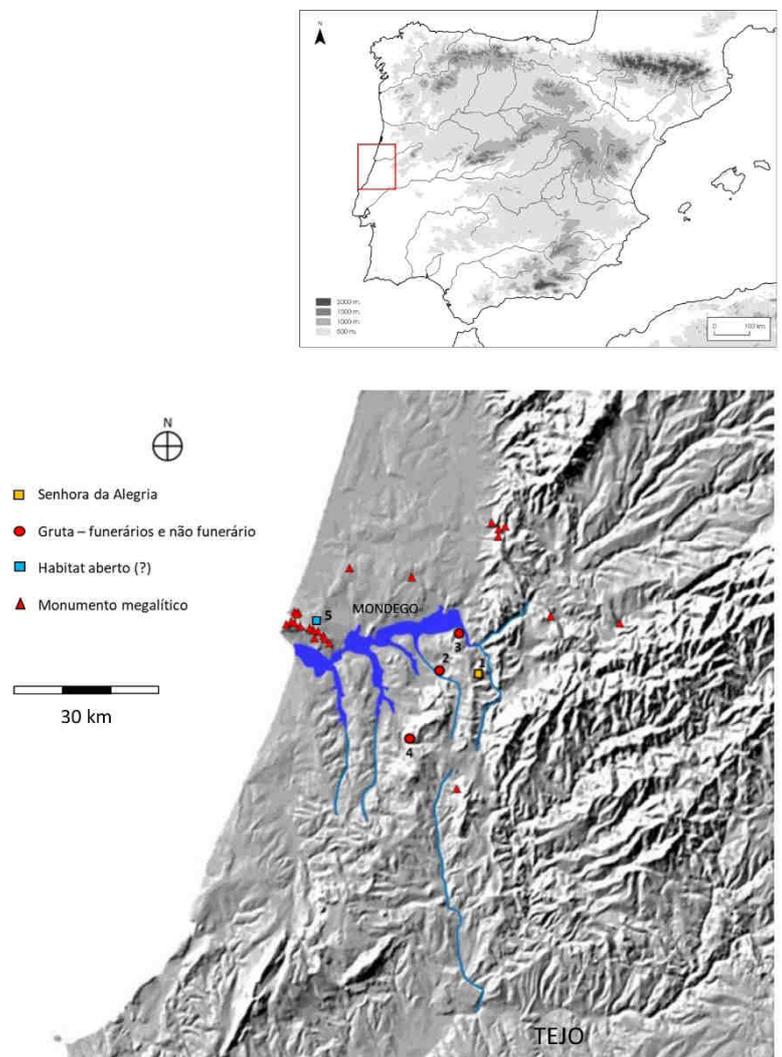


Figura 1 – Localização da Senhora da Alegria (1) no contexto do megalitismo regional e de outros sítios locais com ocupações atribuíveis ao Neolítico Final: 2. Buraca Grande; 3. Alqueves; 4. Pelónia; 5. Arneiro. Com esboço da área abrangida pela ria flandriana do Baixo Mondego (8000/6000 a.C. – 3000 a.C.), a partir de Dias, 1987.

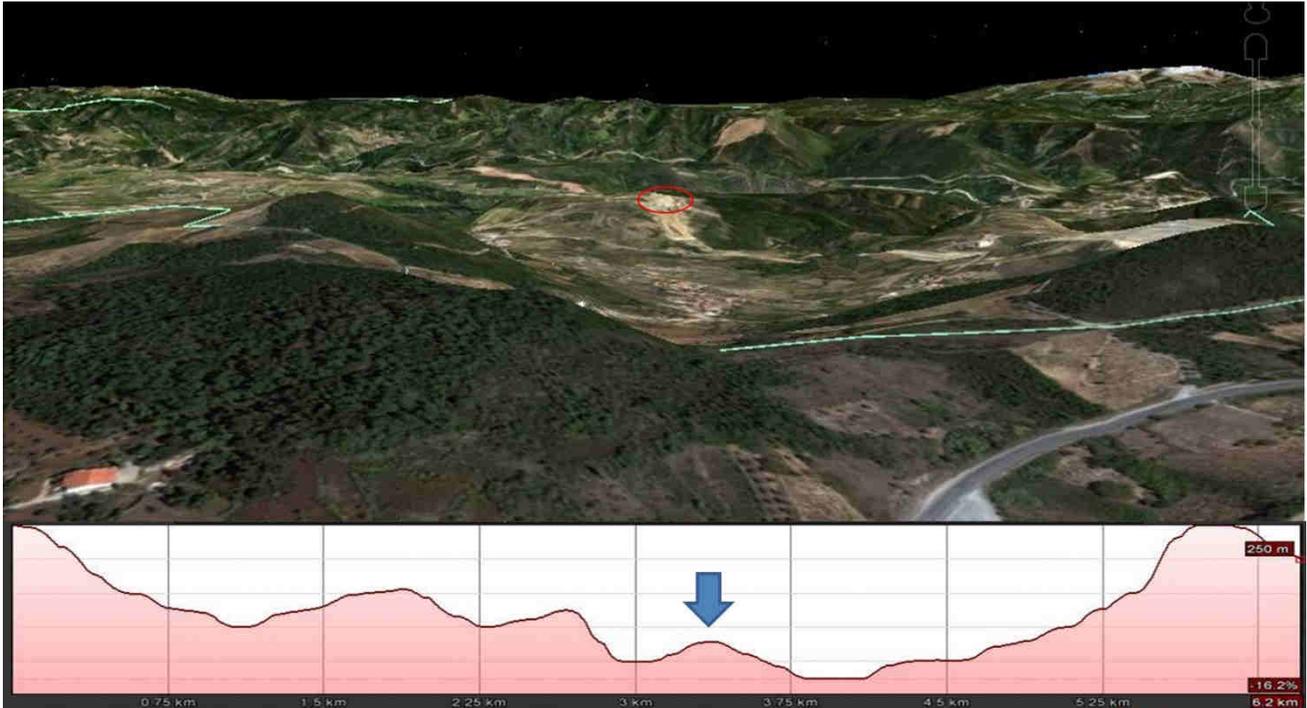


Figura 2 – Localização da Senhora da Alegria (círculo vermelho e seta azul) e perfil topográfico Este – Oeste. É visível o carácter de bacia em que a elevação do sítio se enquadra e a visibilidade relativamente restrita sobre a paisagem, condicionada pelas cotas maiores das elevações envolventes (fonte: Google Earth).

Situado num ponto alto, a sua visibilidade sobre a paisagem era, contudo, relativamente restrita, uma vez que o local se encontrava envolvido, praticamente a 360°, por elevações de cota mais alta. Apenas na direcção de Coimbra, portanto da cabeça da ria flandrina, a visibilidade se estendia um pouco mais, não directamente a partir do sítio, mas do vizinho topo do cabeço onde se encontra a igreja que lhe emprestou o nome (Figura 2).

3. A ocupação do Neolítico Final: breve caracterização.

Os contextos correspondentes ao Neolítico Final surgem em continuidade em relação à ocupação do Neolítico Médio (já datada por uma datação de radiocarbono - Beta-339601 - 4730 ± 40 BP - 3640-3370 cal a.C. 2σ - Valera, 2013), sobrepondo-se e cortando os seus depósitos e estruturas. Esta fase de ocupação correspondente ao Neolítico Final pode, por sua vez, ser dividida em dois momentos. O primeiro está relacionado com a construção e preenchimentos de vários fossos (Fossos 10, 15/16, 17 e 19) e o segundo com uma série de estruturas pétreas e formação de pisos de ocupação que cobrem os fossos já preenchidos. Algumas das estruturas externas aos fossos, contudo, localizam-se em zonas em que não cobrem fossos, podendo, assim, ser deles contemporâneas. Entre a globalidade de estruturas referenciadas nesta fase, positivas e negativas, foram identificados fossos, restos de muros, aglomerados pétreos, eventuais restos de cabanas, buracos de postes (Figura 3), aos quais se associava um grande número de materiais cerâmicos e líticos, tanto em pedra lascada como polida.



Figura 3 – Exemplos de estruturas integradas na fase do Neolítico Final da Senhora da Alegria: 1. Fosso 10; 2. Fosso 15/16; 3. possível lareira; 4. Alinhamento pétreo.

Relativamente aos materiais, o aparelho cerâmico é dominado por recipientes lisos (não há registos de cerâmicas decoradas), com morfologias onde dominam as taças (algumas das quais de carena alta), tigelas e esféricos. Na indústria lítica talhada, a componente laminar está bem representada e sobrepõem-se à componente lamelar nos produtos alongados. Embora as lamelas continuem frequentes, as lâminas de sílex (de dimensões apreciáveis),

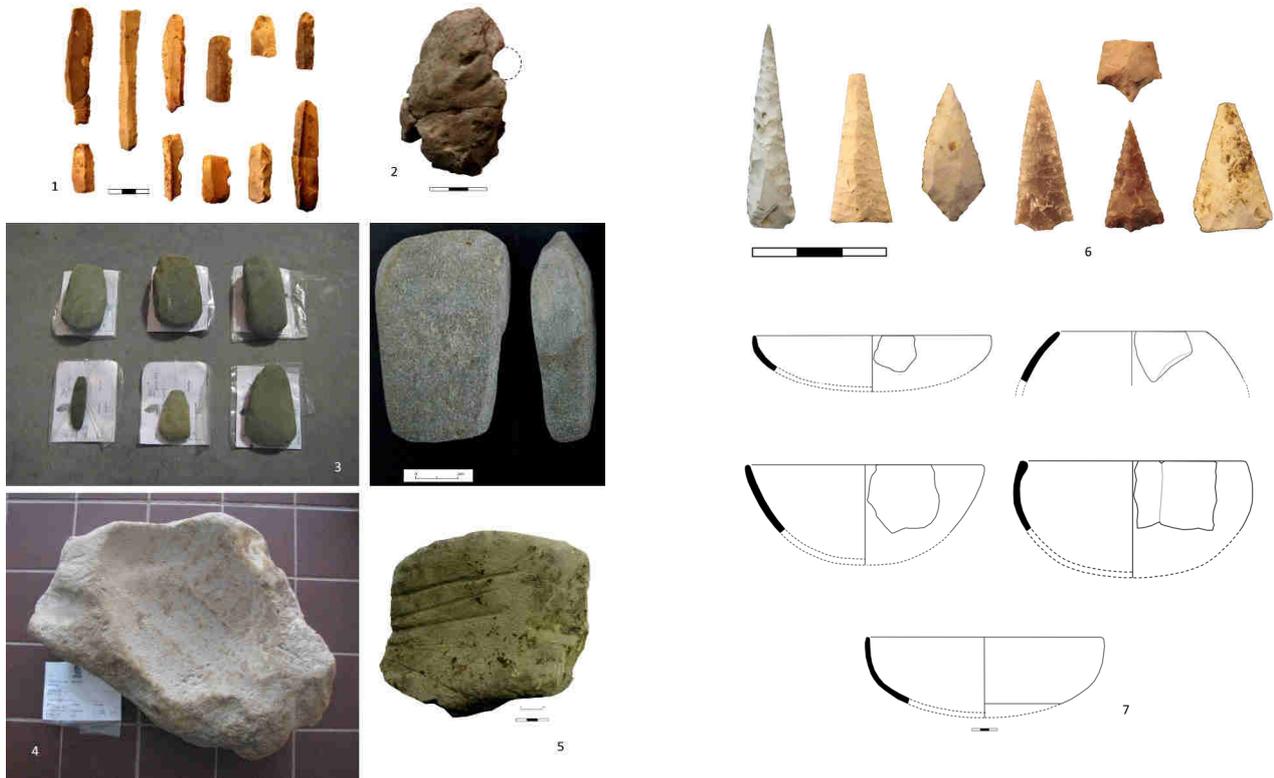


Figura 4 – Exemplo de materiais provenientes dos contextos do Neolítico Final da Senhora da Alegria: 1. Lâminas de sílex; 2. “Ídolo de Cornos” decorado; 3. Instrumentos de pedra polida; 4. Dormente de mó manual; 5. Polidor de instrumentos de pedra polida; 6. Pontas de seta em sílex; 7. Recipientes cerâmicos.

dominantemente segmentadas e retocadas, são mais abundantes. As lascas e utensílios sobre lasca estão presentes e as pontas de seta fazem o seu aparecimento no sítio, apresentando bases côncavas, triangulares e bicôncava (ou com pedúnculo sugerido) de retoque cobridor bifacial ou cobridor/marginal, sendo maioritariamente produzidas sobre suportes laminares em sílex. A pedra polida, com machados e enxós, torna-se ainda mais abundante que na fase anterior (final do Neolítico Médio) e com peças de maiores dimensões. Os elementos de moagem são igualmente mais frequentes e de maiores dimensões. Finalmente, e no âmbito do sagrado, registaram-se três fragmentos de ídolos de cornos em cerâmica, um dos quais decorado (Figura 4).

4. A “casa” sub-rectangular

A casa sub-rectangular localizava-se na extremidade Este da área intervencionada, numa zona onde ocorriam algumas estruturas em pedra exteriores aos fossos, os quais, nesta fase, apenas foram registados do lado Oeste, sob um outro conjunto de estruturas pétreas externas (Figura 5).

Encontrava-se, assim, relativamente isolada. Junto ao seu ângulo NO registou-se uma pequena aglomeração pétreia (8024 - Figura 7) com materiais integráveis no Neolítico Final. Outras estruturas e aglomerações pétreas apresentavam-se mais dispersas e afastadas, não sendo possível estabelecer relações estratigráficas directas entre estas e a casa.

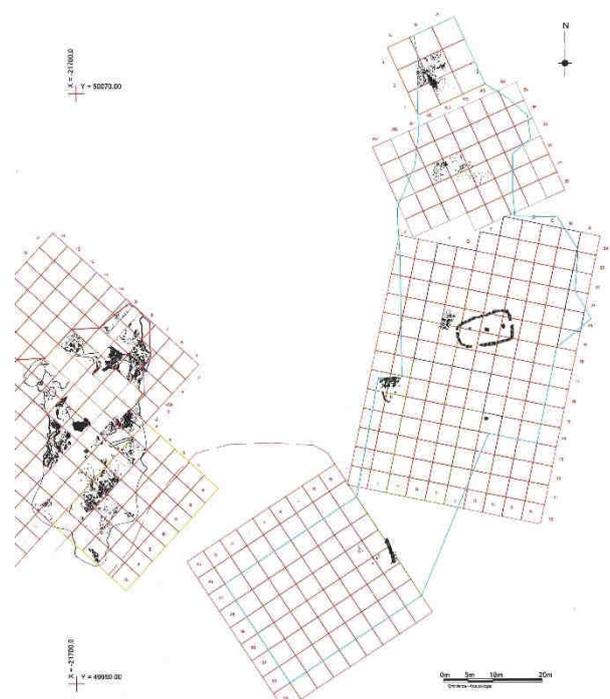


Figura 5 – Localização da casa sub-rectangular no contexto das estruturas pétreas externas a fossos, da fase do Neolítico Final da Senhora da Alegria.



Figura 6 – Aspecto da casa sub-rectangular da Senhora da Alegria. De ângulos ligeiramente arredondados, apresenta uma largura máxima de 5,5 metros e um comprimento de 11 metros.

Trata-se de uma casa de planta sub-rectangular, de ângulos arredondados e com o lado Oeste um pouco mais curto que o lado Este (o que lhe confere também um ligeiro aspecto por sub-trapezoidal). É definida por um conjunto de 33 grandes buracos de poste periféricos e por dois outros buracos de poste ao longo de um alinhamento central longitudinal (um terceiro buraco teria existido, mas terá sido afectado pela abertura de uma pequena sondagem prévia que não permitiu a identificação da estrutura – Figura 6). As suas dimensões são de 5,5 metros de largura máxima e de 11 metros de comprimento. Apresenta uma entrada genericamente orientada a Este, com um eixo central alinhado entre $257^{\circ} - 77^{\circ}$. A entrada tem uma amplitude de cerca de um metro e é marcada por uma pequena sanja com cerca de 15cm de largura máxima e 50 cm de comprimento, que abrange a sua metade sul (Figura 9).

Todos os buracos de poste, por vezes de grandes dimensões e sempre largos, apresentam um intenso preenchimento com calços de pequenas, grandes e médias dimensões. Estes calços são predominantemente em arenito/grés, mas também ocorrem em quartzito, quartzo, granito e xisto (esta última matéria-prima com carácter vestigial).

Vários destes buracos revelam dois momentos de preenchimento, com redução das áreas de implantação dos postes (e das dimensões destes), indicando que a estrutura foi sujeita a algumas remodelações ao longo da sua vida útil (Figura 10).

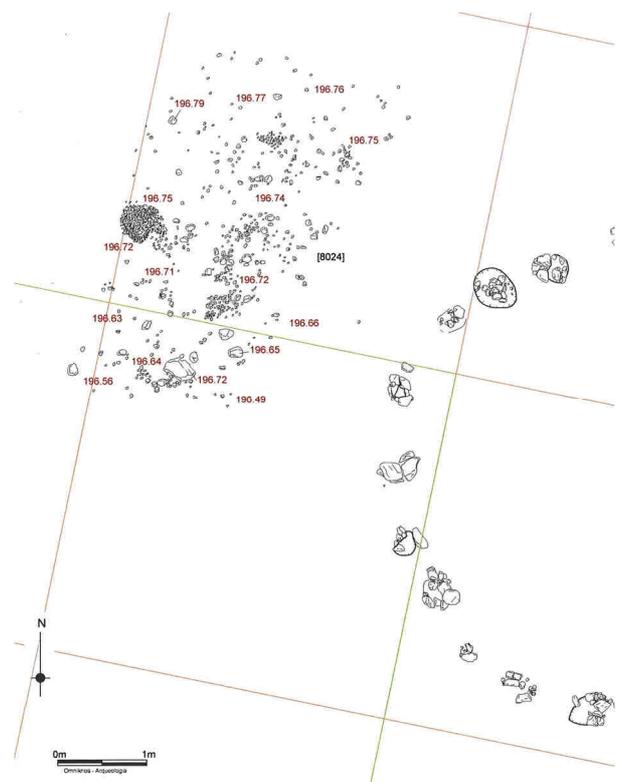


Figura 7 – Empedrado [8024] junto à extremidade Oeste da casa.



Figura 8 – Planta da casa sub-retangular e perfis dos buracos de poste.



Figura 9 – Entrada da casa, marcada por uma pequena sanja.

5. Enquadramento cronológico e discussão

Os buracos de poste desta estrutura foram abertos no depósito [3040], o qual constitui o solo sobre o qual a cabana foi edificada. Este depósito assenta directamente sobre um coluvião [3324], o qual cobre os contextos preservados do Neolítico Antigo. Os materiais recolhidos no depósito [3040] integram-se no espectro de materiais que caracterizam a ocupação do Neolítico Final da Senhora da Alegria anteriormente descrito (Figuras 4 e 11). Ou seja, no ponto em que se implanta a casa sub-rectangular a fase do Neolítico Médio não se faz representar.

No seu espaço interno, e ao nível da superfície em que se definiu o topo dos buracos de poste, não foram registados materiais. Contudo, entre o número muito reduzido de materiais recuperados no interior dos buracos de poste ocorre um fragmento de bordo de taça de carena alta (Figura 11), tipologicamente integrável no aparelho cerâmico típico do Neolítico Final do centro de Portugal.

Finalmente, o depósito que cobre os buracos de poste [3336] não forneceu qualquer material diagnóstico que permita uma atribuição cronológica relativa à sua formação, podendo dizer-se apenas que é *post* construção da casa.

Estas circunstâncias, associadas à proximidade de um aglomerado pétreo igualmente atribuído a esta fase, apontam para uma integração desta estrutura na ocupação do Neolítico Final da Senhora da Alegria, eventualmente na fase já posterior à colmatação dos fossos.



Figura 10 – Aspecto de alguns buracos de poste com evidências de remodelação.

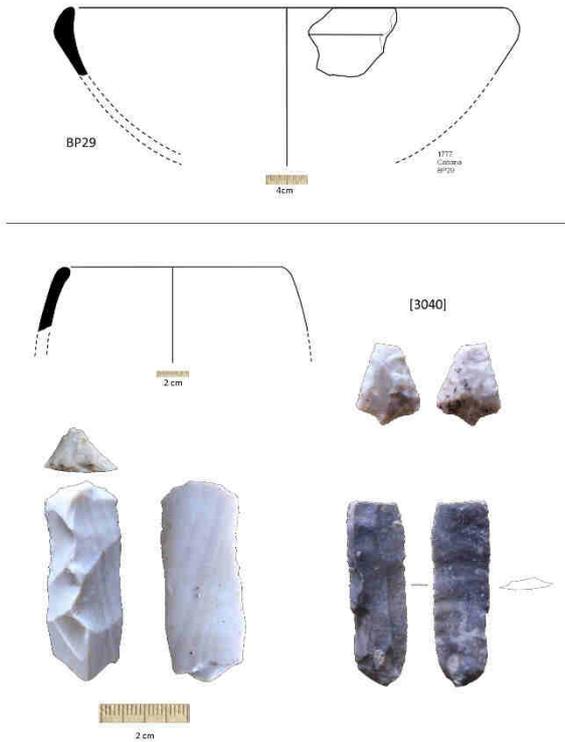


Figura 11 – Taça carenada proveniente do buraco de poste 29 e materiais provenientes do depósito [3040], no qual foram abertas as infraestruturas da casa sub-retangular.

Contudo, alguns aspectos devem ser considerados perante esta atribuição cronológica.

Primeiro, a datação realizada sobre carvões de pequenas dimensões recolhidos num dos buracos de poste (nº13). A data obtida sobre uma amostra de carvões de *Quercus* Sp. (Beta-350354 - 3730±30BP - 2200-2030 cal a.C. 2σ) não é compatível com os materiais e situação estratigráfica, apontando para um momento do início da Idade do Bronze, para o qual não existe qualquer evidência arqueológica no sítio. Na realidade, para a Idade do Bronze, mas atribuível ao Bronze Final, apenas se registou um depósito estruturado de uma taça carenada e fundo em *omphalos* no interior de um outro recipiente cuja morfologia não foi possível reconstituir (Figura 12). Trata-se de um depósito isolado, localizado numa área bastante afastada da casa. A datação obtida poderá, pois, tratar-se de uma situação de contaminação da amostra ou de migração dos carvões, já que os sedimentos dos diferentes depósitos intervencionados na Senhora da Alegria apresentavam sempre características silto arenosas.

Outro aspecto a considerar diz respeito às próprias características da estrutura, nomeadamente à sua tendência rectangular (ainda que de ângulos arredondados). De facto, casas com as características evidenciadas pela estrutura da Senhora da Alegria não são conhecidas para o Neolítico Final do actual território português ou mesmo peninsular, ainda que a existência de casas rectangulares nos inícios do Neolítico tenha sido proposta para alguns contextos.



Figura 12 – Depósito estruturado isolado de recipientes cerâmicos do final da Idade do Bronze.

Efectivamente, na busca de paralelismos com as chamadas “longhouses” do Neolítico centro europeu, a presença de casas alongadas de planta ortogonal foi assumida para o sítio de Castelo Belinho (Algarve), datado de meados/segunda metade do 5º milénio a.C., procurando dar sentido a um conjunto de buracos de poste (Gomes, 2008; 2021). Já na fachada mediterrânica da península são conhecidos alguns outros casos de plantas rectangulares para contextos do Neolítico Antigo e Médio inicial, como os sítios de Mas d’Is, em Valência, (Bernabeu Aubán *et al.*, 2003), de Ca n’lsach na Catalunha (Tarrús *et al.*, 2016) ou de Fuente de Isso em Albacete (Atiénzar, López, 2008), enquanto que para La Draga a reconstituição de casas palafíticas assume igualmente uma planta ortogonal (Campana, 2018).

Mais recentemente, e para Portugal, as primeiras evidências de plantas ortogonais no Calcolítico foram reclamadas para o sítio muralhado de Outeiro Redondo, em Sesimbra (Cardoso, 2019), onde alguns ângulos formados por muros foram identificados como pertencendo a cabanas rectangulares. Contudo, já Afonso do Paço havia identificado alguns compartimentos rectangulares em Vila Nova de São Pedro, mas sobre os quais não dispomos de informações (para além de imagens fotográficas), nem mesmo sobre a sua efectiva cronologia pré-histórica (Paço, Jalhay, 1942).

A realidade, contudo, é que a arquitectura entre meados do 4º e o final do 3º milénio a.C. é essencialmente caracterizada pela raridade dos ângulos rectos e de planos ortogonais, dando clara prevalência à linha curva, seja no desenho irregular, seja nas formas próximas da elipsoidal, da oval ou da circular, acompanhando o que parece ser uma tendência da Europa mais ocidental (Bradley, 2012).

De facto, a nível peninsular, é com a Idade do Bronze que a organização ortogonal do espaço começa a desenhar-se e a ganhar preponderância ao nível da arquitectura da estrutura. Por exemplo, na parte mais oriental do Vale do Douro, no “Horizonte de Parpantique” (Bronze Inicial), surgem casas de planta tendencialmente rectangular à base de postes (Fernández, Almeida 2011; Fonseca de la Torre, 2021), enquanto no Bronze Argárico e Levantino essas plantas estão

já bem representadas em construções em pedra e pedra e adobe (Lull *et al.*, 2015; Pastor Quiles, 2021).

Mas é mesmo já na Idade do Ferro que encontramos plantas de “casas” alongadas de postes que formalmente mais se aparentam com a estrutura da Senhora da Alegria. Casos das identificadas em diferentes sítios madrilenhos, como os de Las Camas e La Cuesta, que apresentam uma tendência rectangular, mas de extremidades arredondadas, e com um eixo central de postes (Agustí García *et al.*, 2012; Flores Fernández; Sanabria Marcos, 2012) (Figura 13).

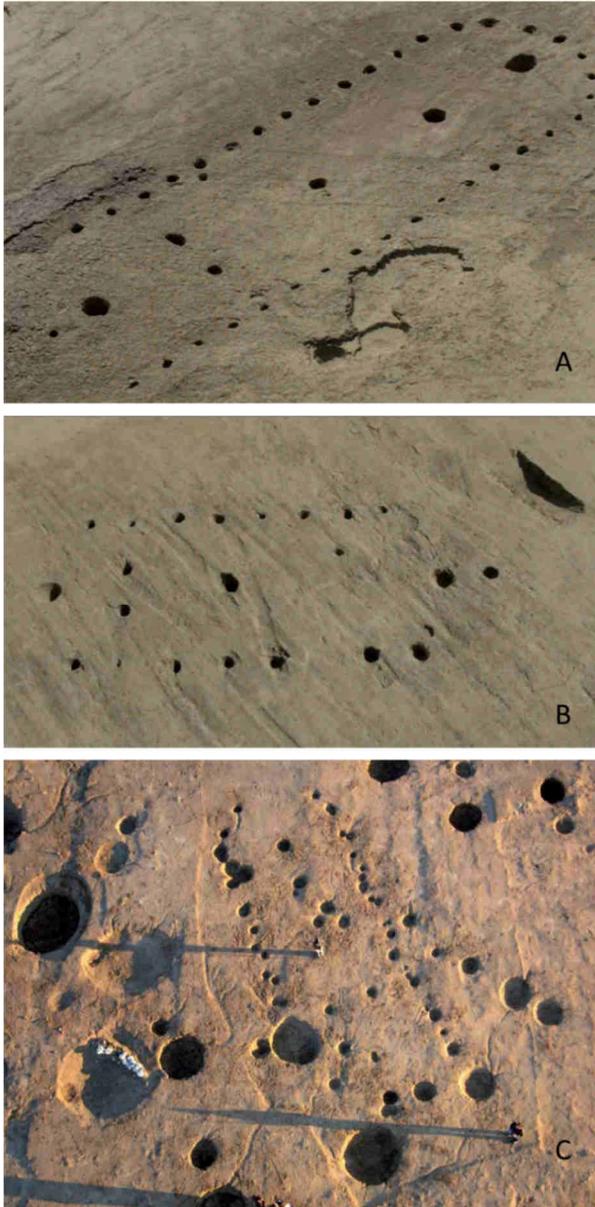


Figura 13 – “Longhouses” da Idade do Ferro na região de Madrid. A e B de Las Camas (segundo Agustí García *et al.*, 2012); C de La Cuesta (segundo Flores Fernández; Sanabria Marcos, 2012).

Tendo em conta este cenário e o carácter “solitário” da arquitectura desta casa da Senhora da Alegria no panorama do Neolítico Final peninsular, não podemos deixar de equacionar alguma dúvida relativamente ao seu

enquadramento cronológico. A datação obtida articula-se bem com o designado Horizonte Parpantique mesetenho (final do 3º / transição para o 2º milénio a.C. – Bronze Inicial), onde surgem já cabanas ortogonais. Os materiais neolíticos na zona da casa da Senhora da Alegria são do depósito prévio em que foram abertos os buracos de poste ou do aglomerado pétreo lateral, e a presença de um fragmento de taça carenada num dos buracos de poste poderia resultar precisamente do processo de abertura do buraco. Por outro lado, o depósito que cobria a estrutura não forneceu materiais arqueológicos diagnóstico, pelo que não é de todo impossível que a estrutura fosse mais tardia e construída na superfície de um solo de ocupação do Neolítico Final aflorante.

Mas esta dúvida resulta essencialmente do aspecto aparentemente anacrónico da estrutura, nomeadamente para o Neolítico Final da fachada ocidental da península. Na realidade, porém, mais improvável seria uma edificação, com o nível de investimento que esta pressupõe, ser mais tardia, da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, e não existirem quaisquer outros vestígios destas épocas em todo o sítio, com excepção do referido depósito isolado. Teremos, assim, que valorizar o seu enquadramento por contextos e materiais do Neolítico Final, assumindo o seu carácter excêntrico para o período. E levar em linha de conta a presença, ainda que de maneira igualmente pontual (e nem sempre evidente), da arquitectura ortogonal em contextos anteriores do Neolítico Antigo e posteriores do Calcolítico.

6. Nota Final

É um facto que, durante a Pré-História Recente, houve momentos e regiões europeias em que a arquitectura privilegiou a curva e o círculo. Richard Bradley (2012) abordou esta problemática a partir da arquitectura doméstica, numa perspectiva transregional de longa diacronia, sublinhando a tendência para as construções circulares ou à base da curva na Europa Atlântica, por oposição à tendência rectangular da Europa Central, mas onde, como sabemos, toda a tradição dos recintos cerimoniais de fossos, paliçadas e taludes (roundels ou kreisgrabenanlagen) é predominantemente circular.

No que respeita a Portugal, como parte integrante dessa fachada atlântica, a tendência foi também para uma arquitectura baseada na curva. Não se tratou, contudo, de um exclusivo, pois, como vimos, algumas construções existem onde o ângulo e até a ortogonalidade estão presentes ou são sugeridos.

As evidências de arquitecturas atribuíveis ao Neolítico Antigo são escassas. Foi referida a proposta de casas rectangulares para dar sentido a um conjunto de buracos de poste no sítio do Castelo Belinho datado essencialmente da segunda metade do 5º milénio AC, procurando uma situação paralelizável com as construções retangulares do Neolítico centro europeu. Esta situação, contudo, é caso único para o Neolítico Antigo em Portugal e as reconstituições de plantas propostas não são de forma alguma indiscutíveis. Já no que respeita aos cromeleques, cujas cronologias têm vindo a ser recuadas para momentos mais antigos dentro do Neolítico, o que se pode deprender das plantas existentes é um claro

pendor para o uso da curva, com desenhos elipsoidais ou hemi-elipsoidais abertos (em “U”). A exceção seria o cromeleque do Xerez, em quadrilátero, a aceitar-se as observações e argumentos apresentados na publicação da escavação arqueológica realizada sobre a reconstrução da estrutura feita em meados do século XX (Gomes, 2000), após ter sido descoberto no estado de total desmantelamento.

Para o Neolítico Médio a informação é escassa relativamente às arquiteturas domésticas. Contudo, no que respeita aos momentos iniciais do megalitismo, nomeadamente no sul de Portugal, no tradicionalmente designado proto-megalitismo, as câmaras funerárias apresentam plantas tendencialmente retangulares, sub-retangulares, trapezoidais ou sub-trapezoidais, ainda que algumas se aproximem da elipse ou do ovalado e outras sejam envolvidas por tumulus de pendor circular, como os sepulcros dos Godinhos ou da Barroca (Mataloto *et al.*, 2016/17). A linha curva, porém, não parece ainda ter ganho qualquer tipo de preponderância nestes tempos mais recuados do Neolítico do ocidente peninsular.

Será a partir do final desta fase (c. 3500-3400) que a curva, o traço ondulante e as aproximações à geometria do círculo, da elipse e outras formas afins se começam a afirmar, para se tornarem dominantes no Neolítico Final e sobretudo no Calcolítico. A tendência para a circularidade começa a afirmar-se nas câmaras de hipogeus e de monumentos megalíticos e nas estruturas tumulares destes últimos. Os primeiros recintos de fossos fazem o seu aparecimento, e com eles os traçados ondulados, já patentes nos fossos mais antigos dos Perdigões (Valera, 2018). A partir dos últimos três séculos do 4º milénio e durante o 3º milénio a.C., a propensão para a curva impõe-se nos recintos, nos traçados sinuosos ou lobulados dos fossos, nas construções de cabanas e torres, em traçados de muralhas, nas câmaras dos monumentos de tipo *tholos*, na construção de “timber Circles” cerimoniais, ou seja, em praticamente todas as categorias da arquitetura da época.

Existem, todavia, algumas situações dissonantes. Podemos vê-las nos ângulos abertos formados por muralhas nos recintos de S. Pedro (Mataloto, 2010) ou Porto das Carretas (Silva, Soares, 2010) e num dos fossos exteriores de Moreiros 2 (Valera *et al.*, 2013). O mesmo acontece na Estremadura, onde também se registam alguns desvios, como a planta proposta para o recinto muralhado da Pedra do Ouro (Leisner, Schubart, 1966) ou as referidas estruturas ortogonais no recinto de Outeiro Redondo e eventualmente em Vila Nova de S. Pedro. São, contudo, situações pontuais e que não mascaram a preponderância de uma arquitetura à base da linha curva e da tendência circular. A cabana da Senhora da Alegria será uma dessas singularidades.

Referências Bibliográficas

AGUSTÍ GARCÍA, E.; MORÍN DE PABLOS, J.; URBINA MARTÍNEZ, D.; LÓPEZ FRAILE, F.J.; SANABRIA MARCOS, P.J.; LÓPEZ LÓPEZ, G.; LÓPEZ RECIO, M.; ILLÁN ILLÁN, J.M.; SAINZ DE LOS TERREROS, J.Y.; MONTERO, I. (2012) – El yacimiento de Las Camas (Villaverde, Madrid). Longhouses in the Meseta Central. In: Morín de Pablos, J.; Urbina Martínez, D. (eds.), *El primer milenio a.C. en la Meseta Central. De la longhouse al oppidum*. Madrid. Audema: 111-147.

ATIÉNZAR, G.G.; LÓPEZ, F. (2008) – El yacimiento de Fuente de Isso y el poblamiento neolítico en el Campo de Hellín (Albacete). *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. 1: 117-125.

BERNABEU AUBÁN, J.; OROZCO KÖHLER, T.; DIEZ CASTILLO, A.; GÓMEZ PUCHE, M.; MOLINA HERNÁNDEZ, F. J. (2003) – Mas d’Is (Penàguila, Alicante): Aldeas y recintos monumentales del Neolítico inicial en el Valle del Serpis. *Trabajos de Prehistoria*. 60(2): 39-59.

BRADLEY, R. (2012) – *The idea of order. The circular archetype in Prehistoric Europe*. Oxford, Oxford University Press.

CAMPANA, I. (2018) – *Prehistoric house and 3D reconstitution: towards a BIM archaeology*. Tese de doutoramento. Barcelona. Universidad Autonoma de Barcelona. Policopiado.

CARDOSO, J.L. (2019) – Primeiras evidências de plantas ortogonais no Calcolítico da Estremadura portuguesa: as cabanas do povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Akra Barbarion*. 3: 147-155.

DIAS, J.M.A. (1987) – *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental setentrional portuguesa*, Policopiado.

FLORES FERNÁNDEZ, R.; SANABRIA MARCOS, P.J. (2012) – La Cuesta, Torrejón de Velasco (Madrid): un hábitat singular en la I Edad del Hierro. In: Morín de Pablos, J.; Urbina Martínez, D. (eds.), *El primer milenio a.C. en la Meseta Central. De la longhouse al oppidum*. Madrid. Audema: 149-171.

GOMES, M.V. (2000) – Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos. *Das Terras do Xerez às novas Terras da Luz*. Memórias d’Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva. 2: 17-192.

GOMES, M.V. (2008) – Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first southwest Iberian villages. In: M. Diniz (ed.), *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula. Regional and transregional components*. BAR International Series, 1857: 71-78.

GOMES, M.V. (2021) – Castelo Belinho, a pristine Neolithic village on the Southwestern Iberian Peninsula: spaces, structures, functions and symbols, at the rise of urbanization. *Expression*, 32: 58-73.

LULL, V.; MICÓ PÉREZ, R.; RIHUETE HERRADA, C.; RISCH, R. (2015b) – Transition and conflict at the end of the 3rd millennium BC in south Iberia. *2200 BC- Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt?/ 2200 BC*. 7. Mitteldeutscher Archäologentag vom 23. Bis 26. Oktober 2014 in Halle (Saale). Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 12/1: 365-407.

MATALOTO, R. (2010) – O 4º e o 3º milénio a.C. no povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In: V. Gonçalves, A.C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio a.n.e.. Cascais*. CMC: 263-295.

MATALOTO, R.; ANDRADE, M.A.; PEREIRA, A. (2016/17) – O megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23: 33-156.

PAÇO, A.; JALHAY, E. (1942) – A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3ª, 4ª e 5ª campanhas – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, Separata, Lisboa, Vol. XXXIV. 6: 2-31.

PASTOR QUILES, M. (2021) – *Procesos constructivos y edificación con tierra durante la Prehistoria Reciente en las tierras meridionales valencianas*. Servicio de Investigación Prehistórica del Museu de Prehistoria de Valencia. 126. Valencia. Diputación de Valencia.

SILVA, C.T.; SOARES, J. (2010) – O povoado fortificado do Porto das Carretas. In: V. Gonçalves, A.C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio a.n.e., Cascais*. CMC: 225-261.

TARRUS, J.; ALIAGA, S.; CHINCHILLA, J.; MERCADEL, O. (2016) – Ca n’lsach (Palauverdà): un poblado neolítico (V-IV milenio aC) en la zona dolménica del Alt Empordà. In: H. Bonet Rosado (Coord.). *Del neolític a l’edat de bronze en el Mediterrani occidental. estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. Valencia. Diputación de Valencia: 249-256.

VALERA, A.C. (2013) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal*

150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. AAP: 335-343.

VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdígões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac)*. Perdígões Monográfica. 1. Lisboa. NIA-ERA.

VALERA, A.C.; BECKER, H.; BOAVENTURA, R. (2013) – Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 37-46.

VALERA, A.C.; REIS, H.; PEREIRO, T. DO; RAMOS, R. (2020) – O povoado do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria e a problemática da contextualização da cerâmica impressa no centro litoral de Portugal, in: Salvador Pardo-Gordó; Anna Gómez-Bach; Miquel Molist Montaña; Joan Bernabeu Aubán (eds.), *Contextualizando la cerâmica impressa: horizontes culturales en la Península Ibérica*. Barcelona. UAB: 183-200.

RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO ÂMBITO DE UM PROJECTO DE MODIFICAÇÃO DE LINHA AÉREA NA HERDADE DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, ÉVORA).

Ana Rosa¹

Resumo:

No seguimento de trabalhos de acompanhamento arqueológico para a construção de um novo poste de alta tensão, no âmbito do projecto “Modificação da Linha Aérea de MT a 30KV, EV30-21-02 Perdigões (Vinha)”, na Herdade dos Perdigões, foram identificados vestígios enquadrados em cronologias da pré-história recente, o que justificou a realização de uma escavação de emergência no local.

Da intervenção, foram registados níveis de derrube, associados a uma estrutura pré-existente, e abundante espólio cerâmico e lítico, os quais, directamente relacionáveis com a ocupação no Monte dos Perdigões. Estes contextos, encontravam-se afectados por infra-estruturas contemporâneas, no entanto, tornam-se particularmente pertinentes para compreender o raio de influência do sítio em toda a sua envolvente.

Abstract:

Results of archaeological work carried out in the framework of an airline modification project at Herdade dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora).

Due to the archaeological follow-up for the construction of a new high voltage pole, as part of the project “Modificação da Linha Aérea de MT a 30KV, EV30-21-02 Perdigões (Vinha)”, in Herdade dos Perdigões, several traces referring to recent prehistory were identified, thus justifying an emergency excavation at the site.

From this intervention it was possible to record levels of collapse, associated with a pre-existing structure, as well as abundant ceramic and lithic estate, which can be directly related to the occupation on “Monte dos Perdigões”. These contexts were affected by contemporary infrastructure. However, they become particularly relevant to understanding the influence radius of the site throughout its surroundings.

1. Nota introdutória

O sítio arqueológico dos Perdigões localiza-se a cerca de 2 km a Nordeste de Reguengos de Monsaraz, na extremidade oeste do vale da ribeira do Álamo, na vertente de uma elevação aberta sobre a planície megalítica de Reguengos, tendo como horizonte visual a elevação de Monsaraz, a nascente.

Administrativamente, o local, situado numa parcela de terreno pertencente à Herdade dos Perdigões, localiza-se na freguesia e concelho de Reguengos de Monsaraz, no distrito de Évora (CMP, folha 473, à escala 1/25000) – Figura 1.

Desde a identificação do sítio, em 1997, o Monte dos Perdigões tem sido alvo de campanhas anuais, tendo, até ao momento, permitido caracterizar um complexo sistema de fossos, com áreas habitacionais e sepulcrais associadas, e um recinto megalítico (CNS 14573), situado a Este, na transição do anfiteatro natural para a planura do vale do Álamo.

No âmbito do projecto “Modificação da Linha Aérea de MT a 30KV, EV30-21-02 Perdigões (Vinha)”, na Herdade dos Perdigões, a cerca de 600 m para Norte do sítio arqueológico (Fig.1), foi proposta a substituição de um poste de alta tensão, obrigando, por isso, a movimentações no subsolo para a construção das fundações do futuro Apoio nº 11.

¹Era Arqueologia (anarosa@era-arqueologia.pt)

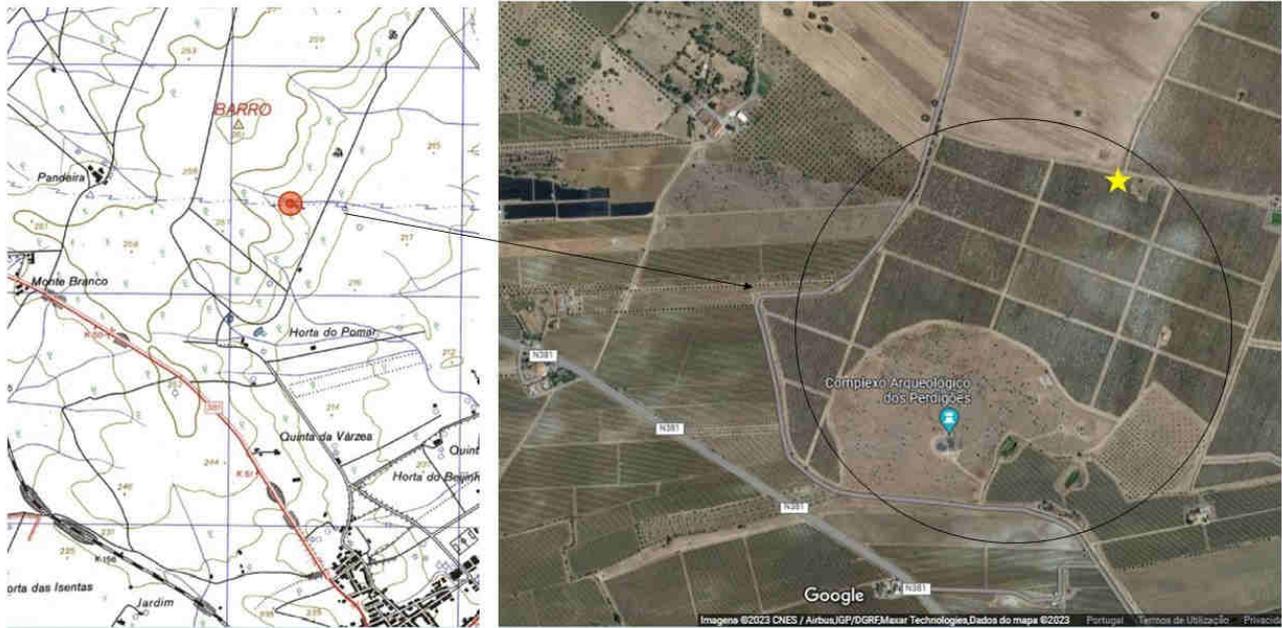


Figura 1 – Localização do sítio, respectivamente, em excerto da Carta Militar de Portugal, folha 473, à escala 1/25 000 e em Ortofotomapa (in GoogleMaps, modificado).

Numa primeira fase, foram realizados trabalhos arqueológicos, pela empresa ArqueoScallabis, Lda, os quais, conduziram à identificação de contextos caracterizados como “um nível constituído por um aglomerado pétreo (maioritariamente de gabros) embalado numa matriz argilosa de cor cinzento-claro, muito compacto” (Carneiro, 2021), e, onde eram visíveis inúmeros fragmentos cerâmicos e alguns restos faunísticos. Posteriormente, foi efectuada a prospecção geofísica da zona, a cargo de uma equipa da ERA Arqueologia liderada pelo Dr. Tiago do Pereiro, que confirmou a presença de anomalias interpretadas como arqueológicas relacionáveis com a Herdade dos Perdigoes 1, correspondendo a uma ocupação de tipologia indeterminada de cronologia pré-histórica (Calcolítico).

Dada a sensibilidade arqueológica do local, face aos resultados obtidos, e, de modo a dar cumprimento ao disposto no ofício de aprovação do relatório final dos trabalhos arqueológicos, preconizou-se a escavação arqueológica integral da área a afectar pela colocação do poste, bem como, da área considerada necessária para a compreensão dos contextos aí existentes.

Em Julho de 2022, foi implantada uma sondagem arqueológica, numa área total de 20 m², que possibilitou a recolha de dados adicionais sobre a ocupação envolvente ao sítio.

2. Trabalhos realizados

2.1 Descrição e estratigrafia

No âmbito do projecto “Modificação da Linha Aérea de MT a 30KV, EV30-21-02 Perdigoes (Vinha)”, foi proposta a realização de uma sondagem suficientemente abrangente que permitisse a compreensão dos contextos arqueológicos

identificados e a construção do novo Apoio - nº 11. Nesse sentido, foi implantada uma sondagem com as dimensões de 6m x 2m, escavada até aos 2m de profundidade.

Os trabalhos iniciaram-se com a decapagem mecânica da camada vegetal (U.E 100), sob a qual foi identificado um canal de drenagem. A vala, orientada no sentido SE-NO, apresentava, na base, um depósito pétreo (U.E 101), composto por seixos rolados. Esta estrutura (U.E 102), foi aberta num depósito sedimentar argiloso, muito compacto, de tonalidade castanho-escuro, com frequente inclusão de nódulos de calíço e raízes (U.E 104).

A estratigrafia subsequente era constituída por uma sobreposição de depósitos de aterro, provavelmente, resultantes da abertura do poço-cisterna, com túnel associado, que se encontrava defronte à área escavada.

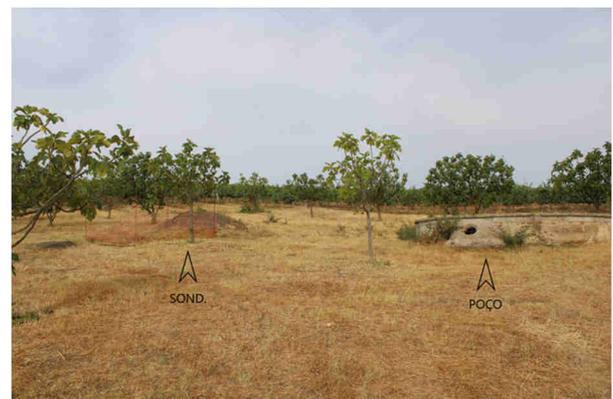


Figura 2 – Relação de proximidade entre o poço-cisterna e a sondagem arqueológica.

Do topo para a base da sequência, foram identificados os depósitos atribuídos com as U.E's 107, 103 e 105 que serviam de cobertura a níveis de derrube (U.E's 108 e 109).

Os derrubes obedeciam à pendente do terreno, apresentando uma dispersão de blocos pétreos de pequena e média dimensão, rolados na direcção N-S, e, entre os quais, se identificou material de construção.

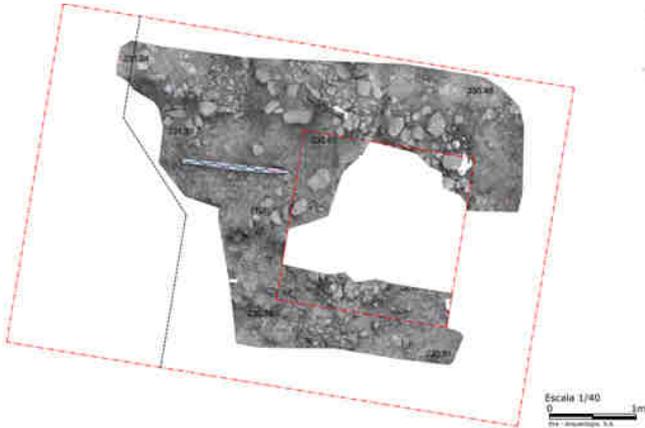


Figura 3 – Fotogrametria do derrube [108].



Figura 4 – Plano do derrube [108].

Após o levantamento dos planos pétreos, foi identificada uma camada de composição areno-argilosa, medianamente compacta, de tonalidade castanha, com inclusão de nódulos de argila avermelhada e blocos pétreos de reduzidas dimensões (U.E 106). Pelas características do depósito e, em consideração aos fragmentos de cerâmica de construção, ainda detectados, se entende o grau de revolvimento do terreno e a afectação que a construção da cisterna teve sobre uma determinada estrutura pré-existente.

Sob o plano [106], foi identificada uma interface (U.E 112), cuja função não foi determinada. Apresentava um contorno sub-rectangular, de paredes e fundo irregulares. Encontrava-se preenchida por um depósito sedimentar areno-argiloso, compacto, de tonalidade castanho, com presença de nódulos de caliço, pequenas pedras e raízes (U.E 111).

A interface [112], cortava a camada [110], esta, correspondente a um depósito heterogéneo composto por um sedimento argiloso, castanho-amarelado, muito compacto, intercalado com níveis de saibro.

À cota de obra, os trabalhos finalizaram com a identificação do depósito [114], uma mancha que ocupava parcialmente a zona SE da sondagem, e que cobria directamente o substrato geológico (U.E 113).

3. Espólio

No decorrer dos trabalhos de escavação, foi recolhido um conjunto significativo e diversificado de material. Devido ao impacto no subsolo por obras recentes, nomeadamente, pela construção de um poço-cisterna, o espólio resulta, essencialmente, de camadas de aterro, verificando-se a coexistência de peças enquadradas em cronologias da pré-história e cerâmica mais recente produzida a torno.

Uma análise preliminar ao espólio pré-histórico, permitiu integrar cronologicamente os materiais, compostos por cerâmica manual e indústria lítica, no Calcolítico.

A cerâmica é composta por 863 fragmentos (124 NMI), sendo constituída, no todo, por peças lisas. De acordo com a metodologia aplicada noutros trabalhos para o estudo da cerâmica dos Perdighões (Basílio, 2017), identificámos, no presente conjunto, duas tipologias formais: os pratos e as taças – Figura 5. Em ambas as categorias, os recipientes apresentam variações morfológicas ao nível do bordo, destacando-se os perfis simples e com espessamento interno. Em particular sobre as taças, encontramos, sobretudo, peças simples ou com carena pouco pronunciada e, onde se integra, o único fragmento com decoração mamilar (Figura 5: 16).

Os elementos de tear apresentam-se em número reduzido, duas peças, cada qual, com características diferenciadoras e que se podem prender “com distintas tradições e técnicas de tecelagem ou, eventualmente, à obtenção de distintos produtos finais” (Mataloto, 2013:251). Um primeiro exemplar, produzido em cerâmica, trata-se de um “crescente”, de secção circular, o qual, preserva apenas um furo (fracturado) – Figura 6: 19; por oposição, o segundo exemplar, sobre pedra, caracteriza-se pela tipologia circular, com uma perfuração central – Figura 6: 18.

A pedra lascada está representada por 54 fragmentos, com presença destacada para uma micro-indústria composta por 42 lascas e dois fragmentos de lâmina. Do ponto de vista tecnológico, predominam cadeias operatórias de debitação expeditas e simples, verificando-se a presença residual de produtos transformados. O grupo é dominado pelas lascas em bruto e com retoque (Figura 6: 21-24), verificando-se, entre a baixa presença de utensílios, os entalhes (Figura 6: 25-26), e os trapézios (Figura 6: 27). Da mesma forma, os núcleos (8 peças), foram trabalhados com vista à obtenção de lascas, destacando-se um elemento discoide, com orientação centrípeta (Figura 7: 29). De um modo geral, este grupo de artefactos líticos foram produzidos com recurso à matéria-prima local.

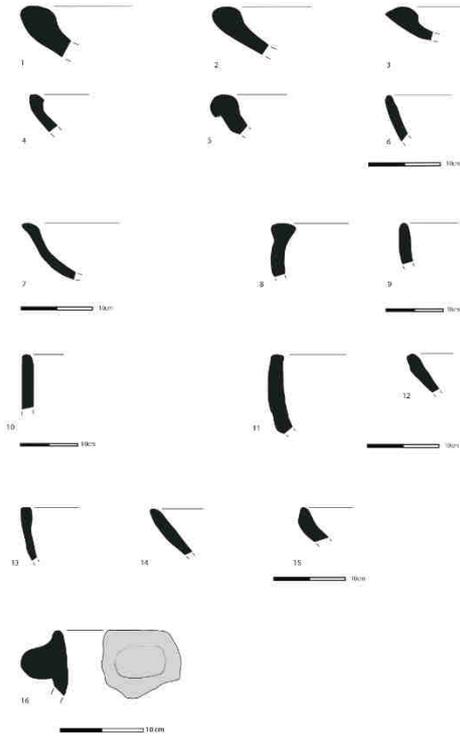


Figura 5 – Amostra de cerâmica identificada: pratos (1-8), e taças (9-16).

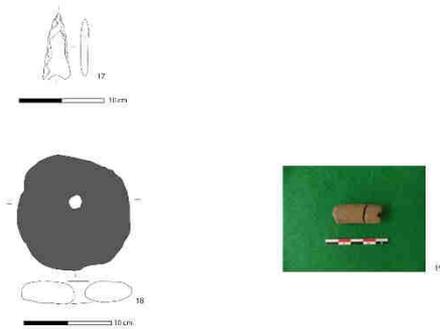
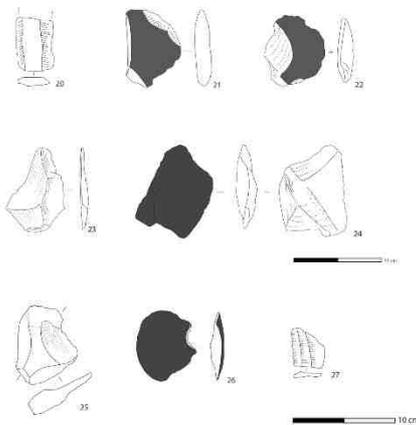


Figura 6 – Ponta de seta (17), pesos de tear (18-19); fragmento de lâmina (20); lascas com retoque (21-24); utensílios sobre lasca: entalhes (25-26), e trapézio (27).



No conjunto, inclui-se duas pontas de seta. A única que se apresenta bem conservada, foi fabricada a partir da rocha local (cherte), e caracteriza-se pela tipologia de base côncava (Figura 6: 17).

No que respeita à pedra afeiçãoada, foram identificados uma mó e três moventes (Figura 7: 30-31), cujas peças, inteiras, demonstram superfícies activas polidas, resultado de uma intensa utilização.

A intervenção possibilitou, por fim, a recolha de fauna malacológica, mas, sobretudo mamalógica, constatando-se alguns fragmentos com vestígios de exposição ao fogo. Dado o revolvimento do solo, torna-se difícil uma associação directa à ocupação pré-histórica do local.

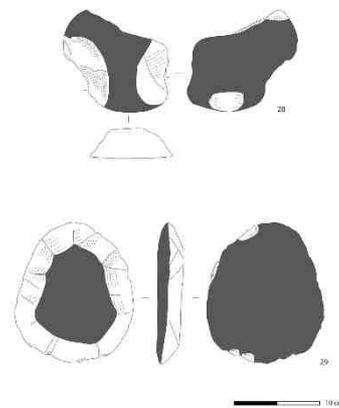


Figura 7 – Núcleos (28-29); mó (30), e movente (31).

4. Considerações finais

O presente trabalho debruçou-se sobre o resultado dos trabalhos de escavação, realizados no âmbito do projecto “Modificação da Linha Aérea de MT a 30KV, EV30-21-02 Perdigões (Vinha)”, na Herdade dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Évora).

A intervenção realizada teve como propósito a implantação de uma sondagem que permitisse a interpretação dos vestígios identificados numa primeira fase de acompanhamento no local e o subsequente desbloqueio da área para a construção das fundações de um novo poste de alta tensão.

Constatou-se que os contextos presentes se encontravam em posição secundária, tendo sido afectados pela construção de um poço-cisterna, uma estrutura de captação de água

(actualmente desactivada), que se encontra no local. Assim, os níveis de derrube registados - [208] e [209] - estarão associados a uma estrutura pré-existente, embora, os dados recolhidos não permitam determinar a sua tipologia e que função desempenharia naquele lugar.

O conjunto artefactual recolhido, maioritariamente enquadrado em cronologias da pré-história recente, evidencia uma clara relação com o Complexo Arqueológico dos Perdigões. Desta forma, apesar de os dados se apresentarem, em certa medida, parcelares, esta intervenção tornou-se um pertinente indicador da extensa ocupação no Monte dos Perdigões, sugerindo o assentamento de pequenos grupos na envolvente imediata ao povoado.

Referências bibliográficas

- BASÍLIO, Ana Catarina S. (2017) – *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdigões: Continuidades e descontinuidade*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia, UALG: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- CARNEIRO, A.N. (2021) – *Nota Técnica acerca da estrutura detectada no decurso dos trabalhos de acompanhamento arqueológico na obra de alteração da linha aérea EV-30-21-02 Perdigões (vinha), Reguengos de Monsaraz* – Lisboa. ArqueoScallabis, Lda.
- LAGO, M. et al. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1(1): 45-152.
- MATALOTO, R. (2013) – Do vale à montanha, da montanha ao monte: a ocupação do final da Idade do Bronze no Alentejo Central. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20: 221-272.
- ROSA, A. (2022) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Projecto “Modificação da Linha Aérea de MT a 30KV, EV30-21-02 Perdigões (Vinha), Reguengos de Monsaraz (Évora)*. ERA-Arqueologia, S.A.
- VALERA, A.C. (ed.) (2018) – *Os Perdigões Neolíticos. Génesis e Desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.c)*. *Perdigões Monográfica*. 1. NIA-ERA, Lisboa.

ARCHAEOLOGICAL ACTIVITIES CARRIED OUT BY THE UNIVERSITY OF MALAGA (2008-2016) AT THE PERDIGÕES ARCHAEOLOGICAL COMPLEX (REGUENGOS DE MONSARAZ. PORTUGAL): FINAL CONSIDERATIONS

J.E. Márquez-Romero¹, J.L. Caro-Herrero¹,
J. Suárez-Padilla¹, E. Mata-Vivar¹,
L. Milesi-García¹, V. Jiménez-Jáimez¹,
P. Cuevas-Albadalejo¹, C. Costa²

Abstract:

The University of Malaga (Spain) has collaborated for the better part of a decade in the archaeological investigations carried out at the Archaeological Complex of Dos Perdigoes in the Municipality of Reguengos de Monsaraz (Portugal). This article presents the main results obtained from Sector L1. It describes the main undertakings, the structures brought to light and the processes of their backfilling before turning to speculate as to the chronology and temporality of the different features of prehistoric architecture.

Resumo:

Actividades arqueológicas realizadas pela Universidade de Málaga (2008-2016) no Complexo Arqueológico dos Perdigoes (Reguengos de Monsaraz. Portugal): Considerações finais

A Universidade de Málaga (Espanha) colabora há quase uma década nas investigações arqueológicas realizadas no Complexo Arqueológico dos Perdigoes, no Município de Reguengos de Monsaraz (Portugal). Este artigo apresenta os principais resultados da escavação do Setor L1. Descreve as acções, as estruturas trazidas à luz e os processos de preenchimento das estruturas negativas antes de passar a interpretar os contextos tendo em conta a cronologia e temporalidade das diferentes características da arquitetura pré-histórica.

1. Introduction

The University of Malaga (UMA) was invited in 2006 to participate in the research project *Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigoes* (INARP) at the site of Perdigoes in the Municipality of Reguengos de Monsaraz, Portugal (Fig.1). The task was carried out under the responsibility of the *Núcleo de Investigação Arqueológica* (NIA) of the company *Era-Arqueologia*, S.A. From that moment the UMA team developed a specific research program following a set of clear objectives (Márquez-Romero *et al.* 2008). The intention was in fact to gain as much insight as possible into the site's general layout and to focus deeper into the feature labelled Gate 1 in Sector L1 to obtain more data as to its shape. Moreover, another aim was also to attempt to offer data on the chronology and temporality of the large outer Ditches 1 and 2, delve into the nature of their fills, and shed light on their potential relationship with the series of adjacent *tholos* type tombs.

The activities which took place for almost a decade (2008-2016) consisted of nine uninterrupted campaigns of archaeological activities (Table 1). The activities included geophysical surveys (Márquez-Romero *et al.* 2011a), a microtopographic rendering of the site (Márquez-Romero *et al.* 2021) and several excavations both in extension and focusing on the main structures of Sector L1 (Suarez-Padilla *et al.* 2013; 2015). Moreover, the activities included about 20 articles and four doctoral theses (Jiménez-Jáimez 2008; Mata-Vivar 2015; Milesi-García 2018 and Caro-Herrero 2022) and other academic works (minor theses, final degree projects).

The different investigations involved about 30 researchers including professors and students from the University of Málaga and other institutions as well as a considerable number of collaborators hired from the Municipalities of Reguengos de Monsaraz and Telheiro. The excavations were carried out in the framework of permits granted by the Portuguese authorities to the company *ERA Arqueologia* over the course of the 2008 - 2010, 2011 - 2013 and 2014 - 2016

¹ University of Málaga

² FCHS - University of Algarve

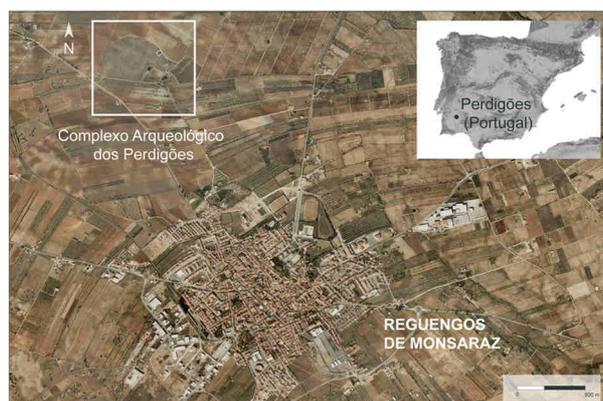


Figure 1 - Location of the *Perdigões Archaeological Complex*.

Table 1 - Excavation campaigns by the University of Malaga at the site of Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal).

CAMPAIGN	ACTIVITY	AREA
2008	Geophysical survey: <i>geo-radar</i> <i>Eastern Atlas Geophysical Prospection</i>	Sector L (Gate 1) Central Zone Sector I and Q (Ditches 3 and 4)
2009	June 1 st Geomagnetic survey campaign September 2 nd Geomagnetic survey campaign July-August 1 st excavation campaign of Ditch 1	All the site Sector L: Ditch 1
2010	July-August 2 nd excavation campaign of Ditch 1	Sector L: Ditch 1
2011	July-August Microtopographic survey July-August Extension excavation	All the site Sectors L1, L2 and L3
2012	July-August Extension excavation	Sector L1 (in its totality)
2013	July-August Extension excavation: Trenches 9 and 13 (imbrices) Trench 11 ("tirante") Trench 12 Upper layers Ditch 1 Trench 137	Sector L1
2014	July-August Excavation of the surroundings of Gate 1 Trench 12 Pits 132 to 168	Sector L1
2015	July-August 1 st Excavation campaign of Ditch 2 Pit 137 Extraction of megalithic stelae	Sector L1
2016	July-August Excavation of structures : Trench 10 Pits 108 and 188 2 nd Excavation campaign of Ditch 2 September Archaeological backfill of the structures of Sector L End of the UMA excavations	Sector L1

¹ Research projects HUM-4214 (Junta de Andalucía); HAR2010-21610 and HAR2014-53692-P (Ministerio de Economía y Competitividad).

triennials. The project was financed by grants (€230,000) from different Spanish public institutions.¹

This final article is intended to serve as overview of the main findings of the excavation campaigns². Although it represents an end to this research, we remain open to future collaborations both for the benefit of one of the most important prehistoric sites of the Iberian Peninsula and for the cultural heritage of its region.

2. The main structures brought to light in Sector L1

The prevailing notion at the outset of the actions was that the final physiognomy of ditched sites such as Perdigões stemmed from different discontinuous phases of construction, re-excavation of ditches and rebuilding stemming from an *idea of an enclosure* (Whittle 1977; Evans 1988; Scarre 1998) shared by many European Neolithic and Copper Age societies. It is for this reason, combined with the results of specific geophysical surveys and prior extension excavations of Sector L1, that the of the archaeological work focused exclusively on specific structures so as to gather data to achieve the general objectives of the project, that is, to characterise the nature of the structures, the dynamics linked to their fills, as well as the chronology and temporality of their construction and use (Fig. 2).

2.1 Ditch 1

Ditch 1 is a vast feature marked by a roughly circular floor plan with a diameter greater than 473 m. It encloses an area of 159,588 m² and has at least four openings or gates (Márquez-Romero et al. 2011b:164-170).

The initial means to characterise this structure was to pursue and expand the earlier excavation carried out by *ERA Arqueología* in 1997 which had not attained the deepest levels of its fill (Lago et al. 1998). Upon completion in 2010 the results indicated that the southeast section of Ditch 1 presented a maximum width of 5.5 m, a depth of 3.5 m and was V-shaped. The deposits sealing it were mainly of an anthropic nature interspersed occasionally with thin natural colluvial episodes stemming from the erosion of the geological matrix practically devoid of archaeological material. This work also unveiled that the deepest layers of fill were disturbed by small pits. The thicker layers contained faunal remains devoid of anatomical connection, yet with few signs of erosion. These elements were collected together with hand mounted potsherds corresponding for the most part to vessels with open forms, particularly platters with thickened rims and a few carinated cups. Closed forms, notably with globular profiles, are rare. The layers also contained certain stone tools, both knapped and polished, and occasionally a metallic object and elements linked to copper metallurgy (Márquez-Romero et al. 2011b:164-170).

² The final monograph on the archaeological activities (Márquez-Romero, Mata-Vivar and Suárez-Padilla 2022) can be downloaded at the following address: <https://hdl.handle.net/10630/24995>



Figure 2 - General plan subsequent the extension excavation of Sector L1 in 2012.



Figure 3. Photogrammetric image of the section of Ditch 2 (including trench s14).

The upper layers of fill corresponding to the final silting of the ditch were disturbed by two structures interpreted as recuttings (f136 and f194). Of different depth, they share fills consisting of numerous stones and very few artefacts. Worth highlighting among the strata filling the second is the occasional presence of potsherds bearing incised Bell-Beaker decors (Albergaria 1998).

2.2 Ditch 2

Ditch 2 is likewise a vast structure excavated in the subsoil bearing a layout that is similar and basically parallel inside Ditch 1 from which it is separated by a distance of about 7 m. Its maximum observed width is 4.60 m and depth is 2.09 m. Although its final point is somewhat rounded, it presents a 'V' section (Fig. 3). The excavation indicated that Ditch 2 cut into structure s14, a pre-existing trench (Milesi-Garcia *et al.* 2019).

The layers of fill of Ditch 2 present great similarities, both in their nature and content, with those of Ditch 1, notably the alternation of anthropic fills of varying thickness with sporadic natural levels as well as the digging of small pits into the fills themselves. The upper levels are characterised by a greater horizontality resulting in less archaeological finds. The ditch's final fill was disturbed by hollows (f173 and f174) presenting an average diameter of 60 cm and depth of less than 10 cm and a circular semi-subterranean structure (f193). This last case was lined with masonry walls highly damaged by recent plowing rendering difficult its interpretation. Furthermore, its fill contained a complete vessel of globular form with a straight neck separated by a carination, which is typologically ascribed to the 'Ferradeira Horizon'.

2.3 Other pits

Several arc or 'imbrex' shaped pits stand out in front of the gates of Ditches 1 and 2 serving as sorts of fences. Beyond them, to the outside, are other shorter and wider features labelled 'cejas' (eyebrows) Márquez-Romero *et al.* 2011a: 183).

The excavation in Sector L1 made it possible to identify one of these 'imbrices', also proving that, at least in the case of this feature, they actually consisted in two practically parallel trenches labelled respectively 's9' and 's13' (Fig. 4). Structure s9 with a 'V' section is 17 m in length, an average 1.09 m width and 1.30 m in depth. Parallel structure s13 is shorter (7 m), with a section that at the base is somewhat more rounded. It is about half the width (0.45 m) and depth (0.80 m) as the first. Both contain anthropic fills, for the most part potsherds and faunal remains whose nature and proportion resembles that of the larger neighbouring ditches. These trenches were partially destroyed by a hollow dug during the Late Middle Ages, which contained a combination of medieval building materials and pottery as well as a prehistoric stela and fragments of menhirs, which may originally have stood in the surroundings.

Other structures of interest are the series of short and narrow trenches detected by the geophysical survey labelled 'tirantes' (braces) arranged along radial axes with respect to Ditch 2. The case investigated in Sector L1 labelled s1 is 4.8 m long

and 1.18 m wide with a 'U' section. It greatly vertical walls curved downwards defining a flattened base at a maximum depth of 1.5 m. Its fill consisted of layers similar in nature to those described of the ditches, although with less complex from the stratigraphic viewpoint and containing less archaeological materials.



Figure 4 - General view of the "imbrex" type structures (s9 and s13).

Another feature worth highlighting in Sector L1 is a narrow trench (s12) cut by Ditch 1. It is relatively narrow (45 cm in width) and long (about 10 m). What stands out is its depth of 1.60 m and vertical walls. It contained the occasional remains of charred wood. It is possible that the feature was dug to lodge a palisade.

Both the surveys, described above, and the research carried out in Sector L1 unveiled numerous features excavated both through the geological substrate and though the fill of pre-existing structures. Although not all these sunken structures were the object of excavation, practically all were at least superficially diagnosed, confirming that they correspond to two historical moments far apart in time: Recent Prehistory and the Modern Era (16th century AD). Among those attributed to the prehistoric phase, a dated case (f129) stands out as it was dated to the first half of the 3rd millennium cal BC, thus predating to the construction of the great ditched structures.

2.4 Structures using masonry

Sector L1 also yielded the remains of a series of structures masonry. One of them consisted of an arc-shaped plinth of a wall (p1) comprising two parallel courses of stones and internal gravel bounded with earth. This wall appears to have been cleanly cut by a rectangular pit (f150) measuring 2.56 by 1.53 m dug into the geological substrate. The surface of one was lined with a small stone wall (p2). After a first phase of fill, it was subdivided internally into two spaces by two stone slabs (p3 and p4) measuring respectively 0.70 and 0.50 m in length, (Fig. 5). The fills of these features contained faunal remains, several fragments of platters with thickened rims, fragments of 'horn-like' loom weights and the fragment of a crucible. The function of this structure remains undetermined.



Figure 5 - Detail of the structures featuring stone masonry: p01 and f150 (p02, p03 and p04).

3. Chronology of the structures of Sector L1

A total of 43 radiocarbon datings were carried out for the more significant features of Sector L1³. They are broken down as follows: seven for Ditch 1, three for Pit f194, ten for Ditch 2, one for Pit f173, one for Pit f193, five for trench s11, one for trench s12, eight for trenches s9 and s13 (imbrices), one for Pit f129 and three for Pit f150 (associated with the stone masonry). A further 11 samples could not be dated due to the lack of collagen.

All of the analyses were carried out on the bones of various animal species. The 17 samples of *Sus sp.* stand out. *Ovis/Capra*, follows with 13 and *Bos Taurus* with five. Only one sample was available in each of the *Canis Familiaris*, *AGP* and *Equus sp.* cases.

All samples were consigned to Beta Analytic and analysed using Accelerator Mass Spectrometry (AMS). Most yielded values of %C, %N and C:N indicative of a satisfactory quality of collagen ranging within the standard parameters of quality. Worth highlighting are the C:N values that oscillate between 3.2 and 3.4. Likewise, the possible effect of the diet was delved into through $\delta^{13}\text{C}$ and $\delta^{15}\text{N}$ isotopes analyses. They in no case reveal any conditions stemming from a potential reservoir effect.

The samples reveal a low deviation (≤ 40 years) and were calibrated by means of the IntCal20 curve (Reimer *et al.* 2020) while observing the potential effect of plateaus and fluctuations in each case. From the methodologically standpoint, both a contemporaneity test χ^2 (Ward and Wilson

1978) and a Bayesian modelling was applied to those with at least three dates. The entire process was carried out by means of the OxCal software, v4.4.4 (Bronk Ramsey 1995, 2001, 2009, 2013, 2017). This was specifically applicable for the Bayesian analysis to establish the beginning and end limits (*Boundary*), the *Span* measure and the chronological *Interval*. To facilitate the reading of the results, the outliers are not represented in the figures and the numerical results were rounded to multiples of 10 when the standard error is equal to or greater than ± 25 years and to multiples of 5 when it is less than ± 25 years (Stuiver and Polach 1977; Millard 2014).

4. The temporality of the structures of Sector L1

The wide ranges of probability and the frequent interval overlaps of the statistical models serving fix the chronology of the structures of the L1 sector entail clear limitations. It is arduous to offer a precise sequencing of all the construction events, that is, to determine their temporality. We are therefore obliged at this juncture to offer *temporary narratives* bolstered not only radiometric datings, but incorporate other evidence resulting from the archaeological investigation itself (fill dynamics, colluvial episodes, structure overlaps ...). In any case, the model advanced at this point must be understood as an exercise in interpretation and, therefore, open to discussion and susceptible to future modifications or alternatives.

4.1 Construction of the great ditched enclosures (towards the middle of the 25th-24th century cal BC

The Bayesian statistical model (Fig. 6) reveals that the construction of Ditch 2 serving to delimit the first of the two large enclosures, took place between the mid-25th and/or during the 24th century cal BC. This task also possibly entailed the excavation of at least one of the imbrices (Trench s9) which could have functioned as a fence to check the access of this area of the enclosure. Construction of the other large enclosure delimited by Ditch 1, in turn, took place during the 24th century BC. In any case, it is not possible to discard the notion that the new structure (Ditch 1) was intended to form part of the initial enclosure encircled by Ditch 2. This hypothesis is founded on the following: a) the chronometric overlap between the final dates of Ditch 2 and the initial dates of Ditch 1, b) the rigorous parallel layout of the two ditches (practically the only case in the Iberian Peninsula) (Fig. 7), c) the existence of five discontinuities, potentially serving as gates, shared along their respective paths, d) the absolute similarity of their material culture (predominance of open pottery forms, in particular platters with thickened rims, practical absence of decorated pottery, small clay horns, modest metallurgical finds...) and, above all, e) by the presence of up to 17 narrow pits labelled '*tirantes*' arranged radially between the two large ditches (Márquez-Romero *et al.* 2011a: 183). The fact of having access to the dating of one of the '*tirantes*', notably trench s11, is behind a proposal regarding the temporal relationship between it and Ditches 1

³ The radiocarbon dates and the characteristics of the samples can be consulted at (Márquez-Romero *et al.* 2022, figs 4-5) DOI: <https://doi.org/10.14201/zephyrus2022895783>

and 2. This has led to the hypothesis that trench s11 was most likely dug at the same time as Ditch 1 when Ditch 2 was totally or partially filled. This therefore implies that this relationship can be extended to the other similar trenches observed along the perimeter of the two late enclosures.

The different evidence then suggests that the most intensive construction in this sector of the *Complexo Arqueológico dos Perdígões* took place throughout a timeframe stretching over a period of about 150 years between the second half of the 25th and the entire 24th century cal BC. The timeframe of these activities must nonetheless not be understood as a reflection of a continuous activity, but rather a series of consecutive actions.

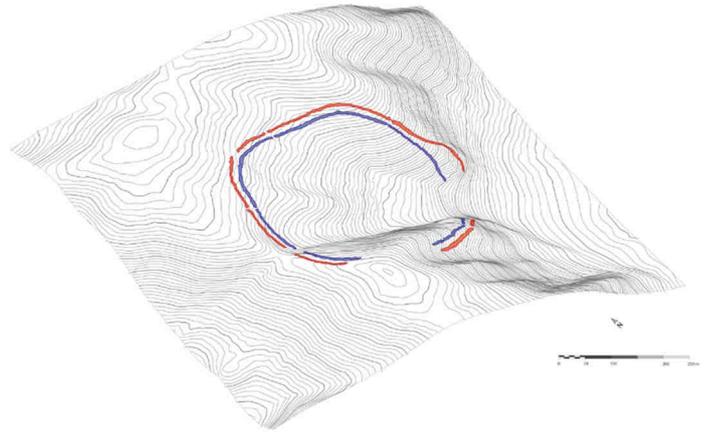


Figure 7 - Digital Terrain Model (highlighted curves 1-5 m) of the enclosures configured by Ditch 1 (exterior) and Ditch 2 (interior).

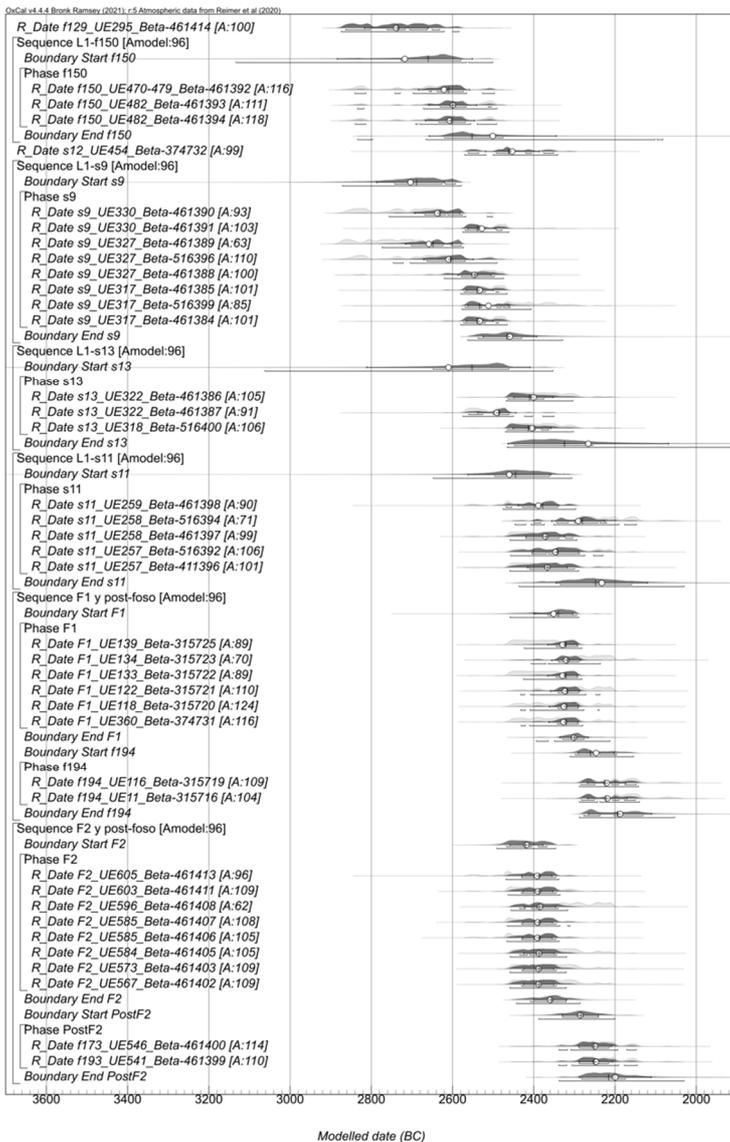


Figure 6 - Bayesian model of the set of structures benefitting from radiocarbon analyses in Sector L1.

4.2 Interventions prior to the construction of the two large ditched enclosures (29th-26th century cal BC)

Evidence of ‘the past in the past’, following the definition advanced by L. Olivier (2004), can manifest itself both through strategies that perpetuate the earlier materiality by reappropriating it and integrating it into new social, political and ontological discourses. It can also, on the contrary, intentionally eliminate, destroy or mask the remains of earlier times. This study has been able to identify certain behaviour of this nature among the structures of this site.

The first of these behaviours falls in line with a ‘preservative’ action. Although beyond sector L1, it consisted of a deliberate altering of layout of Ditch 1 (yielding a space in the shape of a large pocket) to englobe a few earlier *tholos* type tombs. This action thus incorporated these earlier features into that later moment of the site perhaps which may have already within new ontological keys as elements with a distinct architectural personality responding to new uses (Milesi-García *et al.* 2019: 174).

There is also the possibility based on what could have been at the time surface finds from prior Early Neolithic enclosures or by means of knowledge of earlier enclosures through oral tradition, that Ditches 1 and 2 were laid out intentionally and, more or less, concentrically, with respect to other older features (Valera *et al.* 2014).

Finally, it is also necessary to suppose an acknowledgement of the past through the destruction or masking at the site of older structures. An example of is the deliberate elimination of trench s14 when Ditch 2 was dug. Although trench s14 could not be dated independently, it is evident that existed in an earlier phase, perhaps part of a previous enclosure.

4.3 Features predating the construction of the vast ditched enclosures (23rd century BC)

It appears evident that ditched enclosures were no longer built at this site subsequent to the 23rd century cal BC. However, there are features indicating post-ditch activities. Two structures cut through the fill of Ditch 1. The first, Pit f136, is

characterised by a fill of stones (Fig. 8) devoid of organic remains that would have facilitated an absolute dating. The second, Pit f194, was initially thought to belong to the last phases of fill of the ditch. The revision in 2013 of the upper levels of fill of this structure clearly indicated the stone fill came after the original fill of the ditch. Moreover, the dating is confirmed by radiocarbon dating of element in the stone fill which yielded two good radiocarbon datings as well as several fragments of incised Bell-Beaker ware.

There are on the other hand, several shallow and irregularly shaped pits cutting through the original fills of Ditch 2. The dating of certain, notably f173 and f193, confirm that they were dug subsequent to the filling of Ditch 2. A ceramic vessel that can be formally linked to the 'Ferradeira horizon' was unearthed specifically in layer SU 541 of the second pit. In any case, it remains unclear if the intention of the more recent features was to revive in some way the old

In short, it is possible to evoke a series of specific activities taking place during the cal 23rd century BC which were far removed from the previous massive undertakings consisting of digging small trenches or modest pits containing depositions of material culture and bone remains resembling those of earlier times. A seductive notion is that the new historical circumstances no longer allowed significant human concentrations or the mobilisation of large work forces. These modest depositions served as strategies to recall irretrievable but not forgotten social events.

5. Final considerations

The chronometric information gleaned from Sector L1 (chronology) and the proposal as to the biography of the features (temporality) reveals that the space occupied by what was thought to be represented by Gate 1 (Sector L) during the timeframe between the 26th and the 22nd century BC saw a constant evolution where making, unmaking and remaking became the principal *modus operandi*. This situation thus yields a paradox: is it possible that Gate 1, considered a sum of elements, only existed from the moment and time in which, from the present, we began to question its existence? What really are its structural elements, if there are any? Or what role did it play in the layout of this millenary site?

The set of absolute dates has unquestionably revealed a diachrony of architectural elements that were initially assumed to be contemporary simply due to their proximity. These circumstances should distance us from the presentist perception viewing these monuments as the result of a single architectural project with a determined technical development with a prolonged use until its final abandonment.

On the contrary, what appears must have been the result of a series of events (not to be interpreted as constructive phases), which individually were possibly of short duration but stretched over a relatively long timeframe, potentially over several generations. The social and economic intentions and the very ontological perception of the area must have changed during

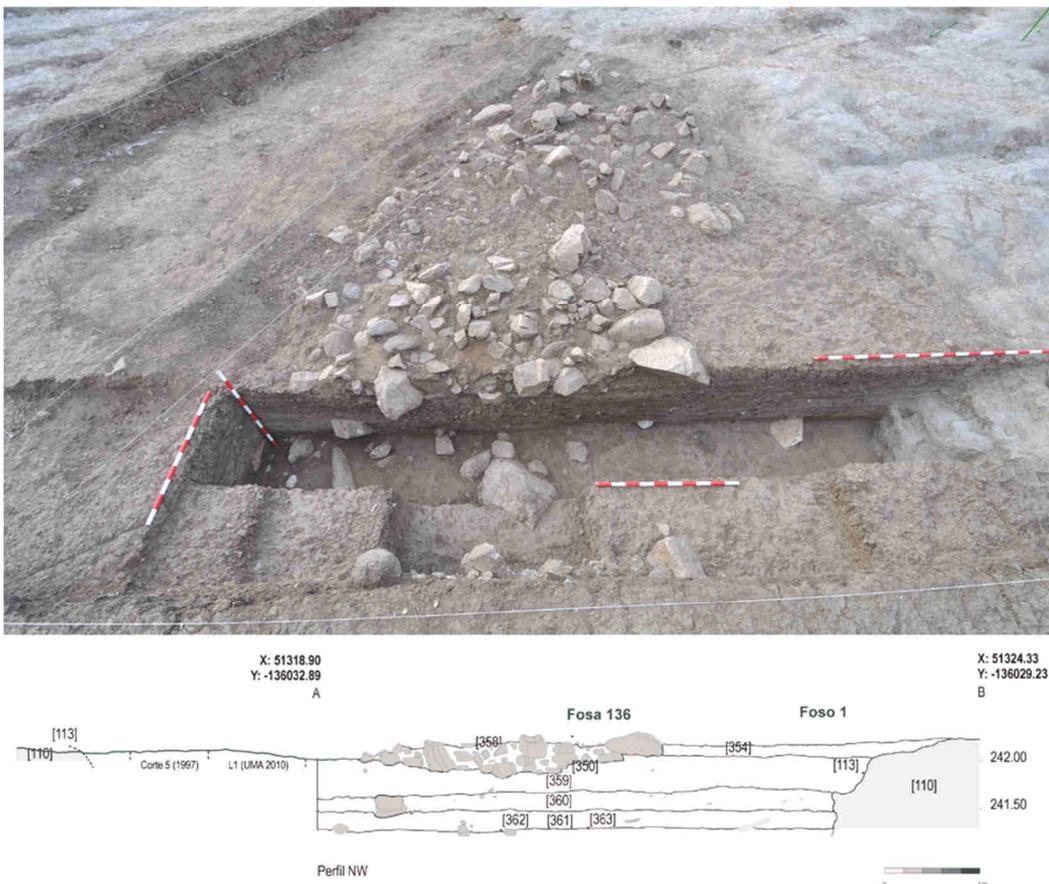


Figure 8 – Pit f136, by way of revival, made on the fill of Ditch 1.

the continuous remodelling of its architecture. These circumstances developed at a historical moment of profound crisis throughout the megalithic landscape heralding the advent of the Bronze Age.

But, if the architecture of what is known as Gate 1, as noted, was constantly mutating and ephemeral, what makes the place a pole of interest, a benchmark where so many actions appear to have been concentrated over several centuries? The only constant observed as a *continuum* in the site's biography is its astrological orientation, in this case, towards the winter solstice.

The notion that the location of Perdigões is not incidental and that its spatial organisation expresses a cosmological map with close astronomical links has been previously advanced (Valera 2008: 251-252). This is moreover a frequent trend among the European panorama of ditched enclosures and applicably in general to all vernacular architecture (Márquez-Romero and Jiménez-Jáimez 2010: 492). To the notions advanced above must be added the nature of the orography marked by the two vast enclosures. It comprises an amphitheater-shaped depression only open to the southeast that generated when observing the celestial vault from its interior a second horizon where the sunrise was easily observed. This horizon for generations thus effortlessly consolidated the orientation of the discontinuity or access zone and its changing architectural features.

Therefore, it is not rash to suggest that the true sense of Gate 1 was not simply an access, but as *solstitium loci*. It represented a fundamental static reference where several generations interacted through different tasks intended to revitalise the site and, perhaps, with greater intensity, during the winter solstice itself.

Acknowledgements

In order to successfully achieve the objectives of a task that has been so long and at times so complicated required the enthusiastic and disinterested assistance of many people and institutions. We must particularly highlight the work of Antonio Valera from the *Núcleo de Investigação Arqueológica* of ERA Arqueologia not only for inviting us in 2006 to form part of the *Programa Global dos Perdigões*, but also for the complex task of coordinating the macro-project. His support and advice was of invaluable to formalising the excavation permits and in achieving our overall goals. Miguel Lago likewise was key in facilitating the administrative tasks and functioning as a team in our brother country. Our sincere appreciation goes to the men and women of the towns of Telheiro and Reguengos Monsaraz for their total and friendly welcome and who made us feel at home. We dedicate our work especially to them with the hope that it will serve to further disseminate and better protect the exceptional site. *Muito obrigado*.

BIBLIOGRAPHY

ALBERGARIA, J. (1998) – Recipientes cerámicos campaniformes recolhidos no povoado dos Perdigões. In: Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A. F.: *O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos*

trabalhos arqueológicos realizados em 1997. Revista portuguesa de Arqueologia, 1 (1): 105-119.

BRONK RAMSEY, C. (1995) – Radiocarbon calibration and analysis of stratigraphy: the OxCal program. *Radiocarbon*. 37: 425-430.

BRONK RAMSEY, C. (2001) – Development of the radiocarbon calibration program. *Radiocarbon*. 43: 355-363.

BRONK RAMSEY, C. (2009a) – Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*. 51: 337-360.

BRONK RAMSEY, C. (2009b) – Dealing with outliers and offsets in radiocarbon dating. *Radiocarbon*. 51 (3): 1023-1045.

BRONK RAMSEY, C. (2013) – Recent and planned developments of the program OxCal. In: Jull, A. J. T.; Hattlie, C. (eds.), *Proceedings 21st International Radiocarbon Conference (Paris, 2012)*. *Radiocarbon*. 55: 720-30.

BRONK RAMSEY, C. (2017) – Methods for summarizing radiocarbon datasets. *Radiocarbon*. 59: 1809-1833.

CARO-HERRERO, J.L. (2022) – *Recintos de fosos: las puertas de entrada. Cronología y temporalidad sector L1 del Complejo Arqueológico de Perdigões*. Doctoral thesis (unpublished, directed by José Enrique Márquez Romero. Universidad de Málaga.

EVANS, C. (1988) – Acts of enclosure: A consideration of concentrically-organised causewayed enclosures. In: Barret J.C.; Kinnes, I.A. (eds.), *The archaeology of context in the Neolithic and Bronze Age. Recent trends*: 85-96.

JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. (2008) – *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la península ibérica (IV-III milenios AC)*. Doctoral thesis (unpublished, directed by José Enrique Márquez Romero. Universidad de Málaga.

LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1 (1): 45-152.

MATA-VIVAR, E. (2015) – *Foso 1 del yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz-Portugal). Aproximación histórica a la construcción, uso y abandono de un recinto de fosos tardíos en el Aentejo (III milenio a.C)*. Doctoral thesis (unpublished, directed by José Enrique Márquez Romero. Universidad de Málaga).

MÁRQUEZ-ROMERO, J. E.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. and MATA-VIVAR, E. (2008) – Excavaciones en el yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, 2008-2010). Universidad de Málaga (España). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 2: 41-48.

MÁRQUEZ-ROMERO, J. E.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. (2010) – *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios a.C.)*. Servicio de publicaciones de la Universidad de Málaga, Málaga.

MÁRQUEZ-ROMERO, J. E.; VALERA, A. C.; BECKER, H.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; SUÁREZ-PADILLA, J. (2011a) – El Complejo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Prospecciones Geofísicas – Campaña 2008-09. Trabajos de Prehistoria*. 68 (1): 175-186.

MÁRQUEZ-ROMERO, J. E.; SUÁREZ-PADILLA, J.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; MATA-VIVAR, E. (2011b) – Avance a la Secuencia Estratigráfica del "Foso 1" de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) a partir de las campañas 2009 y 2010. *Menga, Revista de Prehistoria de Andalucía*. 2: 157-174.

MÁRQUEZ-ROMERO, J.E.; CARO-HERRERO, J.L.; MOLINA-MUÑOZ, J.A.; CAMINO de MIGUEL, J.A.; SUÁREZ-PADILLA, J. (2021) – Various considerations on the approach to the topography of the archaeological complex of PERDIGÕES (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 15: 37-42.

MÁRQUEZ-ROMERO, J.E., CARO-HERRERO, J.L.; SUÁREZ-PADILLA, J. (2022) – Investigaciones en el sector L1 del Complejo arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): cronología y temporalidad de dos recintos de fosos calcolíticos (F1 y F2). *Zephyrus*. LXXXIX: 57-83.

- MILESI-GARCÍA, L. (2018) – *Lugares de agregación en la Prehistoria desde una perspectiva etnográfica. Los Recintos de fosos como caso de estudio*. Doctoral thesis (unpublished, directed by Margarita Sánchez Romero Universidad de Granada and José Enrique Márquez Romero. Universidad de Málaga).
- MILLARD, A. (2014) – Conventions for reporting radiocarbon determinations. *Radiocarbon*. 56 (2): 555-559.
- OLIVIER, L. (2004) – The past of the present: archaeological memory and time. *Archaeological Dialogues*. 10 (2): 204-213.
- REIMER, P. J.; AUSTIN, W. E. N.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BLACKWELL, P. G.; BRONK RAMSEY, C.; TALAMO, S. (2020) – The IntCal20 Northern Hemisphere Radiocarbon Age Calibration Curve (0–55 cal kBP). *Radiocarbon*. 62(4): 725–757.
- SCARRE, C. (1998) – Arenas of Action? Enclosures entrants in Neolithic Western France c. 3500-2500. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 64: 115–137.
- STUIVER, M.; POLACH, H. A. (1977) – Reporting of 14C data. *Radiocarbon*. 19 (3): 355-363.
- SUÁREZ-PADILLA, J.; CARO-HERRERO, J.L.; MATA-VIVAR, E.; MÁRQUEZ-ROMERO, J.E.; JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. (2013) – Excavaciones en extensión de la Universidad de Málaga (UMA) en el yacimiento de Perdigoes (Reguengos de Monsaraz, Portugal). El sondeo L1. Campañas 2011-2012”. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. 4-6 octubre 2012. Villafranca de los Barros. Badajoz: 521-549.
- SUÁREZ-PADILLA, J.; CARO-HERRERO, J.L.; MATA-VIVAR, E.; MÁRQUEZ-ROMERO, J.E.; CUEVAS-ABADALEJO, P. JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V.; MILESI-GARCÍA, L. (2015) – Excavaciones de la Universidad de Málaga (UMA) en el entorno de la Puerta 1 del yacimiento de Perdigoes (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Campaña de 2013. *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste*. noviembre-diciembre de 2013. Aroche-Serpa: 279-298.
- VALERA, A.C. (2008): “Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente”. *Era-Arqueologia*, 8: 112-127.
- VALERA, A. C.; SILVA, A. M.; MARQUEZ, J. E. (2014) – The temporality of Perdigoes enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *Spal*. 23: 11-26.
- WARD, G. K.; WILSON, S. R. (1978) – Procedures for Comparing and Combining Radiocarbon Age-Determinations-Critique. *Archaeometry*. 20: 19-31.
- WHITTLE, A. (1977) – Earlier Neolithic enclosures in North-West Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 43: 329-348.

EVOLUÇÃO DO EDIFICADO NO PALÁCIO VAZ DE CARVALHO: CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA

Anabela Sá¹
Inês Mendes da Silva¹

Resumo

Entre 2016 e 2018, decorreram os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da reabilitação do Palácio Vaz de Carvalho, tendo sido realizadas sondagens de diagnóstico, sondagens parietais e o acompanhamento arqueológico integral da obra. Os resultados obtidos permitiram quer a identificação de diferentes fases construtivas e de utilização deste edifício, quer um maior conhecimento sobre a ocupação da colina de Santana. Entre os contextos relevantes identificados, inclui-se um conjunto de estruturas relacionadas com a organização dos espaços de lazer neste palácio.

Abstract:

Evolution of the building in the Vaz de Carvalho palace: contribution of archeology.

Between 2016 and 2018, archaeological work was carried out within the scope of the rehabilitation of the Vaz de Carvalho palace, with diagnostic surveys, parietal surveys and full archaeological monitoring of the work being carried out. The results obtained allowed both the identification of different construction phases and use of this building, and a greater knowledge about the occupation of Santana Hill. Among the relevant contexts identified, there is a set of structures related to the organization of leisure spaces in this palace.

1. Introdução e contextualização histórica

O imóvel, conhecido como “Palácio Vaz de Carvalho” ou “Casa das Torrinhãs”, situa-se na colina de Santana, freguesia de Arroios, concelho de Lisboa. O lote encontra-se circunscrito por três arruamentos abarcando o Campo Mártires da Pátria nº 60 a 65, a Travessa José Vaz de Carvalho, 1 a 11; e Travessa das Recolhidas, 3 a 7.

Sítio de grandes tradições na vida cidadina por ser uma das zonas mais animadas da cidade, o local onde se situa o Palácio Vaz de Carvalho adquiriu a sua designação actual, Campo Mártires da Pátria, em edital de 11 de Julho de 1879, após aqui terem sido enforcados alguns dos heróis da conjura de 1817, liderada pelo General Gomes Freire de Andrade.

Os participantes deste movimento foram imediatamente julgados e condenados à morte, ainda que não fossem cumpridos todos os trâmites legais, pelo que, no ano de 1818, se ergueram neste Campo de Santana, as forcas a que iriam subir os patriotas que tinham conspirado contra a Regência e também contra o Marechal Beresford, Comandante do Exército Português.

Anteriormente este local era conhecido como Campo do Curral por ser local de venda e abate de gado. Fontes documentais salientam que o Matadouro do Campo do Curral, que seria mais tarde o de Campo de Santana, incomodava a vizinhança com o cheiro das rezes abatidas. Já D. Sebastião teria assinado uma provisão no sentido de melhorar o estado sanitário do local, pensando mesmo na transferência do curral.



Figura 1 – Localização em Carta Militar à escala 1/25000, folha 431.

¹ Era Arqueologia SA.:
anabelasa@era-arqueologia.pt; inesamelia@era-arqueologia.pt

Relativamente ao edifício propriamente dito sabe-se que terá sido construído no século XVII, no topo Norte do Campo Mártires da Pátria. A referência mais antiga data de 1661, onde é mencionado como integrando o morgadio instituído por Cecília Temudo e designado como *nobres casas das Torres do Campo do Curral da Cidade de Lisboa*.



Figura 2 – Localização do edifício na Planta Topographica de Lisboa 1780.

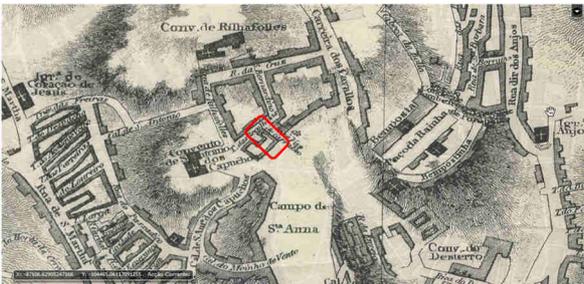


Figura 3 – Localização do edifício na planta de 1812 Duque Wellington.



Figura 4 – Localização do edifício na planta de Filipe Folque (1856-1858).

Com base nas fontes históricas, sabe-se que conheceu grandes períodos de arrendamento entre a segunda metade do séc. XVII e os anos 30 do séc. XVIII, altura em que se torna propriedade, em definitivo, de José Vaz de Carvalho, que nele aplica elevadas quantias de dinheiro para realizar obras de monta com vista à recuperação do existente e melhoramentos diversos no edificado.

Tendo por base o Inventário de 1793, o edifício seria formado por diversas salas, que revelam uma construção de carácter palaciano, recriando a arquitectura nobre do século XV. É evidente o investimento do proprietário na remodelação e readaptação dos espaços interiores de forma funcional, caracterizando-se por uma residência nobre, mas de carácter campestre e servida por criadagem.

«(...) *huma cozinha com sua conserva agoa, e duas pias tudo pedra e seu forno de assados, sendo esta caza que serve de despensa, e mais huma caza com seu pozo de nora a Mourisca e na mesma rua huma caza de cavalharissa com suas mangedouras de pedra e sua pia para agoa, seguido a esta para o lado do sul huma cocheria e caza de carreyos com hum grande palheiro por sima e no pavimento da loge de entrar para o lado Nascente se contão onze cazas em entra salla de entrada sendo parte destas terra firme, e parte em sobrados com a frente para o Campo de Santa Ana, e no sentro seu jardim com seu lago no meyo de pedra com sua conserva de agoa para repucho e seus assentos e dous alegretes todos azolejados e no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances que dá serventia a huma caza que serve de armazém de azeite com seis talhas grandes emterradas em pedra e cal e sua pia grande que serve de salgadeira de pedra, e por sima destas suas cazas de sobrados com tres cazas sendo huma despensa, e duas de seleiros (...)*» (Inventário de 1793, citado por Estudo histórico “Casa das Torrinhas: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos).

Neste documento são mencionados áreas e pormenores, cuja descrição pode associar-se a estruturas arqueológicas específicas detectadas no âmbito da intervenção realizada no palácio.

A descrição revela-nos uma complexa organização habitacional e de serventia do espaço durante o século XVIII, sendo completada pelas evidências arqueológicas identificadas no subsolo, que se inserem entre os séculos XVII e XX.

Do ponto de vista arquitectónico, o edifício apresenta uma morfologia em formato de U irregular. O seu centro aloca um jardim arborizado. Relativamente à fachada principal, esta apresenta uma ornamentação simples para as características denominantes da sua génese construtiva:

“sem arrebiques decorativos, com a excepção do pequeno toque diferenciador das grades simples das sacadas do andar nobre. Quanto ao resto – cunhais, cantarias das janelas e cimalha – é tudo pautado por uma simplicidade austera. Um pormenor parece indiciar alguma complexidade na construção. O andar intermédio, de janelas de peito, espécie de mezzanino, revela na leitura exterior um pé-direito bastante avantajado para aquilo que será referência na arquitectura civil mais tardia. Poderá colocar-se a hipótese de originalmente a casa ter somente um andar, com pé-direito enobrecedor, e que mais tarde tenha sido acrescentada em altura com o piso nobre de sacadas.”

(Estudo histórico “Casa das Torrinhas: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos)

Outro pormenor arquitectónico interessante é a presença de uma chaminé de grandes dimensões (visível na fachada da Travessa das Recolhidas). Este detalhe é bastante incomum nas edificações palacianas lisboetas.

Pelo seu espaço de ocupação e cronologia conhecida, o Palácio Vaz de Carvalho poderá corresponder a um dos exemplares mais antigos de residências nobres erigidas no Campo do Curral.

A intervenção realizada neste espaço contou com 27 sondagens arqueológicas de diagnóstico, 9 sondagens parietais e o acompanhamento arqueológico integral da movimentação e escavação de terras efectuada no âmbito da obra, permitindo o registo de um conjunto de elementos antrópicos, de tipologia e cronologias variadas, relacionados com diferentes fases construtivas e de utilização do Palácio Vaz de Carvalho. Foi ainda possível o reconhecimento de contextos consistentes com uma ocupação anterior ao edificado moderno, relacionados, em particular, com o matadouro do séc. XVI e, ainda, com uma ocupação pré-histórica desta zona da cidade de Lisboa.

2. Os contextos arqueológicos anteriores à construção do palácio da época moderna

Entre os vestígios mais antigos, podemos destacar a presença de níveis e estruturas negativas antrópicas da pré-história recente que foram registados nas áreas correspondentes ao jardim e à cozinha do palácio.

As estruturas negativas encontravam-se colmatadas por depósitos coluvionares contendo abundantes inclusões de material lítico com indícios de talhe e, em muito menor quantidade, alguns fragmentos de cerâmica manual que, numa primeira análise, remetem para uma cronologia balizada entre o Neolítico Antigo e o Calcolítico.

A cerâmica associada a estas estruturas encontra-se erodida e muito fragmentada, não permitindo a reconstituição de formas. O espólio de origem lítica apresenta-se maioritariamente talhado sobre sílex embora também se tenham recolhido espécimes em quartzito e quartzo leitoso. No seu conjunto, os elementos estudados exemplificam as várias fases da cadeia-operatória indiciando o talhe da pedra no local.



Figura 5 – Estrutura Negativa na sondagem 9 [924].



Figura 6 – Pormenor do depósito [923] onde se verifica uma concentração de líticos em sílex (sondagem 9).



Figura 7 – Trabalhos de escavação de contextos da pré-história recente, na sondagem 14.

Antecedendo também a construção do edificado moderno, foram registados alguns contextos com vestígios de fauna, dispersos um pouco por toda a área do projecto.

Correspondem a níveis de aterro e de despejo que contém vestígios de fauna mamalógica: ossos e chifres de bóvidos. A sua formação estará, muito provavelmente, relacionada com a actividade de abate de animais no período em que nesta zona terá funcionado o matadouro do “Campo do Curral”. De facto, toda esta área deverá ter servido para o descarte dos subprodutos dos abates e desmancho dos animais.



Figura 8 – Fauna mamalógica detectada na U.E. 26013, durante a escavação da vala [26014].



Figura 9 – Pormenor da interface [18010], preenchida com restos de fauna.

3. O palácio em época moderna.

Os dados obtidos nas sondagens arqueológicas e parietais realizadas no edifício, assim como a observação, em fase de obra, da relação entre paredes do mesmo, permitiu o registo de algumas fases construtivas.

Os elementos analisados permitem perceber que, actualmente, área edificada é superior à área original, observando-se um claro desenvolvimento da construção na direcção do jardim Campos Mártires da Pátria, ao longo da Travessa José Vaz de Carvalho.

A observação parietal exterior permitiu verificar que o corpo original deste edifício se localizaria no cruzamento da Travessa das Recolhidas com a Travessa José Vaz de Carvalho, terminando onde hoje se encontra a porta de acesso neste último arruamento (Fase 1). Este foi, mais tarde, encostado por um segundo corpo a nascente: Fase 2.

Posteriormente, foi possível concluir que a ampliação correspondente à Fase 2, terá sido aumentada, sendo encostada por uma construção mais recente (Fase 3).



Figura 10 – Planta do edifício existente previamente à obra e seu faseamento construtivo.

No diagnóstico arqueológico já havia sido possível verificar, no interior do palácio, que esta habitação terminaria na área que designamos como fase 2, sendo possível observar na parede 1 uma porta e um arco entaipados. A porta encerrada seria a passagem entre o interior do edifício e o exterior. Esta evidência surge salientada na sondagem 19 onde foi observada a existência de um degrau em frente da porta, possivelmente para colmatar a diferença de cota entre os dois espaços.

Ainda nesta sala, foi possível observar que as Paredes 2 e 3 foram encostadas à Parede 1. Na ligação entre a Parede 1 e a Parede 2 foram assinalados vestígios do que seria um dos rebocos originais.

Com os dados disponíveis, não foi possível aferir se o arco que se encontra ao lado da porta supramencionada (parede 1) também faria a ligação para o exterior, no entanto, consideramos possível que o mesmo pudesse servir como portão de acesso para o interior do palácio. Este arco encontrava-se parcialmente entaipado e foi desmontado pela construção da parede do corredor (Parede 3), tendo dado lugar a um segundo arco que sustenta o tecto do mencionado corredor interno.

Esta observação, juntamente com os dados estratigráficos obtidos na sondagem 2-7, reforçou a evidência de que esta compartimentação, nomeadamente o corredor interior, foi construída em fase posterior, talvez até em período contemporâneo.



Figura 11 – (A) Aspecto da fachada exterior voltada à Travessa José Vaz de Carvalho (pormenor da zona a poente): contacto entre as fases 1 e 2 do edificado. (B) Aspecto da fachada voltada à Travessa José Vaz de Carvalho (pormenor do edifício a nascente): contacto entre as fases 2 e 3 do edificado. (C) Vistas gerais da parede 1, onde termina a Fase 2 (or NW). (D) Pormenor de reboco na ligação da Parede 1 com a Parede 2. (E) Pormenor de ligação entre duas paredes na Parede 4, vista do pátio.



Figura 12 – Pormenor de antigo vão entaipado e parcialmente desmontado, Parede 4.

Na zona do corredor externo, na Parede 4, registou-se igualmente a ligação entre as Fases 2 e 3 no corpo edificado. Em simultâneo com a nova construção, aparentam também ter sido efectuadas alterações no segmento da Parede 4, nomeadamente ao nível das zonas de passagem, sendo visível o encerramento e desmonte parcial de alguns vãos para a construção de novos.

Juntamente com estas evidências foi identificado, nas sondagens arqueológicas realizadas nesta sala e nas salas adjacentes, um piso em argamassa que apresenta uma inclinação no sentido descendente, consistente com declive existente na actual Travessa José Vaz de Carvalho.

Numa das salas a poente são também visíveis alterações construtivas que alteraram as zonas de circulação e passagem. Na Parede 5 é visível o encerramento do vão de uma porta, possivelmente consequência da construção da actual passagem no corredor, sendo ainda observável neste vão vestígios de azulejos de cantoneira, com decoração a azul sobre fundo branco, formando um friso. Estes azulejos são semelhantes aos que foram detectados no revestimento da estrutura [1147] e o caneiro [852], que faz a ligação à cisterna [857].

Com base nestes dados, é possível avançar com a hipótese de que os vãos originais do Palácio Vaz de Carvalho (janelas e portas) deveriam ter frisos decorativos em azulejo.

Na Parede 6, onde se localiza uma das actuais entradas do palácio, são também visíveis alterações construtivas. A porta de entrada sofreu alterações, tendo sido redimensionada no sentido de se reduzir a sua largura, encontrando-se parcialmente entaipada.



Figura 13 – Parede 5. Aspecto da mesma porta durante a fase de obra, aquando do seu reaproveitamento para o edifício a construir.



Figura 14 – Pormenor de porta de entrada na Parede 6.

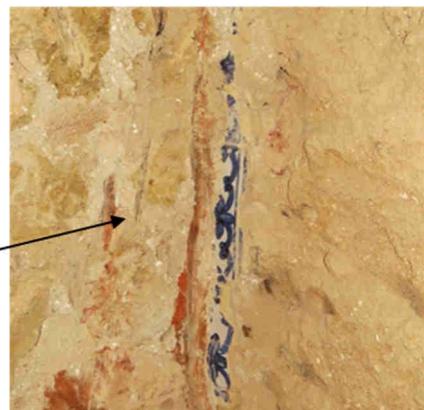


Figura 15 – Vão entaipado na Parede 5 e pormenor de revestimento e azulejo de cantoneira.

Relativamente à parede 7 que, tendo em conta o facto de se encontrar encostada à fachada do edifício voltada à Travessa Vaz de Carvalho (Parede 6), corresponde a uma outra alteração à arquitectura original do edifício.

Uma das implicações resultantes desta observação é que a área da sala de entrada foi reduzida, podendo colocar-se a hipótese de a escadaria nobre poder ser contemporânea desta modificação.

Na parte poente da parede 6 (que se encontra na área dos compartimentos criados pela construção da parede 7), foi possível registar uma enorme diversidade de alterações que perturbaram aquele que corresponde ao corpo mais antigo do edificado.

Com os dados disponíveis não é possível perceber se as transformações na sala de entrada serão, ou não, contemporâneas das ampliações observadas na zona sudeste do palácio (fases 2 e 3), podendo-se apenas supor que estas últimas terão certamente produzido algum tipo de remodelações na compartimentação do antigo edificado.

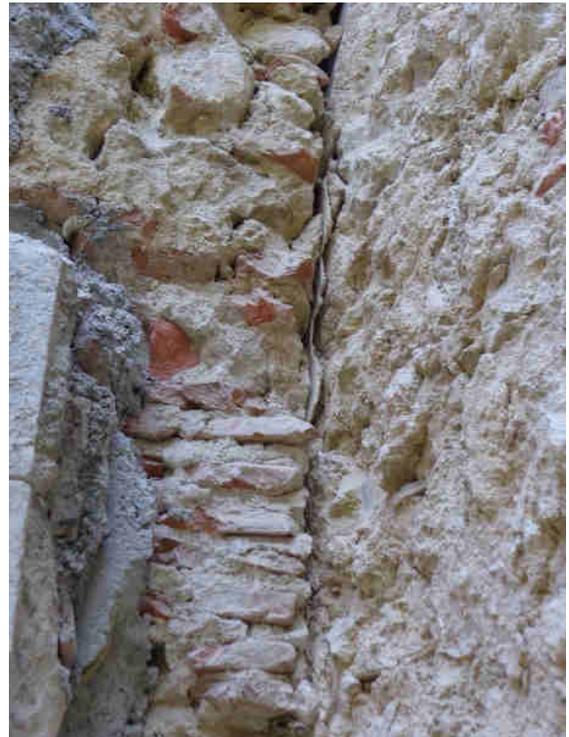


Figura 18 – Pormenor da ligação da Parede 6 (direita) com a Parede 7 (esquerda).



Figura 16 – Vista da Parede 7, voltada a nascente.



Figura 17 – Aspecto geral da parede 6, na zona a poente da parede 7.

4. Estruturas relacionadas com o jardim do palácio Vaz de Carvalho

Em fase de sondagens prévias foram identificadas estruturas de condução de águas, especialmente canalizações em grés ou caneiros em alvenaria e um poço.

Apesar da vasta área diagnosticada, as estruturas hidráulicas e de jardim mais importantes só foram detectadas no decurso do acompanhamento arqueológico: uma cisterna associada a um caneiro e uma estrutura de recepção de águas. A sua identificação veio contribuir para a confirmação da descrição histórica supramencionada (inventário de 1793).

O sistema de abastecimento de água centrava-se, em grande medida, num poço detectado na sondagem 12, referido na documentação como *“huma caza com seu pozo de nora a Mourisca”*, cuja intervenção revelou uma planta circular, com cerca de 3m de diâmetro e 5,5 m de profundidade. Estava directamente relacionado com condutas de escoamento em grés, protegidas com lajes de calcário, cuja implantação resultou na desactivação de alguns caneiros de alvenaria. O seu sistema de drenagem estava em conexão com um nível de pavimento composto por blocos/seixos de basalto, provavelmente contemporâneos entre si.

Posteriormente, foi possível identificar, em duas salas anexas situadas a nascente do poço e associadas a este, um conjunto de estruturas que deveriam estar ligadas às canalizações detectadas. Embora bastante destruídas, estas deveriam compor um conjunto de recepção de águas providas de canalizações em barro que, por estarem embutidas na parede, deveriam corresponder a captações de água dos pisos superior e telhados.



Figura 19 – Estrutura circular tipo Poço.



Figura 20 – Perspectiva Sul da área e das estruturas detectadas.



Figura 21 – Perspectiva da parede SE com uma estrutura tipo caneiro conduzindo água a partir da estrutura afunilada.

Este conjunto de realidades delimita uma estrutura semicircular afunilada, com fundo em plano inclinado, que receberia a água de caneiros, conduzindo-a para um canal.

Quer o referido canal quer a estrutura, eram revestidos por azulejos de cantoneira do século XVII, maioritariamente com pintura a azul, embora existissem exemplares com uma das

faces de cor branca. Em fase de desmonte, a recolha dos azulejos permitiu perceber que alguns raros exemplares tinham também pintura a azul e amarelo na face oculta.

Relativamente a esta solução de revestimento, colocaram-se duas hipóteses: ser de uso meramente decorativo ou servir de isolamento proporcionado pelo vidro. Concluiu-se mais tarde que seriam reaproveitamentos pouco dispendiosos pois, como referido anteriormente, este tipo de azulejo seria utilizado no remate dos cantos de portas ou janelas.

Entre as decorações observadas, existe uma predominância dos motivos vegetalistas/fitomórficos e encanastrados sendo, ainda assim, possível reconhecer “rendas” semicirculares. Este motivo poderia certamente enquadrar-se no grupo de decorações que reconhecidamente se inspiram em tecidos e que decoravam frequentemente os painéis dos altares tendo-se difundido enormemente, ao longo do século XVII, através da produção de loiça doméstica em faiança.



Figura 22 – Perspectiva da parede SE com uma estrutura tipo caneiro conduzindo água a partir da estrutura afunilada.



Figura 23 – Limpeza e escavação manual do caneiro [A814] que faz ligação à estrutura afunilada localizada no compartimento contíguo a este espaço.

No decurso da limpeza do patamar superior do logradouro foi possível o reconhecimento de estruturas que integrariam originalmente o jardim do Palácio Vaz de Carvalho.

A remoção dos depósitos superficiais com entulhos da obra expôs um conjunto coevo que permite tecer algumas considerações sobre a organização do espaço ajardinado e de lazer nesta área em particular. Foram identificadas umas escadas revestidas com azulejos atribuíveis ao séc. XVIII e uma estrutura hidráulica de condução de águas tipo caneiro, parcialmente destruída, que se encontrava associada à estrutura afunilada anteriormente descrita.

Este caneiro encontrava-se perturbado a sul, parcialmente destruído pela interface de um sistema de condução de águas formado por duas canalizações em grés e uma caixa construída com tijolo industrial.



Figura 24 – Parte SW da área do patamar superior do Logradouro.



Figura 25 – Muro [A802] integrando o caneiro [A803].

O próprio muro delimitador deste conjunto, integrava um canal que deveria conduzir águas pluviais até ao caneiro anteriormente referido.

Como elemento principal deste conjunto coevo, foram identificados dois lanços de escadas formando uma composição de simetria em V, referenciadas na documentação histórica previamente citada: “e no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances que dá serventia a huma caza”.

A interface desta escadaria cortava uma cisterna de armazenamento de águas, com cobertura abobadada, em falsa cúpula, de cronologia moderna. Tratava-se de uma estrutura em alvenaria argamassada construída com pedra toscamente aparelhada de natureza calcária, calco-arenítica e margosa, intercalada com algumas fiadas de tijolo, ligadas com argamassa de cal. A falsa cúpula era em alvenaria de tijolo ligado por argamassa.

No interior deste reservatório verificou-se a presença de nichos. Concluiu-se que, exceptuando o nicho A, nenhum dos outros apresentava continuidade em caneiro. Os nichos C e F correspondiam ao acesso a duas pequenas “salas” escavadas no substrato geológico margo-argiloso, enquanto os nichos com arco em tijolo E e D eram unicamente arcos de sustentação e de descarga para o peso da falsa cúpula.



Figura 26 – Planta da área do reservatório/cisterna [A857] e caneiro [A857], com ligação à estrutura afunilada.



Figura 27 – Planta da cisterna com localização dos nichos.

O caneiro que corresponde ao nicho A (U.E. A852) apresentava-se completamente revestido com azulejos de cantoneira pois corresponde à saída da estrutura afunilada na direcção da cisterna.

No registo documental histórico, surge-nos a seguinte afirmação: “, e no sentro seu jardim com seu lago no meyo de pedra com sua conserva de agoa para repuxo”. Com efeito, parece-nos que a cisterna corresponde, com exactidão a esta descrição, sendo um reservatório de água para o lago central e seu repuxo.

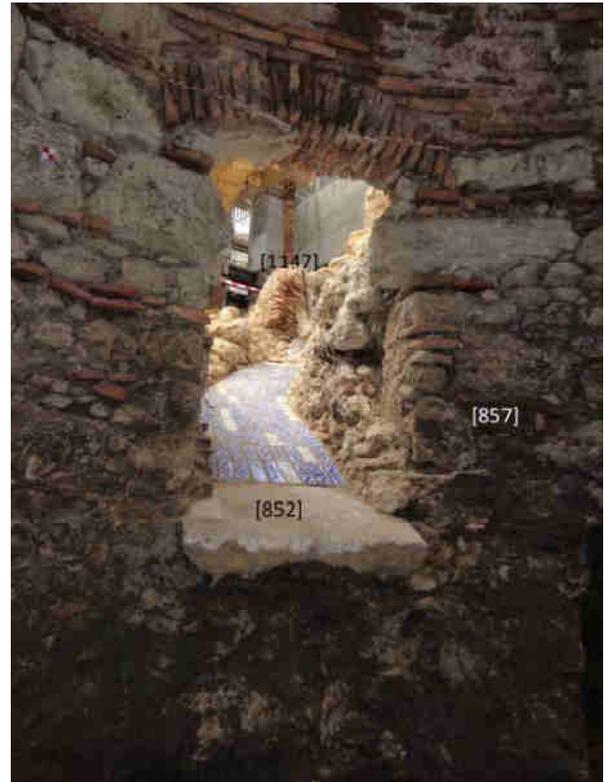


Figura 29 – Vista do caneiro [852] a partir cisterna.



Figura 28 – Vista do caneiro [A852] (nicho A) a partir do interior da estrutura afunilada.

5. Considerações finais

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do empreendimento de recuperação do Palácio Vaz de Carvalho contribuíram para o registo do seu faseamento construtivo.

Na sequência dos trabalhos realizados foram detectadas importantes estruturas hidráulicas e de jardim que se enquadram no período moderno (2ª metade ou finais do século XVII e século XVIII).

Algumas destas estruturas encontravam-se referenciadas em fontes documentais de finais do século XVIII. Embora desactivadas devido à dinâmica que gere as diferentes readaptações do espaço à medida das necessidades de cada período histórico, salienta-se a confirmação da existência de um “pozo de nora a Mourisca”, de uma série de estruturas hidráulicas onde se inclui uma cisterna e que corresponderiam à “conserva de agoa para repuxo” e do lago situado “no sentro seu jardim”, ainda que este sempre tenha estado visível.

Também aqui se inclui a presença de uma escadaria “*no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances*” que também se encontrava representada na cartografia histórica.

BIBLIOGRAFIA GERAL

REIS, H.; PEREIRO, T.; CABAÇO, N.; RAMOS, R.; VALERA, A. (2017) – *Novos dados sobre as ocupações neolíticas do centro de Lisboa*, *Arqueologia em Portugal. 2017 – estado da questão. Lisboa*. Associação dos Arqueólogos Portugueses:

FONTES

Estudo histórico “Casa das Torrinhãs: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos

SÁ, A.; TERESO, S.; BEATRIZ, M. (2019) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Palácio Vaz de Carvalho* (texto policop.), Cruz Quebrada, ERA Arqueologia.

CARTOGRAFIA

Carta Geológica de Portugal, folha 34-D, Escala 1/50.000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos.

Carta Militar de Portugal, folha 431 Escala 1/25.000, Serviço Cartográfico do Exército.

PÁGINAS DE INTERNET

Portal do Arqueólogo: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>

Atlas do Património Classificado e em Vias de Classificação: <http://geo.patrimoniocultural.pt/>

O CASO DA RUA DE SÃO TOMÉ, 76. CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO URBANA DE LISBOA (XI – XXI).

Ana Rita Silva¹
Tiago Nunes¹
Inês Mendes da Silva¹

Resumo:

O antigo palácio dos Condes de Murça, localizado entre a Rua de São Tomé, 76 e Beco do Maldonado, 2, foi objeto de diversos trabalhos arqueológicos que permitiram registar uma diacronia de ocupação entre os séc. XI / XII e a atualidade. Os resultados da intervenção arqueológica são mais uma peça do puzzle fundamental para o conhecimento desta zona de Lisboa entre os períodos medieval e contemporâneo.

Abstract:

The case of the 76 São Tomé street. Contribution to the history of urban development of Lisbon (XI – XXI)

The ancient palace of Condes de Murça, located between the São Tomé Street, 76 and Maldonado Alley, 2, was object of several archaeological works that allowed to record a diachronic occupation between the séc. XI/XII and the actuality. The results of archaeological interventions are one more essential puzzle piece to the knowledge of this area of Lisbon between the medieval and contemporary period.

1. Enquadramento e contextualização histórica

O antigo palácio dos Condes de Murça encontra-se localizado próximo do Castelo de São Jorge, nos arredores da Cerca Moura da cidade, frente ao Miradouro das Portas do Sol, pertencendo à freguesia de Santa Maria Maior, Lisboa.

No âmbito da reconversão do edifício a uma unidade hoteleira - considerando que o mesmo se encontra na ZEP do Castelo de São Jorge e resto das cercas de Lisboa (Decreto 16-06-1910, DG, nº136, de 23-06-1910), do Palácio de Belmonte e Pátio do Fradique (Decreto nº5/2002, DR, I Série-B, nº42, de 19-02-2002) e em nível II de PDM – foram realizados pela equipa da Era Arqueologia um conjunto de trabalhos arqueológicos, nomeadamente, escavação arqueológica, diagnóstico parietal e acompanhamento arqueológico da empreitada.

Considerando a proximidade ao Castelo, embora já se encontre no arrabalde do mesmo, toda esta área seria urbanizada desde cedo. Da ocupação islâmica destacam-se os diversos silos identificados na encosta do Castelo, nomeadamente na FRESS (Fundação Ricardo Espírito Santo) (Gomes, 2001:105) e ainda a própria área residencial identificada no interior do Castelo.

Se, por um lado, a urbanização deste espaço se encontra comprovada no registo arqueológico para o período islâmico, por outro, com base em dados documentais, e conforme Manuel Fialho Silva refere, é durante o séc. XII / XIII que se assiste a um maior crescimento urbano desta área do arrabalde oriental (Silva, 2017:475).

Refira-se que apesar desta área se encontrar fora da cerca moura de Lisboa, portanto, fora da área muralhada da cidade, com a construção da muralha Fernandina, nos finais do séc. XIV, integra já o interior amuralhado.

¹ERA-Arqueologia S.A..

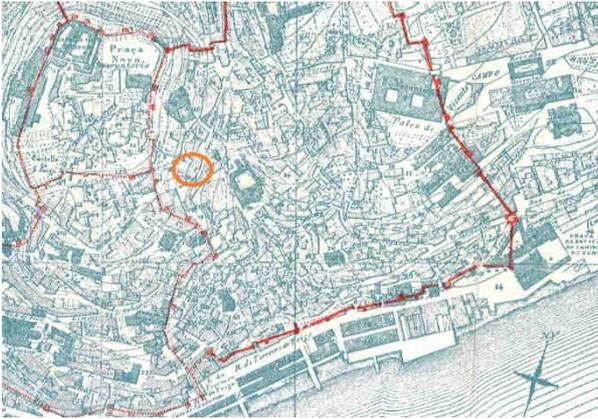


Figura 1 – Localização da área de intervenção (a laranja) no interior da muralha fernandina, num excerto da planta de Vieira da Silva (Silva, 1987).

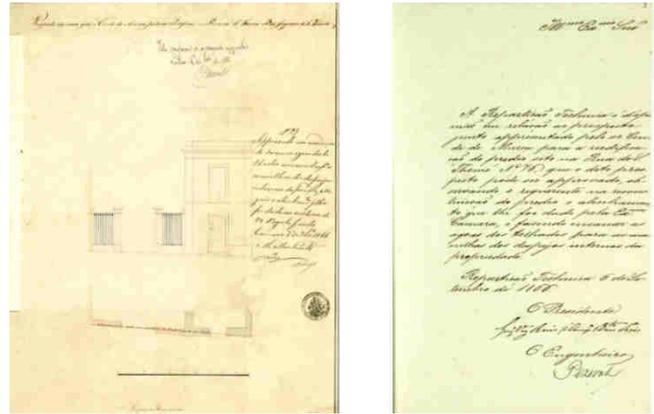


Figura 3 – Projeto de entrada do edifício e Prospeto (Arquivo Municipal de Lisboa).



Figura 2 – Análise comparativa da cartografia histórica na área de intervenção a) Planta de Tinoco (1650); b) Planta de Guilherme de Menezes (1761); c) Planta de Duarte Fava (1807) e d) Planta de Filipe Folque (1856-58).

Da análise da cartografia histórica, é possível observar a presença de um quarteirão edificado em todas as plantas desde 1650 (Tinoco), o que remete para a intensa urbanização desta zona da cidade desde os seus primórdios.

Na planta do Duarte Fava (Figura 2c) é possível observar o mesmo quarteirão, integrando uma área ajardinada que também é verificável na própria planta de Filipe Folque (Figura 2d) (1856/1858), embora com visíveis alterações. Nesta última (Figura 2d), é possível verificar que os limites do quarteirão se encontram com uma configuração praticamente igual à atual, observando-se já o volume dos edifícios aqui em estudo.

Sabe-se que o edifício do séc. XIX terá sido mandado reedificar pelo Conde de Murça em 1866, conforme consta na informação de um prospeto identificado no Arquivo Municipal de Lisboa. É ainda possível observar que, relacionado com este prospeto, se encontra associada uma planta com a entrada do edifício, sendo que a mesma não se alterou até ao presente. De destacar que esta documentação se refere a uma reedificação, o que indicia a presença de um edifício, ou vários, neste local.



Figura 4 – Fotografia de 1908 (Arquivo Municipal de Lisboa).

O edifício pertenceu aos Condes de Murça e depois, por casamento, aos condes do Arnos, nomeadamente através do casamento de D. Maria José de Mello Abreu Soares Vasconcelos Brito Barbosa e Palha – filha secundogénita dos 3^{os} Condes de Murça – com o Primeiro Conde do Arnos, Bernardo Pinheiro Correia de Melo. Nesse sentido, o edifício terá pertencido aos Condes do Arnos, pelo menos até meados do século XX. Este poderá ter estado desabitado durante algum tempo, uma vez que existe uma intimação feita à Condessa do Arnos, em 1927, para que a mesma executasse obras de limpeza e reparações no local. Posteriormente, o edifício foi alugado e nele instalaram-se

diversas oficinas, como a firma de Garrido Oliveira e a firma de Marcenaria de Eurico José Ferreira.

De referir que, em meados do século XX, o edifício parece ter sofrido algumas obras de remodelação, visíveis na documentação do Arquivo Municipal. As obras de maior dimensão são as realizadas por Eurico José Ferreira na sua oficina, que permitiram a ampliação do edifício até ao muro do logradouro.

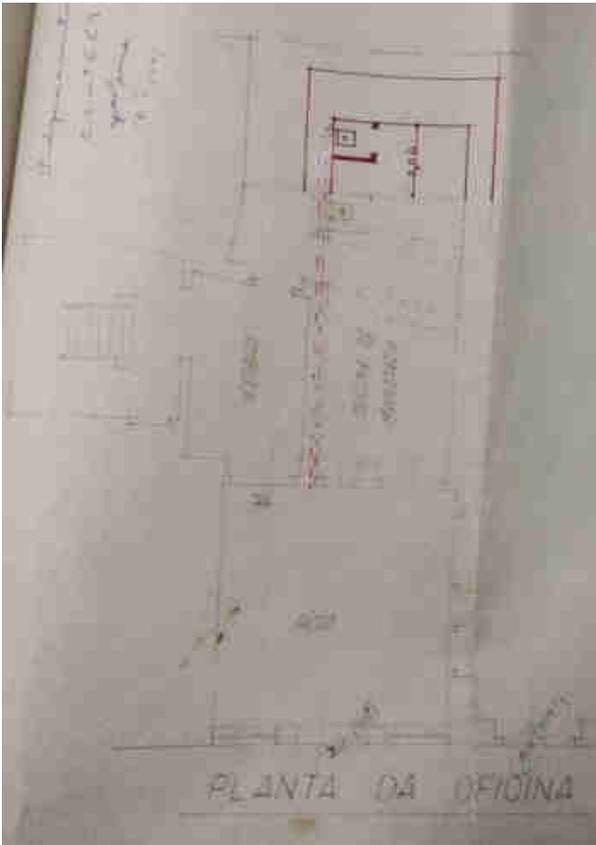


Figura 5 – Planta com as alterações feitas por Eurico José Ferreira (Arquivo Municipal de Lisboa).

Os dados aqui referidos demonstram bem como esta área se insere numa zona com uma malha urbana muito densa, pelo menos desde época medieval. O próprio espaço urbanizado preserva as marcas desta evolução e das diversas transformações que o mesmo foi sofrendo. Esta realidade faz com que haja uma evolução muito dinâmica no urbanismo, sendo que este vai muitas vezes sendo alterado à medida que os edifícios, por compra ou herança, vão mudando de proprietários. Isto é algo que se encontra muito patente nesta zona da encosta do Castelo, assim como no centro histórico de Lisboa.

2. Descrição dos contextos identificados

A realização do diagnóstico arqueológico neste local, permitiu identificar a sensibilidade arqueológica deste sítio e uma diacronia de ocupação, quase contínua, entre os séc. XI/XII e a atualidade. Perante a quantidade de informação que se ia recolhendo à medida que se executava o diagnóstico arqueológico foram-se adaptando os trabalhos arqueológicos.

Desta forma, para além do diagnóstico arqueológico inicial, e no âmbito do plano de minimização de impactes, todas as áreas a afetar pelo projeto de arquitetura foram objeto de trabalhos arqueológicos (tanto a nível de subsolo como parietal).

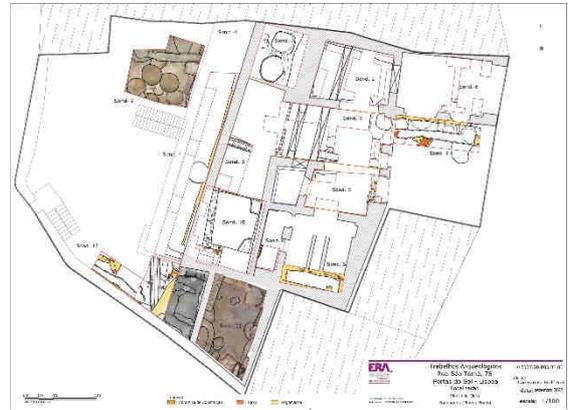


Figura 6 – Implantação das sondagens no edifício.

2.1 Os contextos de época medieval

As realidades mais antigas identificadas relacionam-se com a presença de diversas estruturas negativas escavadas no substrato rochoso e interpretadas como silos. De facto, em 5 sondagens (sondagens 1, 4, 7, 9 e 10), foi possível observar a presença destes contextos.

Os materiais arqueológicos identificados na maioria destas estruturas (sondagens 1, 7, 9 e 10), apontam o seu abandono para uma cronologia enquadrada entre os séc. XI e XII. De facto, os materiais recolhidos permitiram observar um repertório formal variado, com formas características do serviço doméstico islâmico, no qual a loiça de cozinha é habitualmente a mais abundante, integrando panelas, púcaros, caçoilas e frigideiras para ir ao lume, assim como taças e alguidares de vários tamanhos para preparar alimentos. Também foram recolhidas, tigelas e taças de diferentes dimensões, jarras/os, garrafas e bilhas (louça de servir); talhas e cântaros (recipientes de armazenagem) e fogareiros, candis e candeias, usados para cozinhar, aquecer e iluminar. Para além destes foram ainda registadas cerâmicas pintadas a branco, vidradas e alguns fragmentos de corda seca.

Se, por um lado, a presença dos silos se encontra já bem documentada em toda a colina do Castelo, por outro, a grande quantidade observada na sondagem 9, e o facto dos mesmos se encontrarem a cortar uns aos outros, denuncia não só a sua abertura sequencial, como demonstra a forte ocupação que todo este espaço teve durante a época medieval.

No que concerne aos silos identificados na sondagem 4, tendo em consideração os materiais arqueológicos associados ao seu momento de abandono, os mesmos parecem apresentar uma cronologia mais tardia, possivelmente entre os séc. XV-XVI.

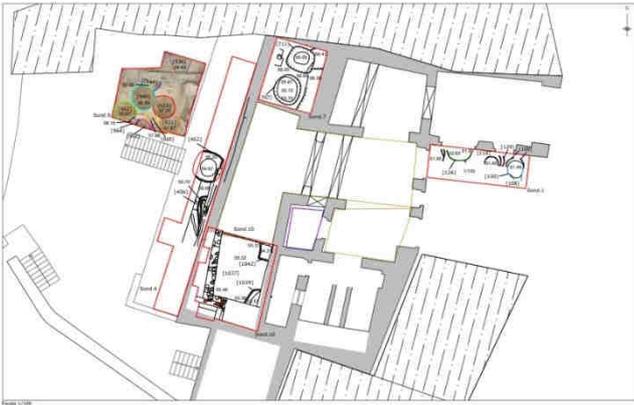


Figura 7 - Planta do edifício com a localização dos silos identificados.



Figura 9 - Plano Final da Sondagem 9 com a presença dos diversos silos.



Figura 8 - Materiais de época islâmica provenientes dos silos das sondagens 1, 7 e 9.



Figura 10 - Materiais do séc. XV/XVI provenientes do silo da sondagem 4.

2.2 Contextos de época moderna

As realidades de época moderna associam-se à presença de diversos contextos habitacionais identificados um pouco por toda a área intervencionada.

O nível habitacional mais antigo encontra-se na sondagem 11 e está cronologicamente balizado entre os finais da época medieval e os inícios de época moderna (séc. XV/XVI), correspondendo a dois muros em taipa e uma lareira. De referir que a datação atribuída a estes contextos apenas foi efetuada tendo em consideração o seu momento de abandono, ou seja, é possível perceber quando estas realidades deixaram de ser utilizadas, mas não o momento em que foram construídas.

Considerando o faseamento observado, é possível que os silos, cujo abandono é mais tardio, nomeadamente, os da sondagem 4, se encontrem relacionados com este primeiro nível habitacional.

De época moderna registaram-se diversas fases habitacionais, sendo de destacar a ocupação verificada na sondagem 11.

De facto, nesta sondagem, registou-se uma ocupação contínua de cariz habitacional, desde os séc. XV/XVI, ou anterior, até ao séc. XX, consubstanciada em 5 momentos distintos. Esta diversidade de fases de ocupação é visível na construção de novas paredes (que dividem áreas habitacionais maiores, como aconteceu aquando da construção da estrutura [1183]) e no recorrente alteamento de vãos e pavimentos.

É durante o séc. XVII que se assiste a um maior número de alterações neste espaço, ou pelo menos, do mesmo volume edificado.

Esta sondagem apresentou um elevado volume de informação, tanto a nível parietal como de subsolo, afigurando-se como uma espécie de “cápsula do tempo” para o estudo da evolução urbana e habitacional deste espaço. Nesta verificaram-se alterações que poderão estar relacionadas com modificações no próprio quarteirão. Um destes exemplos prende-se com a construção da parede [1183], que se encontra encostada ao vão mais antigo identificado [1171], indicando que a sua construção terá dividido um anterior espaço habitacional de maior dimensão.

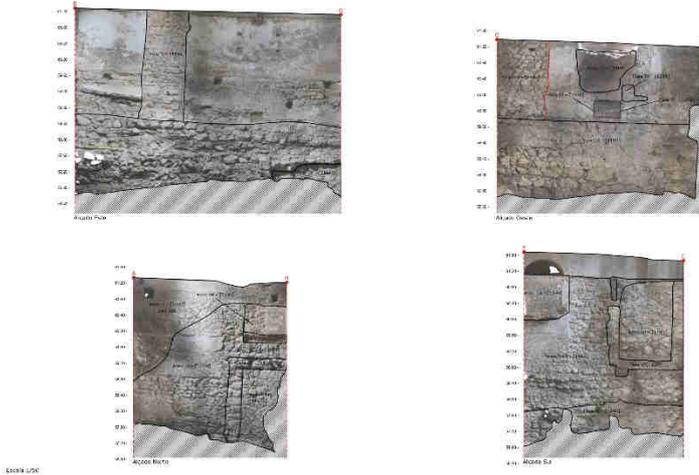


Figura 11 - Alçada das paredes da Sondagem 11 com os diversos faseamentos identificados.

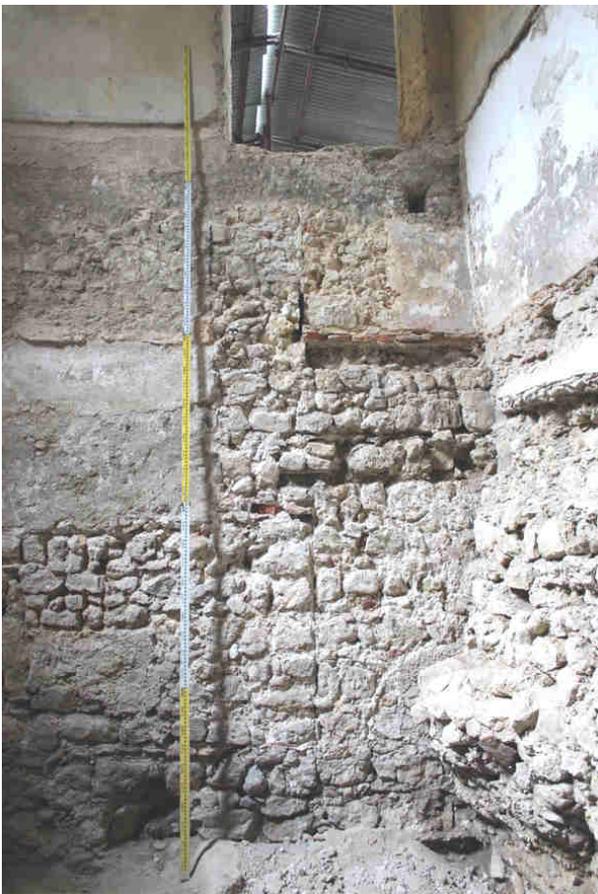


Figura 12 - Pormenor da parede [1183] a encostar ao [1171] e ao seu entaipamento [1172].

Refira-se que a cronologia das diferentes remodelações foi sendo obtida através da análise tipológico-funcional do material associado aos contextos. O conjunto artefactual aqui obtido apresenta-se bastante abrangente, com uma grande diversidade tipológica e formal.



Figura 13 - Material de época moderna proveniente da Sondagem 11.



Figura 14 - Pormenor das estruturas habitacionais da Sondagem 10.

Se, por um lado, a realização destes trabalhos permitiu perceber alguns aspetos da dinâmica da evolução urbana em época moderna, por outro, lançaram dúvidas no que se relaciona com a sua ligação com as outras realidades habitacionais observadas no resto do espaço, nomeadamente com os contextos habitacionais das Sondagens 7 e 10. Possivelmente associadas a um outro volume edificado, observaram-se as estruturas [716] e [1007], assim como a calçada [1016].

Considerando que estes contextos se enquadram cronologicamente entre os séc. XVII – XVIII, e que associada

a esta cronologia foi possível verificar, na sondagem 11, a abertura de um vão para este espaço, poderá colocar-se a possibilidade destas realidades, a determinada altura, pertencerem ao mesmo volume edificado. No entanto, a diferença de cotas em cerca de 3 metros, entre estas realidades, parece remeter para unidades habitacionais distintas.

O acompanhamento das picagens das paredes permitiu compreender melhor os diversos momentos construtivos do espaço. Neste âmbito, aquando do acompanhamento do desmonte da parede Norte, verificou-se que a mesma apresentava alguns vãos entaipados. Esta realidade remete para que a utilização desses vãos seja anterior à construção do edifício vizinho. Cronologicamente, considerando os dados obtidos nas sondagens 7 e 10, é possível que estes contextos se associem a estas pré-existências e, portanto, à presença do volume edificado de época moderna.



Figura 15 - Vãos entaipados de época moderna identificados na parede Norte.

Se os dados provenientes das sondagens de diagnóstico revelam a presença de diversos volumes edificados no espaço, a realização das sondagens parietais e do acompanhamento arqueológico corroboram esta dinâmica construtiva. Esta realidade associa-se ao facto deste espaço se encontrar inserido numa malha urbana muito densa, pelo menos a partir de finais de época medieval inícios de época moderna.

Dos finais de época moderna, inícios de época contemporânea, observaram-se contextos associados a um espaço ajardinado, nomeadamente nas sondagens 4, 9, 12 e 13. Os contextos de jardim relacionam-se com os diversos momentos habitacionais que se desenvolveram neste espaço.

2.3 Contextos de época contemporânea

Os contextos de época contemporânea relacionam-se com o atual volume edificado, com uma cronologia enquadrada no séc. XIX, mandado reedificar pelo Conde de Murça. O mesmo foi sofrendo diversas alterações ao longo do tempo, sendo de destacar o acréscimo de um outro volume edificado que tinha

o tardoz virado para a Rua de São Tomé e as alterações executadas no séc. XX, visíveis, essencialmente, nas realidades do patamar inferior do edifício.

Neste sentido, e segundo os dados obtidos nas sondagens parietais e no acompanhamento arqueológico, verificou-se que, em algum momento entre os séc. XIX e XX, procedeu-se a uma remodelação do edifício, nomeadamente à sua ampliação, reaproveitando um edifício que existia ao lado. Por algum motivo, aquando da ocupação deste espaço não procederam ao arranjo do tardoz que se encontrava virado para a rua. Estes dados são visíveis na própria cartografia e plantas analisadas no Arquivo Municipal de Lisboa.

A construção do edifício do séc. XIX e das realidades do séc. XX veio transformar, de forma generalizada, o espaço aqui em análise, afetando de forma genérica os contextos anteriores, nomeadamente, os silos de época medieval e os restantes volumes edificados.



Figura 16 - Plantas com as obras no edifício. À esquerda: planta de 1891 associada à construção das mansardas por parte do Conde do Arno. À direita: planta associada às obras de Eurico José Ferreira.



Figura 17 - Fotografia do edificado em 1961 (Arquivo Municipal de Lisboa).

3. Considerações Finais e linhas de investigação futuras

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos permitiram perceber que toda esta zona foi alvo de uma intensa

ocupação, englobando uma extensa diacronia de utilização do espaço, embora nem sempre contínua, entre os séc. XI-XII e o séc. XXI.

Pretende-se com o presente artigo a apresentação do sítio e das suas diversas fases de ocupação, fazendo uma análise diacrónica do mesmo e revelando assim a intensa ocupação que esta zona da cidade manteve ao longo dos tempos, assim como as diversas remodelações e alterações que todo este quarteirão foi sofrendo.

O sítio pode e deve ser analisado na íntegra, englobando a análise de todas as fases de ocupação deste local. No entanto, pode também ser estudado no âmbito de problemáticas específicas, contribuindo assim para uma análise mais aprofundada desta zona da cidade em determinados períodos cronológicos.

As futuras linhas de investigação a seguir relacionam-se com:

- O conhecimento da cidade, nomeadamente, do arrabalde oriental para o período que medeia os séc. XI/XII. Caso se realize uma abordagem comparativa entre os conhecimentos que há para o arrabalde ocidental e oriental, deve-se ter em conta que existe um maior volume informativo associado ao arrabalde ocidental. Desta forma, os contextos identificados na Rua de São Tomé apresentam-se como mais um dado que, associado à parca informação existente, nomeadamente os contextos da FRESS (GOMES, 2001), entre outros, é revelador desta ocupação.
- O desenvolvimento da evolução urbana nos inícios da modernidade, nomeadamente a partir do séc. XVI. O que terá motivado este desenvolvimento e as diferentes remodelações do edificado visíveis no contexto arqueológico. Procurar, através do registo documental, associar nomes de indivíduos às diversas obras executadas nestes volumes edificados e elaborar uma reconstrução do quarteirão.
- No registo arqueológico, verifica-se um hiato temporal entre os séc. XII e XV. Considerando que a escavação realizada remete apenas para uma visão parcial do espaço, este hiato temporal pode ser aparente. No entanto, não se pode descartar a hipótese de, entre estes períodos, esta zona ter sofrido uma retração urbana. O que terá motivado esta retração?

Bibliografia

ARAÚJO, Norberto de (1992) – *Peregrinações em Lisboa/ descritas por Norberto de Araújo e acompanhadas por Martins Barata*. Vol. III. Lisboa. Parceria A.M.: 1938-39.
BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. 2 ed. [1ª Ed. 1977]. London. Batsford Book.
BUGALHÃO, J.; GOMES, S.; SOUSA, M.J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos

Correiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10(1): 317-343.

BUGALHÃO, J.; SOUSA, M.J.; GOMES, A.S. (2004) – Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarin Chinês, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7(1): 575-643.

CARANDINI, A. (1997) – *Historias en la tierra. Manual de excavación arqueológica*. [1ª Ed. 1981]. Barcelona. Editorial Critica.

CATARINO, H. (1997/98) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados, Al-Ulya. *Revista do Arquivo Histórico de Loulé*. 3 volumes.

COELHO, C. *et alii*, (Grupo CIGA), (2014) – Vinte anos de cerâmica islâmica do Garb al-Andalus: ensaio cronotológico das formas abertas (II), *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aroche-Serpa: 685-696.

FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. (1993) – Arqueologia em Palmela, 1988/1992: *Catálogo da exposição. Palmela: Câmara Municipal de Palmela*.

GOMES, A; SEQUEIRA, M.J. (2001) – Continuidades e descontinuidades na arquitetura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: Escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo. *Arqueologia Medieval*. 7: 103-110.

GOMES, A., *et alii*, (2001) – *A cerâmica pintada de época medieval da alcáçova do Castelo de S. Jorge, GARB. Sítios islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa. IPPAR: 119-164.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S. *et alii*, (Grupo CIGA) (2019) – El servicio de mesa para líquidos en el Garb Al-Andalus: Jarras e Jarritas – Jarras e Bilhas. *Al-Kitab Juan Zozaya Stabel-Hansen*. Asociación Española de Arqueología Medieval. Madrid: 363-371

GÓMEZ MARTÍNEZ, S., (2002) – *Cerâmica em corda seca de Mértola*. Museu de Mértola. Campo Arqueológico de Mértola.

GONÇALVES, M.J. *et alii*, (Grupo CIGA) (2013) – Vinte anos de cerâmica islâmica do Garb al-Andalus: ensaio cronotológico das formas abertas (I). *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aroche-Serpa: 1025-1041.

HARRIS, E. (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*, [1ª Ed. 1979]. Barcelona. Editorial Critica.

PIMENTA, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (Séculos II-I a.C.). *Actas do Congresso Internacional de arqueologia, CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. BAR International Series 1696: 221-233.

SILVA, A.V. (1968) – *Dispersos*. Vol. I. Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.

SILVA, A. V. (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. vol. I. 2ª edição.

SILVA, M. F. (2017) – *Mutação urbana na Lisboa Medieval: das Taifas a D. Dinis* – Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa.

TORRES, C. (1994) – Lisboa muçulmana. Um espaço urbano e o seu território. *Lisboa Subterrânea - Catálogo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia. ed. Electa: 80-85.

VIEGAS, C.; ARRUDA, A. M. (1999) – Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2: 105-186.

ANTÓNIO DA GAMA PEREIRA - UMA ANOTAÇÃO BIOGRÁFICA.

João Miguez¹
Filipe Santos Oliveira²

Resumo:

No decorrer dos trabalhos arqueológicos no antigo Convento do Lóios de Lisboa, entre níveis e contextos da ocupação monástica, foi identificada uma pedra tumular de grandes dimensões. Em bom estado de conservação, mostrava brasão intrincadamente produzido sob o qual se lia «Sepultura do Doutor António da Gama Pereyra, do Concelho del-Rey nosso senhor [...]». Quebrando-se assim o anonimato comum ao objecto da prática arqueológica, procuraremos nesta pequena resenha histórica explorar a figura e vida desta personagem.

Abstract:

António Gama Pereira – a biographic annotation.

During an archaeological survey at the old Convent of Saint Eloi in Lisbon, among the strata and structures of the monastical occupation, a sizable tombstone was identified. In a good state of preservation, it showed an intricately produced coat of arms which read «Grave of Doctor António da Gama Pereyra, of the Council of the King our Lord [...]». Thus, breaking the anonymity common to the objects of archaeological praxis, we will try in this short historical review to explore the persona and life of this individual.

1. Introdução

O espaço do antigo Convento dos Lóios, situado na colina do Castelo, foi intervencionado por uma equipa da ERA Arqueologia entre Setembro de 2017 e Março de 2018. Estes trabalhos, decorrendo na perspectiva da arqueologia de salvaguarda, procuravam informar o promotor imobiliário, respondendo ao mesmo tempo às exigências legais relativas à minimização de impactes sobre o património arqueológico decorrentes da empreitada prevista.

Tais medidas eram necessárias, pois o edifício hoje conhecido como Convento dos Lóios foi fundado em 1291 como o Colégio de São Paulo, São Clemente e Santo Elói pelo bispo D. Domingos Jardo, para promover a instrução de merceeiros, clérigos e estudantes pobres.

Já com um século de uso e em mau estado de conservação, foi doado, em 1440, pelo regente D. Pedro aos religiosos de São João Evangelista, junto com rendas e propriedades para que administrassem e ampliassem este hospital-escola. (Castilho, 1938: 124).

Sendo uma propriedade urbana, o edifício tinha uma área limitada, sendo descrito em 1442 como possuindo “*uma capela ou igreja (...) de uma só nave, orientada nascente-poente (...)*”. Tal circunstância, e as dificuldades de aquisição de áreas anexas, forçou a congregação a várias obras e remodelações dos seus interiores para o adaptar às necessidades hospitalares.

¹ ArqueoHoje Lda.; ² Era Arqueologia; CHAM – Centro de Humanidades



Figura 1 - Pormenor do quadro "A partida de São Francisco de Xavier", de 1730 (de autor desconhecido) com o Convento de Santo Elói ao centro.

No entanto, a estima da Casa Real de Avis por esta comunidade aparenta ter sido grande, sendo o local escolhido para albergar temporariamente os restos mortais do infante D. Pedro, e para receber a sepultura da infanta D. Catarina, filha do rei D. Duarte e irmã de D. Afonso V (Castilho, 1938: 236-237).

Tal atenção parece ter resultado em obras na própria estrutura para permitir a colocação destes túmulos, com a construção de uma segunda nave idêntica à já existente, e também uma segunda capela-mor, "em correspondência com a já existente, onde jazia o corpo do bispo instituidor" [D. Domingos Jarro,] tendo sido necessário "demolir o muro lateral norte do templo, e substituí-lo por um pilar ou coluna, que ficou ao centro do corpo da igreja, e sobre o qual vinham apoiar se os dois arcos que substituíram o muro suprimido" tendo as obras sido concluídas no ano de 1474 (Castilho, 1938: 238).

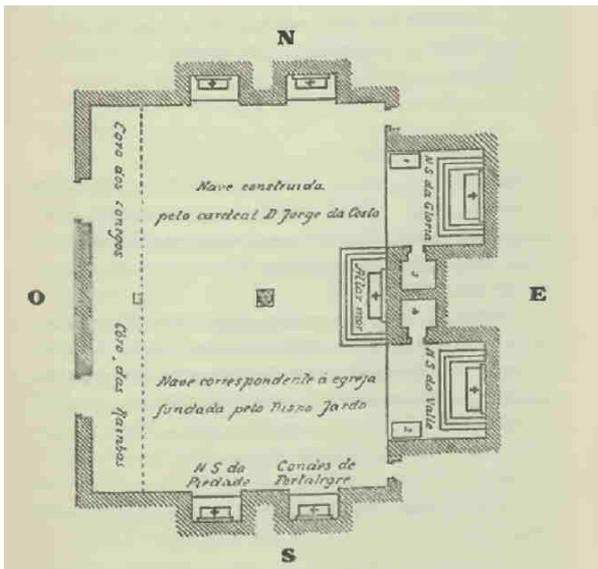


Figura 2 - Planta da igreja após as obras de 1474, segundo reconstrução feita por Henrique Loureiro.

Embora não existam registos contemporâneos destes faseamentos do século XV, podemos recorrer à reconstituição feita por Henrique Loureiro bem como à extensa descrição feita pelo padre Francisco de Santa Maria (1697), de onde se destacam as duas capelas onde jaziam quer a infanta quer o fundador D. Domingos Jarro.

A igreja manteve esta configuração de duas naves até finais do século XVII, encontrando-se, no entanto, muito arruinada, razão que levou a que se procedesse à sua demolição e levantamento de novo templo no mesmo local.

A nova Igreja "teria oito capelas e outras tantas tribunas por cima, com janelas para a iluminação do interior (...) A porta principal seria situada por baixo do coro, para a banda do claustro, ficando-lhe da parte direita, também por baixo do coro, uma porta travessa, e fronteira uma capela". Já o interior da Igreja estava "revestido de mármore e jaspes de várias cores, embutidos e floreados" (Castilho, 1938: 248).

Foi com base nestas descrições que Henrique Loureiro pode, novamente, reconstituir a planta da nova Igreja de Santo Eloy, também ela orientada Nascente-Poente, "com a capela-mor contígua, ou muito próxima da desaparecida travessa que do largo grande de S. Tiago ia para o largo dos Lóios" (idem).

Sobrevivendo até ao terramoto de 1755, este evento destruiu quase por completo o convento e a Igreja, tendo os frades sobreviventes sido transferidos para outro convento da ordem localizado em Xabregas, e nas ruínas dos Lóios sido construída um conjunto de barracas no claustro e uma capela com um só altar (Castro, 1763: 236).

Em 1834, a extinção das ordens religiosas incorporou este sítio nos bens da Coroa, que ali instalou a 5ª Companhia da Guarda Municipal de Lisboa, procedendo-se à remodelação para o albergar do contingente militar. Eventualmente transformado na Guarda Nacional Republicana, este corpo ficaria ali aquartelado até aos inícios do presente século, momento em que o local foi adquirido para promoção imobiliária e hoteleira.

2. A intervenção arqueológica

A área que procuraremos abordar para os propósitos deste estudo corresponde à sondagem 20, a qual estava implantada na antiga zona de refeitório da GNR, no interior do edifício situado a poente do edifício principal do século XIX, a Norte da área da parada, com a particularidade de ser o único que ainda mantém a orientação que teria a antiga igreja.

Nesta sondagem, e após o levantamento do nível de circulação actual, verificou-se a presença do resto de um lajeado, que associado ao grande arco situado nas imediações da sondagem, poderão corresponder à igreja oitavada construída na segunda metade do século XVII.

De facto, a escavação desta sondagem revelou a presença de aterros e de níveis de pavimentação, em argamassa de cal e areia, junto com a presença de buracos de poste e de alguns elementos em calcário reaproveitados, com orifícios para a colocação de traves em madeira, associados ao momento de construção da igreja oitavada.



Figura 3 - Pormenor da área de escavação – observando-se a laje funerária in situ (ERA Arqueologia, 2017).

Sob estes níveis de remodelação/regularização, verificou-se a presença de um piso em tijolo de burro e duas lápides funerárias, uma datada de 1566 e a outra de 1595.

Desta última sabemos, através das fontes históricas (Santa Maria, 1697), que se encontrava na primitiva igreja, com cerca de 2,30m por 1,30m.

Mostrava brasão de armas esquartelado, onde se vêem o armas da família Gama, xadrezado de três peças em faixa e de cinco peças em pala, e dos Pereira, campo com uma cruz florenciada aberta. Na inscrição pode ler-se:

SEPULTURA DO DOUTOR ANTÓNIO DA GAMA PEREYRA, DO CONCELHO DEL-REY NOSSO SENHOR, SEU DESEMBARGADOR DO PACO, & CHANCERE DA CASA DA SUPPLICACAO, NOS QUAES TRIBUNAES SERVIO QUARENTA & NOVE ANOS, VIVEO SETTENTA & CINCO: FALECEO EM 30 DE MARÇO DE 1595.

Mas então, quem é esta figura que se encontra ali sepultada, e quais poderão ser os motivos para a utilização de elementos decorativos tão intrincados na laje que o identifica?

3. Doutor António da Gama Pereyra – um letrado do século XVI

António da Gama Pereyra nasceu no ano de 1520 na cidade do Funchal, ilha da Madeira, como o terceiro filho (segundo filho varão) de Dr. Lourenço Vaz da Gama Pereyra, e Branca Homem de Gouveia (Testos, 2016: 113).

Crescendo numa família ligada às Letras, o pai desempenhava a função de *Provedor dos Ausentes* na cidade do Funchal, zelando e administrando os bens e propriedades dos defuntos, órfãos e cativos, fiscalizando o cumprimento de testamentos ou e actuação dos testamenteiros (idem:113). Embora uma magistratura intermédia, mostrava-se essencial nestas comunidades limítrofes do reino marcadas pela insularidade e pelos perigos das travessias atlânticas da pirataria e do corso.

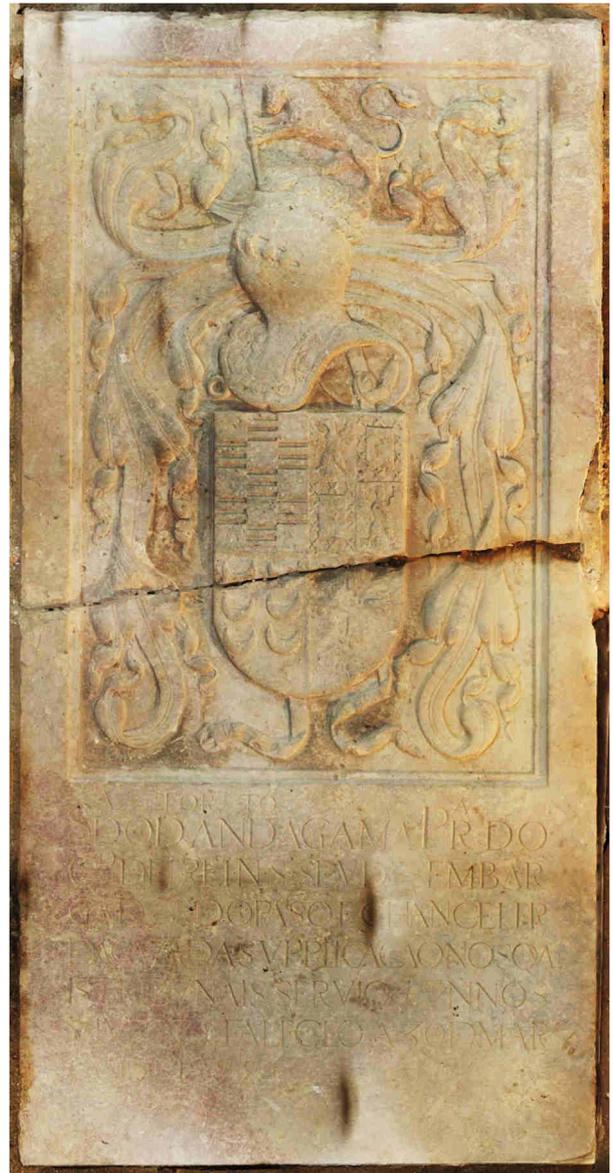


Figura 4 - Laje funerária de Dr António da Gama Pereyra (ERA Arqueologia, 2017).

Em 1537, com 17 anos, António da Gama Pereyra envereda pela carreira jurídica e ingressa nos Estudos Gerais na cidade de Lisboa.

No entanto, a sua matrícula coincidiu com a reforma da universidade portuguesa a mando de D. João III, que estabelece Coimbra como o centro de ensino por excelência, dando-lhe primazia na formação dos letrados e doutores que compunham a burocracia letrada do reino (idem:112).

Transferindo-se para o curso de Leis em Coimbra, obteria o grau de bacharel em 1543, e, continuando os seus estudos, em 1546 foi-lhe atribuída a posição de Lente (professor universitário).

No entanto, terá procurado prosseguir um percurso académico, encontrando-se em 1549 num dos mais prestigiados locais de ensino e cultura da Europa

Quinhentista, a Universidade de Bolonha, onde é exposto às mais recentes ideias do Humanismo e saber jurídico. Aqui é aceite no famoso Colégio dos Espanhóis (*Collegium Hispanicum*), uma instituição quatrocentista fundada para albergar estudantes espanhóis e proporcionar ensinamentos no ramo da teologia e Direito Canónico e Civil, onde obteve o grau de Licenciado e Doutor (Cabral, 2015).



Figura 5 - Universidade de Coimbra (Pormenor da gravura da Civitates Orbis Terrarum, Georg Braun, 1575).

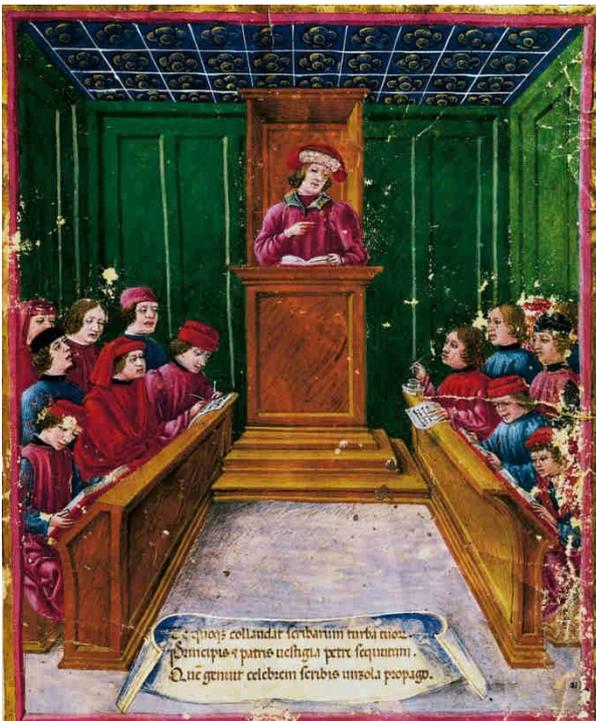


Figura 6 - Miniatura ilustrando aula de Direito na Universidade de Bolonha (século XV) - *Liber iurium et privilegiorum notariorum Bononiae* (Museo Civico Medievale, Bolonha, Itália).

A qualidade da formação que obteve parece ter atraído o interesse da coroa portuguesa, tendo António Pereyra regressado a Portugal, e sido chamado por D. João III para assumir a posição de Lente da cadeira de Código na Universidade de Coimbra.

No entanto, a sua estadia em Coimbra foi de curta duração, sendo que ainda no mesmo ano D. João III volta a distingui-lo com o seu patrocínio e nomeando-o, com apenas 32 anos de

idade, para o cargo de nomeado Desembargador Extravagante.

Neste cargo integra um dos mais altos tribunais do reino, a Casa da Suplicação, um órgão jurídico originalmente itinerante, que acompanhava a figura do rei e da corte pelo território, dispensando justiça através da apreciação e julgamento de apelações, e trabalhando como um tribunal de recurso.

Ao tempo da sua nomeação o processo de centralização do poder régio, em particular com D. Manuel I e D. João III, havia fixado a Casa da Suplicação na cidade de Lisboa, a qual se assumia progressivamente como capital política do reino. No entanto, esta concentração das instituições jurídicas gerava dificuldades na gestão e aplicação da justiça no restante território, criando a necessidade de aumentar o número de desembargadores e demais burocratas, surgindo a figura ocupada por Dr. António da Gama Pereyra de Desembargador Extravagante, ou seja, sem tribunal definido ou itinerante (Testos, 2016: 111).

Gracejado com esta distinta posição, António inicia nesta fase da sua vida a publicação de diversos corpus jurídicos e pareceres legais, resultantes maioritariamente das suas experiências profissionais, entre os quais se conta o «Tratado sobre a prestação dos sacramentos, aos condenados ao último suplício, e sobre os testamentos, anatomia e sepulturas» (Testos, 2016: 118).



Figura 7 - A administração da justiça como uma prerrogativa régia - Gravura no *Liuro terçeyro das ordenações*. (Ordenações Manuelinas, Lisboa (1514).

Cumprindo quase uma década nesta magistratura, em 1561 é nomeado para o cargo de Desembargador do Agravo, o ofício mais alto e prestigiado daquele tribunal. Já ocorrida durante a regência de Dona Catarina de Áustria, viúva de D. João III, demonstra o contínuo patrocínio que Gama Pereyra desfrutava junto da casa real.

Em 1578, já apresentando longa e distinta carreira pública, publica a mando de D. Sebastião a obra – *Decisões do Reino*, (Cabral, 2015) uma compilação de casos julgados pelo autor enquanto Desembargador de Agravos na Casa da Suplicação.

A sua posição influente em matérias de jurisprudência na corte portuguesa envolve-o nas questões de legitimidade sucessória durante a crise de 1578, tendo Gama Pereyra advogado pela ascensão de D. Filipe II de Espanha.

Aclamado em 1580, D. Filipe I de Portugal convida nesse mesmo ano António da Gama para o seu Conselho pessoal, seguida de perto pela sua nomeação para Desembargador do Paço e Petições.

Atingia assim o topo da carreira jurídica do reino, assumindo um cargo com competências em matérias de política, aconselhando directamente o monarca, e judiciais, despendendo a justiça nos casos e apelações que chegavam às mais altas instâncias.

Não foi este o fim da sua ascensão política, pois em 1590, já com 70 anos, seria feito fidalgo da Casa Real, um título de nobreza atribuído pelos “*muitos e continuados serviços que por muitos anos me tem feitos e aso senhores reis meus predecessores*” (Testos, 2016: 118).

Esta atribuição foi ainda acompanhada pelo título de chanceler da Casa da Suplicação, uma função de apreciação e revisão das decisões que emanavam das restantes instituições, o que, junto com a posição de Desembargador do Paço, o tornava um dos juristas mais influentes do reino.

Terá falecido a 30 de Março de 1595, na idade de 75 anos, tendo servido 49 dos quais como jurista. A sua sepultura encontrava-se no Convento dos Lóios, na freguesia de S. Tiago de Lisboa, situação confirmada pelos trabalhos de arqueologia ali desenvolvidos.

4. Considerações

Como foi possível verificar, a vida de António da Gama Pereyra foi marcada pelo sucesso e ascensão social ao serviço da Casa Real, pois embora originando numa família de letrados, um longo trajecto académico e profissional separava os seus inícios na cidade do Funchal da posição de Desembargador do Paço no término da sua vida.

Deve ainda ser mencionado que pelo menos um dos seus filhos, Luís da Gama Pereyra, seguiu as suas passadas, tendo também sido nomeado para o cargo de Desembargador do Paço e Petições em 1616. E tal como o pai, aquando da morte em 1622, foi sepultado no Mosteiro de Santo Elói.

Levanta-se assim a questão do porquê este local para o sepultar de Dr. António da Gama Pereyra e seu filho, pois numa primeira leitura não parece existir uma relação directa entre os Lóios e a família da Gama Pereyra.

Poderá assim depender da sua posição na burocracia do reino e como membros da fidalguia da Casa Real, situação essa que explicaria a identificação no decorrer dos trabalhos de outros sepultamentos naquela área, de cronologias similares, entre os quais encontramos figuras como um «escrivão da cozinha do Infante Dom Luis que faleceu em 1566» (Miguez, Miguel, 2019).

Será possível assumir que, fruto da já referida estima que a casa real mostrava pela congregação de Santo Elói, esta se assumisse como cemitério para estes estratos sociais e grupos ligados à casa real. Obviamente, tais questões só poderão ser respondidas com estudos mais aprofundados dos registos e arquivos da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista.

Bibliografia

- ANDRADE, F. (1948) – *A Freguesia de Santiago*. 1º e 2º volumes.
- CASTILHO, J. (1938) – *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. 2ª edição revista e ampliada pelo autor e com anotações do Eng. Augusto Vieira da Silva. Lisboa. S. Industriais da C.M.L.
- SANTA MARIA, F. (1697) – *O ceo aberto na terra: Historia Das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares De S. Jorge Em Alga De Veneza & De S. João Evangelista Em Portugal*. Lisboa. Na oficina de Manoel Lopes Ferreyra.
- CABRAL, G. (2015) – *Case law in Portuguese decisiones in the Early Modern Age: Antonio da Gama's Decisiones Supremi Senatus Lusitaniae*. Forum historiae júris - <https://forhistiur.net/2015-06-machado-cabral/>
- MIGUEZ, J.; MIGUEL, L. (2018) – *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos - Sondagens de diagnóstico arqueológico – Largo dos Lóios 10, Lisboa*. ERA Arqueologia, SA.
- TESTOS, J. (2016) – *Ofícios da Justiça e Julgadores: Reforma e carreiras nos tribunais superiores (séculos XVI-XVII)*. *Teoria e História do Direito/ Revista*. 1.

UM CEMITÉRIO MODERNO NA TRAVESSA DE SANTA QUITÉRIA, LISBOA

Pedro Abade¹
Sofia Nogueira²
Lucy Shaw Evangelista³
Camila Lacueva⁴
Diana Dinis⁴

“A morte é uma flor que só abre uma vez.
Mas quando abre, nada se abre com ela.
Abre sempre que quer, e fora de estação.”
(Paul Celan, A morte é uma flor. Trad. João Barrento).

Resumo:

No âmbito da minimização de impactes do projecto de Reabilitação de Edifício localizado na Travessa de Santa Quitéria 14 a 16, Beco do Batalha 16 a 18, Lisboa, foram identificados, em acompanhamento arqueológico, vestígios esqueléticos e alterou-se a metodologia para escavação integral.

Os trabalhos arqueológicos e antropológicos colocaram a descoberto parte de uma necrópole, dentro da cerca do Mosteiro de São Bento da Saúde, cuja cronologia se enquadra entre os fins do século XVII e os meados do século XVIII. Identificaram-se 14 sepulturas, escavadas 12: estas são individuais e as inumações primárias. As estruturas funerárias foram escavadas no substrato geológico ou no depósito que o cobria, em fossas simples e apresentam forma oval ou retangular. Os indivíduos encontravam-se inumados em decúbito dorsal, com os membros inferiores em extensão e com escasso espólio associado.

Os dados recolhidos revelam uma amostra constituída por 12 indivíduos, sendo dois (16,7%) não-adultos (adolescentes tardios) e 10 (83,3%) adultos. Relativamente à diagnose sexual, foram identificados 11 (91,7%) indivíduos do sexo masculino e um (8,3%) indeterminado. Os parâmetros relativos à paleopatologia revelam lesões degenerativas articulares e não articulares, traumáticas, infecciosas, de ordem metabólica e patologias orais.

Abstract:

iArchaeology: contributions for LIDAR sensor adoption in mobile devices in the archaeological practice

In the context of minimizing the impacts of the Building Rehabilitation Project located at Travessa de Santa Quitéria 14-16, Beco do Batalha 16-18, Lisbon, skeletal remains were discovered during archaeological monitoring, leading to a change in the excavation methodology to complete excavation.

The archaeological and anthropological works uncovered part of a necropolis within the grounds of the São Bento da Saúde Monastery, dating from the late 17th to the mid-18th century. Fourteen graves were identified, with twelve of them excavated. These graves are individual primary burials. The funerary structures were excavated either in the geological substrate or in the overlaying deposit, in simple pits of oval or rectangular shape. The individuals were buried in a supine position with their lower limbs extended and with limited associated artifacts.

The collected data reveal a sample consisting of twelve individuals, of which two (16.7%) were non-adults (late adolescents) and ten (83.3%) were adults. Regarding the sex diagnosis, eleven (91.7%) individuals were identified as male, and one (8.3%) was undetermined. The paleopathological parameters indicate degenerative jarticular and non-articular lesions, traumatic injuries, infectious diseases, metabolic disorders, and oral pathologies.

¹ Arqueólogo, ERA Arqueologia (pedroabade@era-arqueologia.pt)

² Antropóloga Biológica, ERA Arqueologia.

³ Arqueóloga; Antropóloga Biológica. ERA Arqueologia SA.; CIAS – U. Coimbra; ICArEHB-U. Algarve.

⁴ Arqueóloga, Era Arqueologia.

1. Introdução e breve enquadramento

A Travessa de Santa Quitéria localiza-se na freguesia da Estrela, em Lisboa. A proposta de reabilitação de edifício situado nos números 14-16, tornejando para o Beco da Batalha 16-18, foi condicionada ao acompanhamento arqueológico de todas as actividades que implicassem a afectação do subsolo.

Durante o acompanhamento foram identificados vestígios esqueléticos na área sul, mais próxima da Travessa de Santa Quitéria, tendo-se alterado a metodologia dos trabalhos para escavação arqueológica.

Definiram-se 4 áreas de escavação onde a empreitada atingia altimetrias mais profundas, demarcadas de modo a abranger os contextos antropológicos. Deste modo, foi possível identificar 14 sepulturas contendo restos esqueléticos, de uma necrópole organizada, constituída entre os finais do século XVII e os meados do século XVIII.

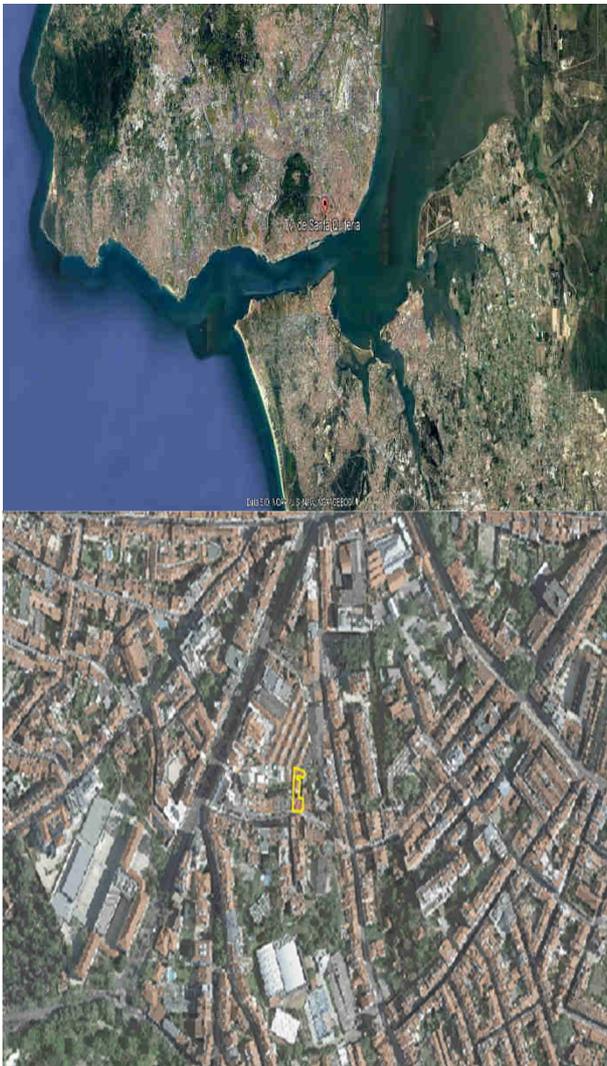


Figura 1- Localização da escavação no Google Earth, 2022.

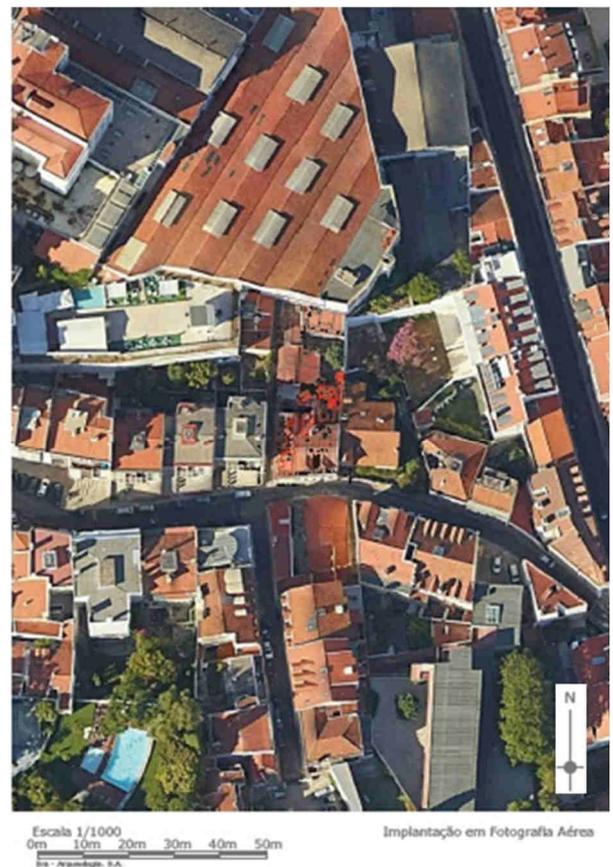
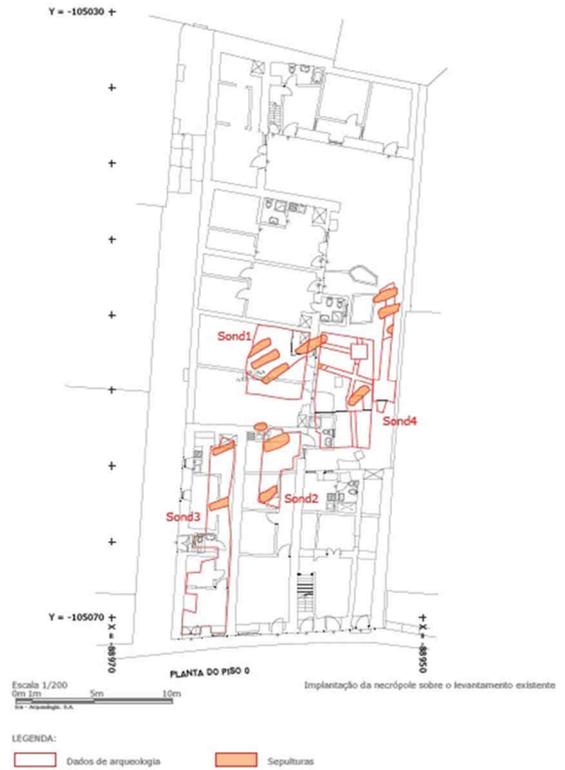


Figura 2 - Localização das sondagens e sepulturas em planta de obra.

A travessa de Santa Quitéria enquadra-se nas imediações do Mosteiro de São Bento e esta rua foi constituída em 1759, tendo sido talhada na cerca do Mosteiro de São Bento (Araújo, 1939: 29-31). Entre 1759 e 1789 foram construídas várias ruas nas imediações do Mosteiro de São Bento, alterando e diminuindo significativamente a sua morfologia, mormente, rua de Santo Amaro, as travessas de Santa Gertrudes (hoje chamada Rua da dos Ferreiros a Estrela), de Santo Ildefonso e a Rua de S. Bernardo (Araújo, 1939: 29-31).

A primeira planta, de 1834, apresenta uma cerca mais reduzida que a mencionada por Norberto Araújo, com as ruas assinaladas e a cerca a cingir-se às imediações do Mosteiro de São Bento.

O empreendimento em análise foi construído em meados do Séc. XVIII (estava embargado quando se deu o sismo de 1755), provavelmente já como edifício de rendimento. O edificado intervencionado apresenta aproximadamente a mesma configuração desde a sua origem, sendo constituído pelo edifício principal orientado para a Travessa de Santa Quitéria e pelo corpo de casas ao longo do Beco do Batalha e do pátio do logradouro. Encontra-se pela primeira vez referenciado na Planta Topographica de Lisboa de 1780.

De referir igualmente, que o Beco de Santa Quitéria, contíguo à Travessa de Santa Quitéria e muito próximo do empreendimento alvo de trabalho, tinha o nome de Beco dos Mortos, situação que foi modificada para a nomenclatura actual pelo 1º edital de toponímia do Governo Civil de Lisboa, de 1 de Setembro de 1859.

2. Contexto Arqueológico

O acompanhamento arqueológico identificou, no limite norte do empreendimento, um conjunto de aterros contemporâneos, relacionados com as obras de construção e remodelações do edificado. A potência estratigráfica era muito reduzida, inclusivamente a parede norte do edifício assentava no substrato geológico (Figura 3), aumentando gradualmente com a aproximação ao limite sul, na Travessa de Santa Quitéria.

Na área onde posteriormente se implantou a sondagem 1, a estratigrafia alterava-se ligeiramente e sob estes contextos mais recentes, identificou-se um depósito sem material arqueológico, que se revelou posteriormente o aterro que selava a necrópole. Ao serem identificados os primeiros vestígios esqueléticos alterou-se a metodologia para escavação arqueológica integral dos contextos a ser afectados pela obra.

Foram realizadas 4 sondagens arqueológicas (Figura 2), demarcadas de modo a abranger os referidos contextos antropológicos, o que permitiu a identificação de 14 sepulturas contendo restos esqueléticos, tendo sido apenas integralmente escavados e registados 12 indivíduos, sendo que os restantes 2 não foram afectados pela obra.

Como referimos, a necrópole encontrava-se sob os contextos do século XIX-XX relacionados com as obras no edifício. As sepulturas encontravam-se cobertas por um depósito com escasso material arqueológico e sem inclusões pétreas.



Figura 3 - Limite Norte na intervenção na Travessa de Santa Quitéria 14-16.

As sepulturas identificadas nas sondagens 1 e 4 estavam escavadas directamente no geológico, em fossas simples, individuais, de forma oval ou sub-rectangular, com reduzido material associado. As sepulturas eram colmatadas por depósitos constituídos por substrato e terra que cobriam os esqueletos. A organização espacial das sepulturas torna-se evidente, devendo a necrópole ter sido constituída num curto período, sem reutilizações ou reaberturas.

Como o substrato rochoso tinha uma pendente N-S na direcção da Travessa de Santa Quitéria, as sondagens 2 e 3 apresentavam sob o depósito que cobria a necrópole, outro, de características semelhantes, sem material arqueológico associado. Nestas sondagens, as inumações eram efectuadas em covachos simples, escavados no sedimento e individuais, igualmente de perfil oval ou sub-rectangular.

Todos os indivíduos foram depositados em decúbito dorsal em fossas simples escavadas na rocha ou no sedimento, tendo apenas sido identificado um conjunto de contas registado sobre o tórax do indivíduo [2014] da Sepultura 4. Na Sepultura 1 [1009] foi identificado um botão em osso junto aos pés do indivíduo.



Figura 4 - Plano Final das sondagens 1 e 2 localizadas em planta de obra.

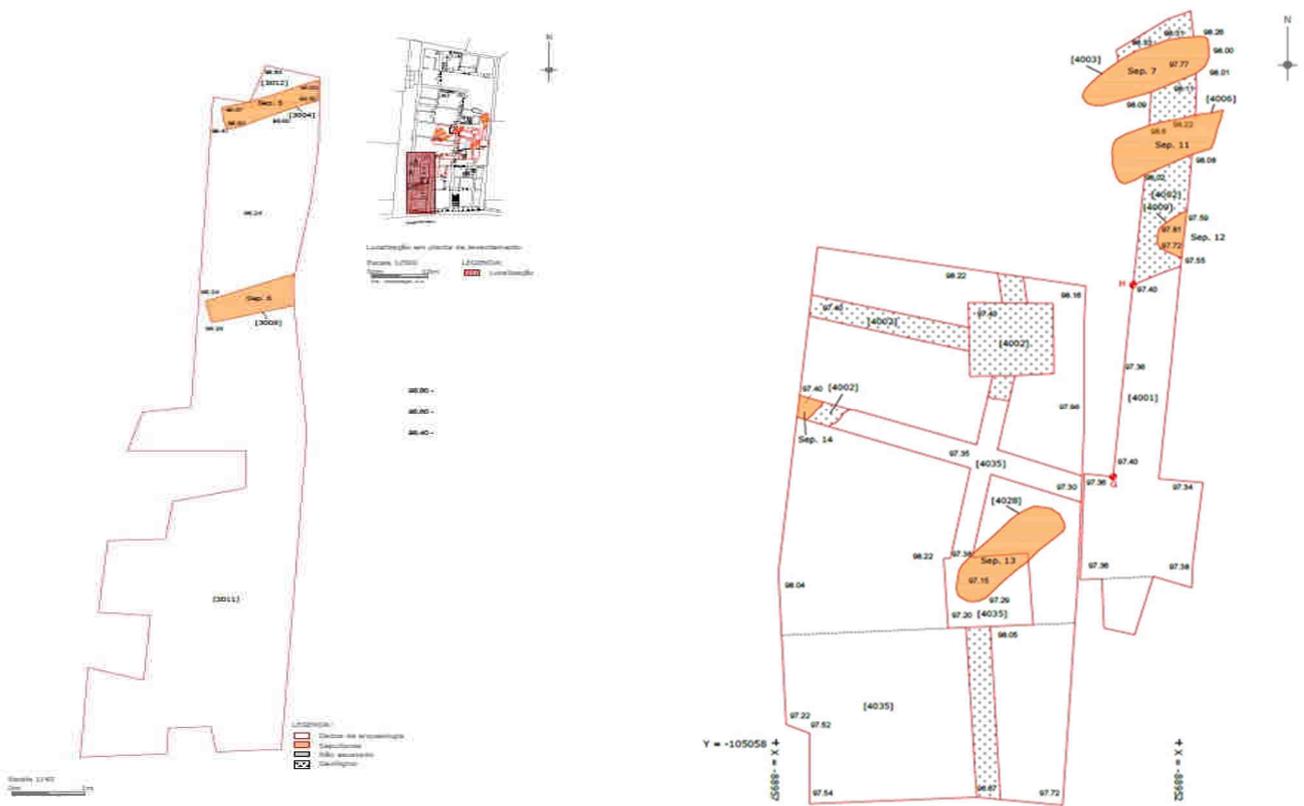


Figura 5 - Plano Final das sondagens 3 e 4, implantadas em planta de obra.

Verificou-se que as obras de reabilitação e ampliação do edificado desde a sua construção no século XVIII afectaram algumas sepulturas: na Sondagem 1, a sepultura 10 encontrava-se afectada por uma vala realizada, entre o século XIX e o século XX, durante as obras de reabilitação da casa. Na sondagem 2, o indivíduo [2014] encontrava-se destruído a partir de meio das tíbias, tendo os pés sido igualmente destruídos.

A cronologia que propomos para a necrópole baseia-se em pouco material recolhido no nível que a selava, pois, nas sepulturas ou no aterro em que foram abertos alguns dos sepulcros não se recolheu qualquer espólio. Neste sentido, a haste de cachimbo e a faiança parecem remeter para os finais do século XVII e os inícios do século XVIII (Figura 6).



Figura 6 - Material de [3001] e de [2008], depósitos que cobriam a necrópole.

3. Conjunto Antropológico

3.1. Materiais e métodos

Os métodos utilizados para estimar a idade à morte nos não-adultos foram a calcificação e erupção dentária de Ubelaker (1989) e a união epifisária de Ferembach *et al.* (1980).

O estabelecimento de um intervalo de idades para os esqueletos adultos conseguiu-se com recurso aos métodos desenvolvidos por Lovejoy *et al.* (1985), Brooks e Suchey (1990), MacLaughlin (1990) e Albert e Maples (1995).

O agrupamento etário dos não-adultos é feito segundo o proposto por Buiksta e Ubelaker (1994). Relativamente aos indivíduos adultos são usados os subgrupos concebidos por Baccino e Schmitt (2006).

A diagnose sexual foi definida segundo os métodos de Ferembach *et al.* (1980), Bruzek (2002), Wasterlain (2000) e Silva (1995).

Para estimar a estatura dos indivíduos foi utilizado o método proposto por Oliver *et al.* (1978).

A análise dos caracteres discretos – também designados por não-métricos ou epigenéticos – foi feita segundo o proposto pelo método de Hauser e DeStefano (1989) para o crânio. Para o esqueleto pós-craniano, recorreu-se ao método de Finnegan (1978). Já para a morfologia dentária, seguiu-se o proposto por Turner e colaboradores (1991).

No que concerne à análise dentária, foi utilizado o sistema de nomenclatura internacional – sistema de dois dígitos – FDI, Taylor (1978). Para identificar o desgaste foi adotado o método de Smith (1984). Dentro da patologia dentária distingue-se a presença de cáries, cálculo dentário, doença periodontal e hipoplasias do esmalte dentário.

3.2. Práticas funerárias numa Lisboa Moderna

3.2.1. Estruturas Funerárias e Inumações: arquitetura, posição e orientação

Os trabalhos levados a cabo na Travessa de Santa Quitéria permitiram identificar de 14 sepulturas, tendo sido escavadas 12 delas, uma vez que as Sepultura 12 e 14 se encontravam abaixo da cota de afetação da obra. As estruturas funerárias caracterizam-se por serem individuais, apresentarem uma forma oval (sepulturas 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13) ou sub-retangular (sepulturas 3 e 9) e constituem fossas simples (sepulturas 2, 3, 4, 5, 6 e 13) ou são escavadas na rocha (sepulturas 1, 7, 8, 9, 10 e 11).

Os indivíduos podem ter sido depositados enrolados numa mortalha, como o botão identificado junto aos pés do indivíduo 4 parece indicar. Na sepultura 6, a presença de pregos em ferro na extremidade da sepultura indicia a utilização de um caixão.

Os enterramentos intervencionados correspondem a inumações primárias e os indivíduos encontram-se em decúbito dorsal, com os membros inferiores em extensão. Os membros superiores apresentam-se maioritariamente fletidos sobre o tórax ou abdómen. Os indivíduos das Sepulturas 9, 11 e 13 apresentam um membro superior em extensão e o outro fletido. Já o indivíduo da Sepultura 2 exibia os membros em extensão, com as mãos sobre a pélvis. Nos casos em que foi possível observar este parâmetro, os indivíduos apresentavam o crânio de frente, ou ligeiramente rodado para a direita (Figuras 8, 9 e 10).

Os indivíduos das Sepulturas 5, 6, 7, 9 e 11 apresentam uma orientação Este – Oeste. Os correspondentes às Sepulturas 2,

3, 8 e 10 têm uma orientação Nordeste – Sudoeste. A Sepultura 1 apresenta uma orientação Oeste – Este e as Sepulturas 4 e 13 estão orientadas a Sudoeste.



Figura 7 - Sepulturas 1, 4 e 13 (da esquerda para a direita).



Figura 8 - Sepulturas 3, 8, 10 e 11 (da esquerda para a direita).



Figura 9 - Sepulturas 5, 6, 7 e 9 (da esquerda para a direita).

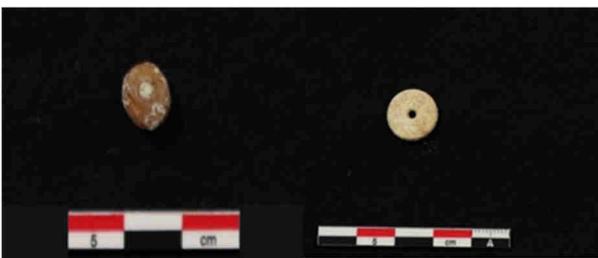


Figura 10 - Botão em osso encontrada no depósito da sepultura 1 [1010] e conta associada ao indivíduo 4 [2014].

3.2.2. Espólio associado

Os objetos que acompanham os indivíduos no enterramento podem fornecer informações valiosas sobre o período em que este viveu, o seu estatuto socioeconômico e as crenças religiosas da população. Nesta intervenção foi identificado um botão em osso junto dos pés do indivíduo da Sepultura 1. O indivíduo presente na Sepultura 4 apresentava um conjunto de contas na região do tórax (costelas direitas), de que apenas foi possível recuperar uma devido ao avançado estado de degradação.

3.2.3. Análise Tafonômica

Os processos tafonômicos que afetaram mais fortemente estes indivíduos estão relacionados com a ação humana. Em contextos de meio urbano são frequentes as intrusões antrópicas nos sítios arqueológicos uma vez que os espaços estão em utilização durante largas dezenas ou centenas de anos. Na presente amostra, três esqueletos (Sepulturas 5, 6 e 11) foram afetados na sequência das edificações presentes no sítio, nomeadamente pela construção de paredes, muros e de uma micro-estaca. Nas Sepulturas 4, 8 e 10 não foi possível determinar os eventos exatos que afetaram os esqueletos. Já nas Sepulturas 1, 2 e 9 a decapagem manual foi a responsável pela afetação dos indivíduos. Não obstante, foram recuperados todos os elementos ósseos dos mesmos.



Figura 11 - Preenchimento da Sepultura 3 com cal.

Nas Sepulturas 1, 2, 3, 5, 10 e 13 foi detetada a presença de cal sobre os indivíduos (Figura 11). Este componente seria utilizado para ajudar à decomposição dos corpos. A presença de árvores e das respetivas raízes no terreno terá contribuído também para a tafonomia. O caso mais evidente será a deslocação de vários ossos dos pés do indivíduo da Sepultura 1 (Figura 12)

A amostra sobre análise é caracterizada por um estado de preservação classificado entre Médio (50% dos indivíduos) e Bom (50%). No que à representatividade diz respeito, um indivíduo (8,3%) está representado até 25% do seu esqueleto; um outro (8,3%) entre 50 e 75%; e os restantes 10 indivíduos (83,3%) têm entre 75% a 100% do esqueleto representado.



Figura 12 - Afetação dos pés do indivíduo da Sepultura 1 pela presença de uma árvore.

Nesta intervenção existe o caso de uma sepultura sobre a qual importa ressaltar o método de escavação. Trata-se da Sepultura 2, que se encontrava por baixo de uma parede de edifício. Esta constitui-se como uma parede mestra e, como tal, não poderia ser descalçada sob risco de queda do edifício. Assim, chegou-se a um acordo com a obra e a DGPC e o esqueleto foi escavado em três fases, enquanto ia sendo reconstruída a parede (Figura 13).



Figura 13 - Escavação da Sepultura 2 em três fases: 1ª metade distal dos membros inferiores, 2ª fêmures e mãos, 3ª metade superior do esqueleto

3.2.4. Perfil Biológico e Paleopatologia

A presente amostra compreende 12 indivíduos: 10 adultos (83,3% da amostra) e 2 não-adultos (16,7%). Os indivíduos não-adultos correspondem a adolescentes, com idades compreendidas entre 15 e 17 anos (indivíduo da Sepultura 5) e 15 e 19 anos (Sepultura 10). O indivíduo da Sepultura 9 foi considerado adulto jovem, uma vez que deverá ter uma idade à morte de 20 a 21 anos. O esqueleto da Sepultura 7 representa um adulto jovem, próximo dos 28 a 30 anos, uma vez que a extremidade esternal da clavícula se encontra em fusão. Para além deste indivíduo, foram registados mais três adultos jovens (25% da amostra), que deverão apresentar uma idade compreendida entre 30 e 40 anos. Quatro indivíduos (33,3%) representam adultos de meia-idade e um (8,3%) foi classificado com uma facha etária mais alargada - jovem ou meia-idade. Para o indivíduo da Sepultura 8 não foi possível atribuir um intervalo etário, uma vez que o esqueleto não preservou zonas anatómicas discriminantes para este parâmetro.

Relativamente à diagnose sexual, a amostra é constituída por 11 indivíduos do sexo masculino (91,7%). Não foi possível determinar o sexo do indivíduo da Sepultura 8, visto que o mesmo preservava apenas as diáfises das tíbias e a fíbula esquerda (sem extremidade distal). Apesar de não ser habitual fazer a diagnose sexual para indivíduos não-adultos, nesta amostra optou-se por fazê-lo uma vez que os indivíduos são adolescentes tardios e, como tal, já têm os caracteres dimórficos definidos.

No campo da estimativa da estatura, foi possível estabelecer este parâmetro para 9 indivíduos (75% da amostra). O valor da altura dos indivíduos varia entre os 161,59 cm ($\pm 3,56$) e 172,07 cm ($\pm 3,56$).

Relativamente à morfologia dentária, foi registado um sulco lingual no FDI 22 do indivíduo da Sepultura 2 e nos FDI 11, 12, 21 e 22 do indivíduo da Sepultura 3. Já o indivíduo da Sepultura 9 exibe *Shovelling* nos FDI 12 e 22. O indivíduo da Sepultura 13 apresentava um tubérculo dentário no FDI 13, uma pérola de esmalte na superfície mesial do FDI 17 e um *Pit* na superfície bucal do FDI 37.

Os caracteres discretos presentes na amostra compreendem sutura metópica no indivíduo da Sepultura 4 e suturas metópica e supranasal no indivíduo da Sepultura 13. O primeiro indivíduo apresentava também facetas articulares no acrómio direito e esquerdo e no segundo registou-se a presença de fossa romboide nas clavículas, forâmen parietal, *foramina* laterais bipartidos nas vértebras cervicais, faceta de *Poisier* nos fêmures, nó *vastus nas* patelas, faceta dupla nos calcâneos, um sesamóide e de sinfalangismo no pé direito. Também o indivíduo da Sepultura 11 apresenta sinfalangismo do 4º dedo em ambos os pés. Verificou-se a presença de abertura septal apenas no úmero direito do indivíduo da Sepultura 1. O indivíduo da Sepultura 7 apresentava ossículos supranumerários na sutura lambdóide, não fusão bilateral do acrómio, fossa de Allen em ambos os fêmures, nó *vastus nas* patelas e dois ossos sesamóides em cada pé. Finalmente foi possível identificar uma perfuração do processo xifóide do indivíduo da Sepultura 9.

No que respeita à análise paleopatológica, a patologia degenerativa articular está presente em cinco indivíduos (41,7%) (Sepulturas 4, 6, 7, 11 e 13), encontrando-se sobretudo nas extremidades dos ossos longos, patelas e vértebras torácicas com uma intensidade ligeira a mediana. Nas afetações da coluna vertebral foi possível observar processos degenerativos nas facetas articulares de uma vértebra torácicas do indivíduo da Sepultura 7. O indivíduo da Sepultura 6 apresenta um nódulo de Schmorl numa vértebra lombar e o indivíduo da Sepultura 13 exhibe a mesma condição na coluna torácica e lombar.

A patologia degenerativa não-articular foi registada em oito indivíduos (66,7%) (Sepulturas 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10 e 13) com pouca gravidade, maioritariamente na inserção do ligamento rotuliano-quadrilátero das patelas, na inserção do ligamento tibio-fibular da fíbula, no côndilo lateral e crista supra condilar do úmero, na inserção do tendão de Aquiles dos calcâneos e na inserção dos flexores palmares das falanges proximais das mãos.

Foi apenas identificada uma possível lesão traumática, remodelada, através da presença de um calo ósseo numa costela direita do indivíduo da Sepultura 3.

Nos esqueletos da presente amostra foram identificados vestígios de patologia infecciosa em quatro (33,3%). O indivíduo da Sepultura 1 apresenta deposição de uma camada de osso woven na superfície visceral da extremidade vertebral das costelas direitas (entre a terceira e a décima costela) (Figura 14). Segundo Santos (2000), a observação macroscópica de formação de osso novo na superfície visceral das costelas acontece mais frequentemente na tuberculose pulmonar do que em outras doenças pulmonares. No estudo desenvolvido por Santos e Roberts (2006) que envolveu os indivíduos adultos da Coleção de Esqueletos Identificados de Coimbra, os resultados obtidos apontam para que 85,7% (54/63) dos indivíduos que morreram devido a tuberculose pulmonar apresentavam reação do perióstio, enquanto os que morreram de causas não relacionadas com a tuberculose, apenas 17,8% (16/90) foram afetados por estas lesões. Matos (2006) obteve resultados semelhantes para a

Coleção de Esqueletos Humanos Identificados do Museu Bocage (Lisboa): dos indivíduos que morrem de tuberculose pulmonar apresentam uma elevada prevalência de formação de osso novo (90,5% - 76/84), sendo que esta tende a concentrar-se na superfície visceral da extremidade vertebral de costelas adjacentes (85,6% das costelas que apresentam formação de osso novo). O padrão de distribuição das lesões pelas costelas é também idêntico nos dois estudos (Matos, 2006; Santos e Roberts, 2006): a primeira e décima segunda costelas são raramente envolvidas, sendo que as lesões se concentram preferencialmente entre a terceira e a sétima costelas. Apesar de não poder ser considerada patognomónica, a presença de lesões na superfície visceral da extremidade vertebral das costelas pode sugerir tuberculose pulmonar como diagnóstico diferencial.



Figura 14 - Superfície visceral da extremidade vertebral das costelas direitas do indivíduo da Sepultura 1.



Figura 15 - Tíbia direita do indivíduo da Sepultura 10.

O indivíduo da Sepultura 10 apresentava um processo infeccioso mais generalizado com alteração de forma das extremidades distais nas falanges distais das mãos e dos pés e inchaço e crescimento de osso novo nos membros inferiores, com maior ênfase para as tíbias (Figura 15).

Os indicadores de stresse fisiológico são um conjunto de alterações que se podem observar no esqueleto humano e

informam acerca dos períodos de desequilíbrio a que o indivíduo esteve sujeito (Cunha, 1994), podendo envolver fatores como doenças ou má nutrição. Um dos melhores exemplos consiste no indicador específico cribra orbitalia, observado em ambas as órbitas do indivíduo da Sepultura 9. Já o indivíduo da Sepultura 10 apresenta cribra femoralis nos dois os fémures.

Os dentes estão sujeitos a stresses contínuos de origem mecânica, química e patogénica, desde a sua erupção, sendo afetados pelo tipo de dieta, o que faz deles indicadores por excelência de perturbações nutritivas e ambientais (Cunha, 1994). As doenças mais comuns que afetam os dentes estão relacionadas com a placa dentária, a qual pode mineralizar – passando a designar-se tártaro ou cálculo – sendo, deste modo, possível avaliar a presença de placa dentária em indivíduos esqueléticos (Hillson, 2000; 2005). Na presente amostra, os oito indivíduos que preservam dentição (66,7%) apresentam cálculo dentário num grau ligeiro nos quadrantes posteriores e médio a grave na dentição anterior. Esta condição é mais notória nas superfícies bucal e lingual dos incisivos inferiores.

As cáries são caracterizadas por um processo de desmineralização focal do esmalte ou dentina por ácidos orgânicos produzidos por fermentação bacteriana de hidratos de carbono (Hillson, 2000). Estão presentes em 41,7% (n=5) da amostra, com diferentes graus de severidade (de ligeiro a muito grave) e número de dentes afetados (de uma peça dentária – indivíduo da Sepultura 13 – a seis dentes – indivíduo da Sepultura 1), sendo os molares os dentes mais atingidos.

A periodontite provoca a perda progressiva dos tecidos de suporte do dente e, em última instância, pode conduzir à perda dentária (Hildebolt, Molnar, 1991; Ortner, 2003). Esta condição está presente em cinco (41,7%) dos indivíduos identificados neste trabalho (Sepulturas 2, 3, 4, 9 e 13).

No que respeita à perda dentária antemortem, esta ocorre em 25% dos indivíduos (n=3), na dentição posterior, sobretudo nos molares inferiores.

Estão também presentes hipoplasias do esmalte dentário (HED), que correspondem a indicadores de stress não específico e consistem em alterações na espessura do esmalte. Estas lesões fornecem um registo retrospectivo e longitudinal dos distúrbios de crescimento aquando da formação do esmalte e pode ocorrer devido a stresses nutricionais ou outros tipos de pressões sofridas durante a infância (Neiburger, 1990). É visível em três os indivíduos (25%) (Sepulturas 2, 3 e 5) em todos os quadrantes dentários.

Não obstante o desgaste dentário não ser considerado uma patologia, inclui-se nesta secção, uma vez que o stress mastigatório pode favorecer o aparecimento de patologias orais (Roberts, Manchester, 2005). O desgaste está presente em todos os indivíduos que preservam dentição, com uma intensidade ligeira de grau 2 e 3 à exceção do indivíduo da Sepultura 7, onde o nível de desgaste é médio (4,1). De destacar a identificação de desgaste atípico na dentição

anterior de três indivíduos (Sepulturas 1, 3 e 13), formando um círculo entre os incisivos laterais e os caninos ou os caninos e os primeiros pré-molares superiores e inferiores (Figura 16). Esta alteração poderá ser o resultado da utilização persistente destes dentes para apreensão de cachimbos.



Figura 16 - Desgaste atípico na dentição anterior direita do indivíduo da Sepultura 3.

4. Considerações Finais

A intervenção realizada na Travessa de Santa Quitéria, 14-16, permitiu identificar uma necrópole Moderna associada ao Mosteiro de São Bento da Saúde. Os escassos materiais arqueológicos identificados enquadram-na entre os finais do século XVII e os meados do século XVIII, anterior à construção da própria rua, construída em 1759.

Nos meados do século XVIII foram realizadas várias ruas nas imediações do Mosteiro, sendo estas “talhadas na cerca do Convento de S. Bento” (Araújo, XI: 31), reduzindo consideravelmente a dimensão da cerca.

A necrópole identificada apresenta uma organização espacial e provavelmente tem continuação na direcção do actual Beco de Santa Quitéria, antigo Beco dos Mortos, cujo nome foi alterado já no século XIX.



Figura 17 - O Mosteiro de São Bento da Saúde num painel de azulejos, c. 1735, MNA.

Os dados recolhidos, revelam uma amostra constituída por um número mínimo de 12 indivíduos, todos in situ. De acordo com os perfis biológicos traçados, verificam-se dois (16,7%) não-adultos (adolescentes) e 10 (83,3%) adultos. Relativamente à diagnose sexual, com base nas características morfológicas e/ou métricas foram identificados

11 (91,7%) indivíduos do sexo masculino e um (8,3%) onde esta análise se mostrou indeterminada. Os enterramentos apresentavam escasso espólio associado.

A presença de uma população exclusivamente masculina na necrópole e a sua inserção na cerca do Mosteiro de São Bento da Saúde levou-nos a ponderar a hipótese de se tratar de frades sepultados próximos do limite da cerca.

No entanto, as inumações de frades do Convento de Jesus, próximo da área em análise, com espólio de cariz religioso associado (Cardoso, 2017), levou-nos a matizar a hipótese de nos encontrarmos perante enterramentos de frades.

A presença de patologias infecciosas, associadas desde sempre a militares (Ortner, 2003), e a referida presença de indivíduos exclusivamente do sexo masculino parecem indicar que se trata de uma população de cariz militar. De referir, que uma amostra semelhante, embora com uma diacronia maior, foi identificado na necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge (Henriques et al., 2020).

Os indivíduos são todos do sexo masculino, com idades abrangendo os não adultos até aos adultos de meia-idade, não se tendo observado qualquer lesão traumática ocorrida no momento da sua morte. Por conseguinte, e mesmo que não associada facilmente a um evento histórico poderemos estar perante enterramentos de militares, pois sabemos que o tratamento e enterramento de militares existia para além das épocas de guerras (Ortner, 2003), como se observa noutra necrópole na cidade de Lisboa, no Hospital Militar do Castelo de São Jorge (Henriques et al., 2020).

Referências bibliográficas

ALBERT, A. M.; MAPLES, W. R. (1995) – Stages of epiphyseal union for thoracic and lumbar vertebral centra as a method of age determination for teenage and young adult skeletons. *Journal of Forensic Science*. 40(4): 623-633.

ANTUNES, M. T. (2006-2007) – *Vítimas do terramoto de 1755 e o convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) – tentativa de síntese*. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa. 43 (2): 213-242.

ARAUJO, N. de (1993) – *Peregrinações em Lisboa*. Livro XI. Lisboa. Veja.

BACCINO, E.; SCHMITT, A. (2006) – Determination of adult age at death in the forensic context. In: Schmitt A, Cunha E, Pinheiro J. (eds) *Forensic anthropology and medicine: complementary sciences from recovery to cause of death*. New Jersey: Humana Press: 259-280.

BROOKS, S.; SUCHEY, J. M. (1990) – Skeletal age determination based on the os pubis: A comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Journal Human Evolution*. 5: 227-238.

BRUZEK, J. (2002) – A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *Am J Phys Anthropol*. 117: 157-168.

BUIKSTRA, J.; UBELAKER, D. (1994) – Standards for data collection from human skeletal remains. *Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History*. Arkansas. Arkansas Archaeological Survey Research Series 44.

CARDOSO, J. L. (2006-2007) – Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa. 43 (2): 243-282.

CARDOSO, J.L. (2017) – Primeira evidência das vítimas do terramoto de 1755 na cidade de Lisboa comprovada pelas escavações

arqueológicas realizadas no antigo Convento de Jesus. *Testemunhas do Caos | As Faces do Terramoto de 1755*. Lisboa.

CATÁLOGO (2016) – *Testemunhas do Caos. Faces do terramoto. Catálogo da exposição*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

CUNHA, E. (1994) – *Paleobiologia das Populações Medievais Portuguesas: Os casos de Fão e S. João de Almedina*. Dissertação de doutoramento em Antropologia, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. Coimbra. Universidade de Coimbra, [Policopiado]

FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STOUKAL, M. (1980) – Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*. 9(7): 517-549

FINNEGAN, M. (1978) – Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy*. 125(1): 23 – 37.

FRANCA, JOSE AUGUSTO (1999) – *O Palácio de São Bento*. Lisboa. Assembleia da República – Divisão de Edições.

FRANÇA, JOSE-AUGUSTO (2008) – *Lisboa – História Física e Moral*. Lisboa. Livros Horizonte.

HAUSER, G.; De STEFANO, G. (1989) – Epigenetic variants of the human skull. Stuttgart. Schweizerbart.

HILDEBOLT, C. F.; MOLNAR, S. (1991) – Measurement and description of periodontal disease in anthropological studies. In: Kelley, M.; Larsen, C. S. (eds.). *Advances in dental anthropology*. New York, NY: Allan R. Liss: 225-240.

HILLSON, S. (2000) – Dental pathology. In: Katzenberg MA, Saunders SR (eds). *Biological anthropology of the human skeleton*. New York. Alan R. Liss: 249-286.

HILLSON, S. (2005) – *Teeth. Cambridge Manuals in Archaeology*. 2ª Edição. Cambridge. Cambridge University Press.

http://grizzlie.erin.utoronto.ca/~mroksand/_private/Disposition.doc.

LISBOA, Amador Patrício de (1758) – *Memórias das principais providências, que se derão no terremoto, que padecido a Corte de Lisboa no anno de 1755*. Sem local de impressão nem indicação de oficina.

LOVEJOY, C. O.; MEINDL, R. S.; PRYZBECK, T. R.; MENSFORTH, R. P. (1985) – Chronological metamorphosis of the auricular surface of the ilium: a new method for the determination of adult skeletal age at death. *American Journal of Physical Anthropology*. 68:15–28.

MACLAUGHLIN, S. M. (1990) – Epiphyseal Fusion at The Sternal End of The Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample. *Antropologia Portuguesa*. 8: 59 - 68.

MATOS, V.; SANTOS, A.L. (2006) – On the trail of pulmonary tuberculosis based on rib lesions: results from the Human Identified Skeletal Collection from the Museu Bocage (Lisbon, Portugal). *American Journal of Physical Anthropology*. 130(2): 190-200.

NEIBURGER, E. J. (1990) – Enema Hypoplasia: Poor Indicator of Dietary Stress. *American Journal of Physical Anthropology*. 82(2): 231-233.

OLIVIER, G.; AARON, C.; FULLY, G.; TISSIER, G. (1978) – New estimations of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*. 7: 513-518.

ORTNER, D. (2003) – *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. 2a ed. Amsterdam. Academic Press.

ROBERTS, C.; MANCHESTER, K. (2005) – *The Archaeology of Disease*. Gloucestershire. Sutton Publishing Ltd.

SANTOS, A. L. (1999-2000) – Os caminhos da paleopatologia – passado e desafios. *Antropologia Portuguesa*. 16/17: 161-184.

SANTOS, A.L.; ROBERTS, C.A. (2006) – Anatomy of a serial killer: differential diagnosis of tuberculosis based on rib lesions of adult individuals from the Coimbra Identified Skeletal Collection, Portugal. *American Journal of Physical Anthropology*. 130(1): 38- 49.

SILVA, A. M. (1995) – Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*. 13: 107-119.

SMITH, B.H. (1984) – Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology*. 63: 39-56.

TURNER, C. G.; NICHOL, C.; SCOTT, G.R. (1991) – Scoring procedures for key morphological traits of the permanent dentition: the

Arizona State University Dental Anthropology System. In: Kelley, M.; Larsen, C. (eds.). *Advances in Dental anthropology*. New York. Wiley-Liss: 13 - 31.

UBELAKER, D. (1989) – *Human Skeletal Remains - excavation, analysis, interpretation*. Second edition. Washington. Smithsonian Institute.

WASTERLAIN, R. S. (2000) – *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [Policopiado].

HENRIQUES, S.; CARVALHO, L.; AMARANTE, A.; WASTERLAIN, S. (2020) – A necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna. *III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Porto.

O MITO, IMANÊNCIA DAS IMAGENS. (ÍDOLOS, PETRÓGLIFOS E SIMULACROS).

Hugo Bernardo Barreiros¹

O presente ensaio, um excerto da dissertação realizada na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa intitulada *O Mito: Imanência das Imagens* (2022), orientada pelo Prof. Tomás Maia e arguida pelo Prof. Manuel Castro Caldas e pela Arqueóloga Lucy Shaw Evangelista, abarca a temática do Mito como incógnita de uma manifestação espiritual, oriunda no ritual primitivo da humanidade.

A obra artística que consubstancia tal signo imanente na persistência desse acto de natureza mítica, jaz como símbolo onírico e eterno retorno de um abismo original. Conforme nos indica Mircea Eliade, os mitos actuam como «valorização metafísica» de uma «verdade absoluta» — *um princípio que se religa a um fim que eternamente se repete, o mito da origem* (Eliade, 1957, p.9).

Nesses primeiros vestígios artísticos, artefactos, estatuetas e signos pictóricos pré-históricos, convoca-se tal herança — a profunda reflexão sobre o mistério de uma primordial narrativa *mitológica*. As pinturas e petróglifos parietais de *Lascaux* e *Chauvet*, ídolos calcolíticos, máscaras de rostos primitivos, figuras totémicas ameríndias e cerimónias tribais de povos africanos, simbolizam a criação artística traduzida em prática ritual e enquanto testemunho do pensamento espiritual destes primeiros *homens*.

De igual modo as mediações antropológicas expressas pelas indagações e estudos dos *ídolos* ibéricos de Katina Lillios e os petróglifos de Foz Côa, culminando nas escavações arqueológicas de Lucy Shaw Evangelista e António Valera no Complexo Arqueológico dos Perdigões, indicam a importância desta incontornável problemática.

Transversalmente afirma uma aproximação ao cruzamento histórico do campo antropológico, a reflexão em torno do lugar de pertença — *a profundidade mítica da alma humana*. A par desta mesma questão, encontra-se uma prática artística, convergindo nesta temática por força da concepção desta ficção: o sonho enquanto reinvenção.

Tal gesto criador, pretensamente *demiúrgico*, expressa o poder deste fazer, *um pensamento que sente*. No eco do passado, através da contemporaneidade, está o âmago do autor na reminiscência dos seus despojos e no eco de memórias e apropriações. Tome-se como exemplo a obra *Totem*, uma efígie dessa mesma pertença — o contágio da unidade temporal que converge no marco espacial desta escultura pintada (Figura 1 e 2).



Figura 1 - Hugo Bernardo, 2023. *S/ Título (Totem)*. Acrílico e esmalte s/madeira de Plátano, 74 x 44 x 258 cm (Vista instalativa, Espaço Pontes, Fundão)

¹ Formado em Artes Plásticas no Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual) onde lecciona. Mestre em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa hugobernardobarreiros@gmail.com



Figura 2 - Hugo Bernardo, 2023. *S/ Título (Totem)* (detalhe)

ÍDOLOS (Petróglifos e Simulacros)



Figura 3 - Ídolo *El Conquero*. Pedra cilíndrica de calcário gravado (*Petróglifo*) III Milénio a.C. (Calcolítico). Museu Arqueológico de Huelva (Espanha).

I. Grafia e Alquimia

Por definição o processo da gravura, na sua complexa e imprevisível artesanía, despoleta a possibilidade de uma inerente alquimia — a pretensa matéria-prima da mítica busca pela *pedra filosofal*. Um acontecimento em si, como compreende James Elkins, sobre o «encontro com todas as substâncias» algo que permite ao alquimista (na qualidade de artista) o «conhecimento intuitivo sobre toda a matéria» (Elkins, 2000: 7).

Para Elkins, «as artes plásticas são alquimias que gerem e veiculam materiais sólidos e líquidos» — a fusão da água e da pedra através de uma «arte capaz de criar substâncias que nenhuma outra fórmula descreverá» (*idem*: 1-19). Na produção desse mistério surge a «atração sobre matérias puras inomináveis», ecoando o «reflexo indecifrável sobre o próprio reflectido» (*ibidem*: 38, 45).

Nesse fazer persiste a ideia de que «os materiais são trabalhados sem conhecimento das suas propriedades», fruto da pura sensação e da «experimentação cega» (*ibidem*, p.9). Assim sendo e no pressuposto de que «nada é sabido e tudo é possível» (p.39), subentende-se o modo como estas «substâncias não só ocupam a mente» mas «compõem a própria mente» (*ibidem*: 116).

Assim é que, na produção de matrizes realizadas por incisão manual e gravação química, resulta uma metodologia acidentada traçada por diversas possibilidades operativas. De outro modo o resultado da reprodução gráfica permite o registo dessas diversas etapas compositivas numa cronologia visual sobre a sua própria construção. Riscar, gravar, lixar, polir, tintar e lavar indiciam uma fastidiosa, operária e repetida acção que em si materializa a unicidade da marca original preservada pela repetição da obra multiplicada.



Figura 4 - Ídolo, gravura em placa de xisto. III Milénio a.C., Museu Nacional de Arqueologia (Portugal).

II. Arqueologia e Petróglifos

O corpo de gravuras referente à série *Ídolos*, especificamente os objectos apropriativos de chapas metálicas (Figuras 6 e 9), testemunham uma hibridez que subverte a lógica do *múltiplo* por força da reinvenção do entalho na sua convenção disciplinar. Ostentadas como objectos escultóricos, as chapas adaptadas enquanto instalação revelam qualidades extra-correntes à sua função pelo abandono da sua mecânica de impressão. A bitola ou a matriz é assim eleita na qualidade de peça autónoma.

Figurando símbolos iconográficos ibéricos — simulacros neolíticos baseados em *ídolos almerienses*, placas de xisto (Figura 4) e estatuetas de *olhos solares* (Figura 3) — afirma-se a hipotética invocação de entidades primordiais. Tal modelo como refúgio imaginário alude a primitivos deuses pagãos como desejo de reviver uma realidade paranormal tutelada por um ente progenitor que se antevê no passado.

As placas gravadas, nas suas «características antropomórficas» representam em hipótese «uma Deusa Materna, num culto difundido e proveniente do Mediterrâneo», assim sugere Katina Lillios. Acrescem aos padrões geométricos «baseados em tramas textéis» a função de «emblemas hieráldicos», retratos e geneologia desses povos. Ultimamente, haveria também a «função do ritual funerário» (Lillios, 2002: 135-151) enquanto desenho acerca da individualidade destes mortos.

Estas miniaturas – posteriormente ampliadas — reencarnam a vida calcolítica à luz do presente, numa miragem de seres que silenciosamente nos encaram. O arqueólogo Victor S. Gonçalves vislumbra essa mesma epifania, relatando a génese incandescente destes símbolos na época da descoberta dos metais — «*Olhos de Sol, Olhos de Fogo. O mesmo fogo que derretia o cobre nos cadinhos?...*» (S. Gonçalves, 2006: 168).

De igual maneira, para António Valera e Lucy S. Evangelista, estes «figurinos antropomórficos da pré-história recente» despoletam um «absoluto fascínio» – «suster um ornamentado cilíndrico de calcário ou uma representação explícita do corpo humano» convoca uma relação que nos «aproxima da humanidade» que originalmente «as criou». Tais «objectos, raros e ambíguos (...) transportam-nos para uma dimensão simbólica, mágica e religiosa» pelo «poder que exercem» na qualidade de «ídolos, deuses, deusas e outras figuras transcendententes» (Valera; Evangelista, 2014: 286-300).

A importância dessa relação mágica, a ritualística como fundamento antropológico, é prevista pelo filósofo Peter Sloterdijk, pelo facto de o homem enquanto ser religioso encarar a natureza e o «sobremundo» através de «ritos surreais e práticas simbólicas». Resulta o testemunho sobre o conflito da «mortal e vulnerável condição do homem», plasmada através de «antecipações imaginárias e armamentos mentais» (Sloterdijk, 2018: 17-23).

São, em suma, elementos que testemunham o acto de esculpir a matéria mais durável da pedra – um receptáculo sagrado como preservação desse conteúdo inteligível e

herança imortal. Estes objectos designam arquétipos funerários, esqueleto sob o qual se inscreve a humanidade, representações daquilo que «encarna algo muito antigo, algo que ascende de fontes imemoriais», algo que «simboliza um magma divino em que algo da primeira força ordenadora, tão antiga como o próprio mundo, se torna manifesto» (*Ibidem*: 39).

III. A voz da pedra

De outro modo e a par dos *Ídolos*, as grutas e gravuras rupestres situadas no Vale do Côa (Figura 5), gravações pré-históricas provenientes do paleolítico-superior (30.000 – 12.000 a.C.) ou *petróglifos* de ténues esboços zoomórficos em gestos lascados por abrasão da rocha xistosa, prosseguem o característico culto mítico da humanidade primitiva.

A idolatria presente nesta série gravada replica a prestidigitação dessa manualidade petroglífica, o mesmo visual estético destes artefactos. O desgaste e a erosão do próprio material, como sinal da passagem do tempo, como que se de um vestígio arqueológico se tratasse na consequente acção do banho ácido e do desbaste do entalho como aceleração da sua ruína.

Na geometria do desenho dessas linhas recortadas, numa luz branca sobre um negro profundo, surge um trajecto ilusionista, traçado por códigos omissos de entes ancestrais – seres transportadores de uma *luz sombria*, vultos que pernoitam na história, os mitos e as lendas dos antepassados.

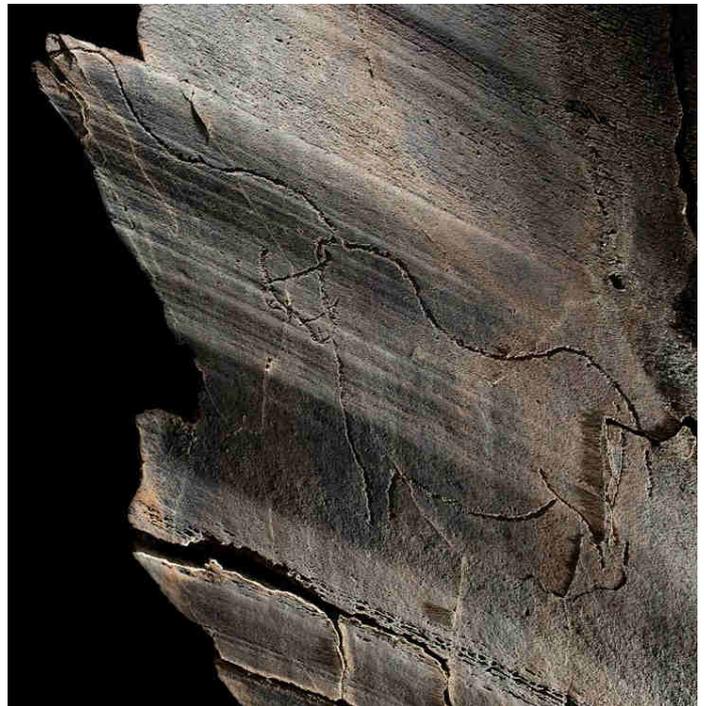


Figura 5 - Gravura rupestre (pedra xistosa), Vale do Côa (Ribeira de Piscos). 30.000 – 25.000 a.C. (Paleolítico Superior).

Suspensos, como que flutuando no vácuo em plena ausência gravitacional ou estacionários como monólitos, actuam como eixos (*axis mundi*) na confrontação espacial com o espectador despojado do espaço comum em detrimento de um lugar oculto e cósmico. Na interioridade da pretensa pedra inanimada, percuta uma chamada ou reflexão protagonizada pela voz divina rochosa; Sloterdijk refere semelhante metáfora sobre tal inominável confrontação:

Descobriu uma pedra que encarna muito simplesmente o torso da “religião”, da ética, do ascetismo: um artefacto que emite do alto um apelo, reduzido ao comando puro, à instrução incondicional, à exteriorização translúcida do Ser, que pode ser compreendido – e só fala no imperativo. (ibidem: 40).

Nessa ordem de chamada, alegadamente celestial, poderá intuir-se a possibilidade do proferir da seguinte mensagem como que pertencente a um género de mandamento: «Abandona a tua tendência para os modos de vida confortáveis (...) Escuta a voz que vem da pedra (...) Aproveita a oportunidade de treinares com um deus!» (ibidem: 43).

No seu ensaio, *Origem da Espécie*, Alberto Mussa classifica esta relação mítica como sendo um acontecimento que destoa ou que não coincide com o tempo da «ordem cósmica actual», remetendo para um «tempo original» ou inicial. Esta fábula explica «códigos sobre o pensamento cosmogónico e cosmológico do meio étnico onde opera» (Mussa, 2021, p.20).

Aqui, a actividade realizada estabelece pela apropriação narrativa um reviver actualizado dessa memória, processo este que pretende «ser sensível ao meio» em questão, sem, no entanto, «ser condicionado por ele». Deste modo e para Mussa, «o narrador mítico é um artista livre, ainda que não seja um criador, e sim repetidor, actualizador, ou executor de um repertório tradicional preexistente» (p.60).

Na universalidade de tais códigos e no manancial do seu vocabulário literário, ainda que a «sua execução não seja exactamente idêntica à anterior», demonstra-se o modo como essa «liberdade se manifesta na maneira particular e original» de «narrar um mito» (ibidem).

Por fim, retornando desse princípio até à nossa actualidade, este signo transformado, disponível para quem de espírito livre queira olhar, efabula uma outra hipótese num novo tempo, como miragem desse legado imaterial. Enquanto objecto mágico ou espiritual, veicula através do artista (enquanto porta-voz dessa mesma mensagem) uma didáctica confrontacional corporalizada por uma presença profética e aureolar.



Figura 6 - Hugo Bernardo, 2021. *S/ Título (Ídolo)*. Chapa de zinco gravada, tintada e moldada, 100 x 65 cm (vista expositiva, Centro Cultural de Cascais).

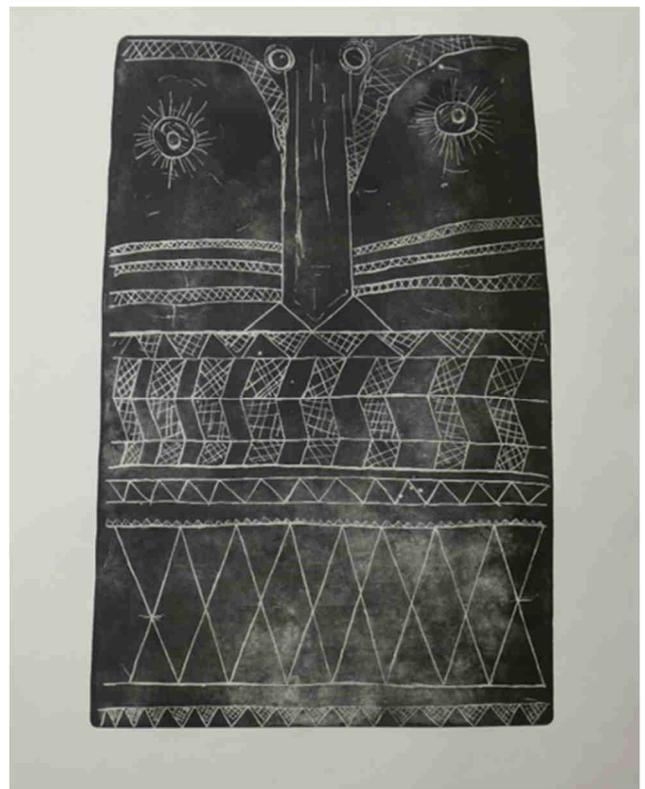


Figura 7 - Hugo Bernardo, 2021. *S/ Título (Ídolo)*, 1/1 Água-tinta e água-forte s/papel de algodão, 160 x 100 cm.



Figura 8 - Hugo Bernardo, 2021. *S/ Título (Ídolos)*, 1/1 Serigrafia s/papel de algodão, 140 x 105 cm.



Figura 9 - Hugo Bernardo, 2021. *S/ Título (Ídolo)*. Chapa suspensa de latão, gravada e tintada, 45 x 60 cm (vista expositiva, Centro Cultural de Cascais).

Referências Bibliográficas

- ELIADE, Mircea (2019) – *Mitos, Sonhos e Mistérios [1957]*. Edições70. (trad. Samuel Soares).
- ELKINS, James (2000) – *What Painting Is: How to Think about Oil Painting, Using the Language of Alchemy*. Routledge Press.
- GONÇALVES, Victor (2006) – Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular (Sete Placas de xisto gravadas). *O Arqueólogo Português*. Série IV (24): 167-231.
- LILIOS, Katina (2002) – Some new views of the engraved, slate plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5(2): 135-151.
- MUSSA, Alberto (2021) – *A Origem da Espécie [O roubo o fogo e a noção de humanidade]*. Editora Record.
- SLOTTERDIJK, Peter (2018) – *Tens de Mudar de Vida [Sobre a Viragem Antropotécnica]*. Relógio de Água (trad. Carlos Leite).
- VALERA, A.C.; EVANGELISTA, L.S. (2014) – Anthropomorphic Figurines at Perdigões Enclosure. *European Journal of Archaeology*. 17(2): 286-300.

Fontes Visuais

[Registo fotográfico da minha obra artística de minha exclusiva autoria]

Fig.3 - *Ídolo El Conquero*. Pedra cilíndrica de calcário gravado (Petróglifo) III Milénio a.C. (Calcolítico). Museu Arqueológico de Huelva (Espanha). [Domínio: Museu Arqueológico de Huelva]. Fonte: <https://terraeantiquae.com/m/group/discussion?id=2043782%3ATopic%3A213445>

Fig. 4 - *Ídolo*, gravura em placa de xisto. III Milénio a.C., Museu Nacional de Arqueologia (Portugal). [Domínio: Museu Nacional de Arqueologia].

Fonte:<http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=8693> 89

Fig. 5 - Gravura rupestre (pedra xistosa), *Vale do Côa* (Ribeira de Piscos). 30.000 – 25.000 a.C. (Paleolítico Superior), [Domínio: Museu do Côa]. Fonte: <https://arte-coa.pt/visitas/ribeira-de-piscos/>

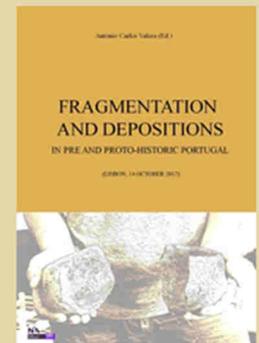
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2022)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

